Inventário da Língua Guarani Mbya

Inventário Nacional da Diversidade Linguística

INVENTÁRIO DA LÍNGUA
GUARANI MBYA

Inventário Nacional da Diversidade Linguística

Conselho Federal Getor do
Fundo de Defesa de Direitos Difusos

Ministério da
Justiça
Secretaria de
Direito Econômico

Ministério da
Cultura
IPHAN

IPOL Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística
Rua Lauro Linhares, 2123 – Torre A – Sala 713 / CEP 88036-002 – Florianópolis/SC – Brasil
Fone/Fax +55 48 3234 – 8056 / correio eletrônico: ipol@ipol.org.br / página: www.ipol.org.br
Coordenação Geral: Gilvan Müller de Oliveira
Coordenação Executiva: Márcia R. P. Sagaz

Inventário da Língua Guarani Mbya
Coordenação Geral: Rosângela Morello
Coordenação Adjunta: Ana Paula Seiffert
Organização do livro: Rosângela Morello e Ana Paula Seiffert
Apresentação: Gilvan Müller de Oliveira
Versão da Apresentação em Guarani: Myrian L. Candido e Wanderley Cardoso Moreira
Colaboração: Bárbara Robertson, Gilvan Müller de Oliveira, Karina Mendes Thomaz, Márcia R. P. Sagaz, Marci Filleti Martins, Tom Durand e Ricardo Ariél Bilck
Capa: Cristiano Dums
Projeto Gráfico e Diagramação: Rodrigo Dias Pereira
Mapas: Ricardo Ariél Bilck
Revisão: Claudia Leal Estevão Brites Ramos e Dacio Luiz Osti
Registro de imagens (fotos): Ana Sheli Trentin Altamiranda, Eduardo Gonçalves Dias, Joana Vangelista Mongelo, Mariela Felisbino da Silveira e Ricardo Ariél Bilck

---

Inventário da Língua Guarani Mbya - Inventário Nacional da Diversidade Linguística / Organização Rosângela Morello e Ana Paula Seiffert – Florianópolis : IPOL : Editora Garapuvu, 2011
184p.

ISBN - 978-85-86966-74-3

1. Inventário da Língua 2. Língua Guarani 3. Línguas indígenas I. Titulo

CDD - 400

---

www.editoragarapuvu.com.br

2011

Está proibida a reprodução total ou parcial desta obra.
Projeto-Piloto Executado através do Convênio MJ/SDE/FDD nº 088/2009.
Processo 08012.003743/2008-70
Exemplar de cortesia, proibida sua venda.
Impresso no Brasil.

Inventário da LÍNGUA GUARANI MBYA

Execução do Inventário da Língua Guarani Mbya

Instituição Executora: IPOL Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística: Instituição de direito privado, sem fins lucrativos, com atuação especializada no campo de políticas linguísticas desde 1999.

Coordenação do IPOL: Gilvan Müller de Oliveira

Equipe do ILG

Coordenação Geral: Rosângela Morello

Coordenação Adjunta: Ana Paula Seiffert

Coordenação Executiva: Márcia R. P. Sagaz

Secretaria Executiva: Claudia Leal Estevão Brites Ramos, que ocupou esta secretaria nos primeiros meses do ILG, e Daiana Hinkel

Consultoria em Linguística: Gilvan Müller de Oliveira e Marci Filleti Martins

Consultoria em Antropologia: Aldo Litaiff

Pesquisadores Colaboradores: Pesquisadores do Observatório Linguístico da Educação Escolar Indígena (OLEEI)

Metodologia de Pesquisa de Campo: Alberto Gonçalves e Rosângela Morello

Sistematização de Procedimentos Metodológicos para o INDL: Ana Paula Seiffert e Rosângela Morello

Pesquisa em Arquivos Digitais: Tom Durand e Alberto Gonçalves

Desenvolvimento da Base de Dados: Gabriel Ferrari (analista de sistemas) e Marcelo Cardoso (programador)

Recepção de Materiais e Qualificação de Dados para a Base: Bárbara Robertson dos Santos

Serviços Técnicos em Informática: Marcos Diogo de Andrade

***Design* de Materiais de Divulgação:** Cristiano Dums

Registro e Edição de Imagens (vídeos): Eduardo Gonçalves Dias

Transcrição em Guarani e tradução do Guarani para o Português dos vídeos: Joana Vangelista Mongelo, Comunidade Morro dos Cavalos/SC; e Myrian L. Candido e Wanderley Cardoso Moreira, Mbiguaçu/SC

Registro de imagens (fotos): Ana Sheli Trentin Altamiranda, Eduardo Gonçalves Dias, Joana Vangelista Mongelo, Mariela Felisbino da Silveira e Ricardo Ariél Bilck

Desenvolvimento de mapas: Ricardo Ariél Bilck

Elaboração de Mídia em DVD-ROM: Ana Maria Guizzo e Cristina Estefano

Análise de dados para o relatório: Karina Mendes Thomaz e Kenya Simas Tridapalli

Relatório: Ana Paula Seiffert e Rosângela Morello

Texto da Apresentação: Gilvan Müller de Oliveira

Versão da Apresentação em Guarani: Myrian L. Candido e Wanderley Cardoso Moreira

Revisão final do texto: Ana Paula Seiffert e Rosângela Morello

Recenseadores

1ª Fase: Cláudia Araújo, Cristiano Neves, Gilmarina Subuztisk e Paulo Subuztisk

2ª Fase: Ana Carolina Caridá, Ana Sheli Trentin Altamiranda, Celso Senna Alves Neto, Daniel Jorge Lima Melo Habib, Eduardo Gonçalves Dias, Érica Naomi Saito, Luciana Renata Ribeiro, Márcio Roberto Santos Rios, Mariela Felisbino da Silveira, Nathália Bernadinetti, Ricardo Ariél Bilck, Rodrigo Montoro, Vinícius D. Renduzilli. Atuaram também Simone Valentini e Toni Bandeira, pesquisadores do Projeto GUARANI TEKOA JEVY-PR, e Maria de Fátima Oliveira, da FUNAI Aracruz/ES.

Articuladores Guarani: Abílio da Silva Martins, Anderson Silveira, Edson Rodrigues, Joana Vangelista Mongelo, Lucas da Silva, Ronaldo de Castro e Ronaldo Mariano Rodrigues. Atuou também Hélio Kozikoski

Agradecimentos

A todos os caciques Guarani.
Aos Articuladores Guarani: Abílio da Silva Martins (Pakuri Ty – SP), Anderson Silveira (Pindo-Ty – SP), Joel (Cacique Aldeia Mato Preto – RS), Lucas da Silva (Arandu Mirim – RS), Ronaldo de Castro (Itaoca – SP) e Ronaldo Mariano Rodrigues (Itati Mirim – RJ).
A FUNAI, na pessoa da Sra. Francisca Picanço.
As Coordenações Regionais da FUNAI de:
Porto Alegre, na pessoa de João Mauricio Farias;
Passo Fundo/RS, nas pessoas de Jorge Carvalho e Adir Reginato;
Litoral Sul/SC (Florianópolis), na pessoa de João Alberto Ferrareze; e
Litoral Sudeste/SP, na pessoa de Amaury Vieira.
As Coordenações Técnicas da FUNAI de:
Governador Valadares/MG, nas pessoas de Francisco Rocha e Maria de Fátima Oliveira;
Peruíbe/SP, na pessoa de Cristiano Hutter;
Paranaguá/PR, na pessoa de Marcos Pedro;
Paraty, na pessoa de Cristino Cabreira Machado;
Registro/SP, na pessoa de Washington Luiz Pereira de Souza; e
Osório, na pessoa de Francisco Witt.
A Aluisio Azanha, Cesar Hoffann Larto e Francisco Oliveira da FUNAI.
Ao Polo FUNASA de Araquari/SC, na pessoa de Geraldo Costa.
A Secad (MEC), na pessoa de Suzana Grilo.
Ao Museu do Índio/RJ, na pessoa de José Carlos Levinho.
À Secretaria de Estado da Educação do Paraná (gestão 2007-2010) – Departamento da Diversidade – Coordenação da Educação Escolar Indígena, nas pessoas da Sra. Cristina Cremonese e Sra. Maria Cristina Müller, além de Aldreia Gouveia, Anabel Nascimento, Dirceu José de Paula Iozodora Branco de George, Leila do Rocio da Silva, Lilianny Rodrigues e Raquel Marschner.
Ao professor Paulo Humberto Porto Borges, do Colegiado de Educação de Foz do Iguaçu, da Universidade Estadual do Paraná (UNOESTE).
A Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina, na pessoa de João Oscar.
Ao Shopping Trindade, na pessoa de Camila Medina Grosskopf.
Ao Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, na pessoa do Professor Felício Margotti.
A Cristiano Dums, Cristiano Neves e Henrique Poll.

SUMÁRIO

Apresentação (versão Guarani) 11

Apresentação 13

Introdução 17

Capítulo 1 - Metodologia 23

Capítulo 2 - Identificação da língua 33

Capítulo 3 - Demografia 37

Capítulo 4 - Língua, história, cultura 71

Capítulo 5 - O território linguístico Guarani Mbya 83

Capítulo 6 - A língua e seus funcionamentos 101

Capítulo 7 - Ações de promoção e legitimação da língua:
lei, ensino, cultura e escrita 113

Capítulo 8 - Circulação das línguas nas aldeias 141

Capítulo 9 - Da língua aos usos do mundo:
um variado campo de estudos 149

Capítulo 10 - Sínteses 165

Referências 169

Anexos 173

ONHEMOMBEUTA

Mbya kuery a'e jurua kuery omongueta kova'e politica yvyre guare, texaĩ'á a'enhembo'ea reguare vyma oetchauká kova'e aranduá djaiko porã aguã. Aỹ aiko peteĩ nhemboayvu nhande reko arandu. Mbya arandu.

Kova'e ma idjypy mbya mbaeapo odjetchauka avã. Nhande kuery mbya djaroja pytchaka nhanearandu'a kó Estado py. A'e kuery oguereko nhane pytyvô'a nhanderekore. Nhanderekore anho eỹ pavẽ rekore.

Vyma kova'e nhebaeapo nhande reko arandu gui jurua kuery odjapytchaka mbaetchagua'pa, nhande kuery djaipota'a onhemombeu raka'e camara dos deputados Brasilia py, 13 de Dezembro de 2007 py nhomboe'a kuery ruvitcha (CEC) a'e IPHAN, IPOL djogueroayvu raka'é mboruvitcha CEC, DEP. Carlos Abicalil.

Vyma mboruvytcha kuery oendu peteĩ ayvu kó Brasil py guá mbaeitchapa nande kuery ayvu: Guarani mbya, nheengatu, Hunsruckisch, talian, libras a'e tabatinga.

A'e vyma amongue jurua kuery peteĩ teĩ nhanemboatchy mbaere tu pende ayvure pendere tcharai ta he'i okuapy kó nhande rekoapy a'e porami DEP. Carlos Abicalil idjayvu'vy omonduka peteĩ kuatchia kova'e nhembaeapo'apy.

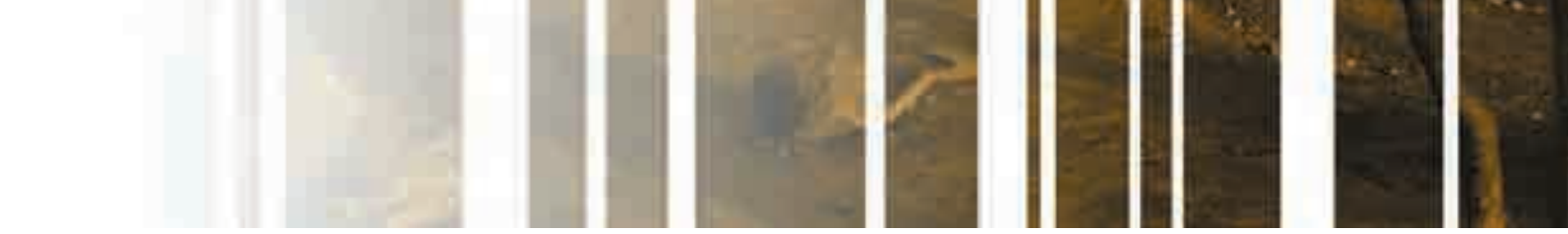
Vyma odjedjapo kuatchia omombeu avã peteĩ tape. Peteĩ arandu guy oiko'ju onhembopara aguã kuatchia.

Vyma kova'e kuatchia onhembaeapota nhande ayvupy a'e pavẽ ayvu'py, a'evy djaikuata nhandereko'py a'e nhanhemboeapy nhanhenboe agui rã nhande ruvitcha kuery oikua pota mbaeitchapa nhande ayvu. Djurua kuery rovai nhambovai kua'a avã.

IPOL ma onhembaeapo'ta kova'e remikontevẽ rupi a'e nhande kuery mbya nhaipytyvõ avã kova'e taperupi djadjeoi porã avã.

Nhomboe'a: Gilvan Müller de Oliveira
Diretor do IPOL
Ilha de Santa Catarina, maio de 2011.

Criança da Aldeia Ximboy (Orenau), em Santa Maria – Rio Grande do Sul.



APRESENTAÇÃO

Os Guarani têm discutido sua vida com os brancos e no Estado brasileiro de várias formas; têm atuado para uma política da terra, da saúde, da educação, mostrando seus valores, e buscado os vários níveis de reconhecimento necessários para se viver bem e com dignidade. Agora, surge a oportunidade para a discussão de um dos mais altos valores da cultura Guarani: a língua.

Esta é a função primeira do Inventário da Língua Guarani Mbya (ILG) e da publicação que o apresenta: possibilitar que os Guarani discutam a sua língua e os mecanismos para o seu reconhecimento, por parte do Estado, que lhes possam interessar. O Estado tem agora elementos para considerá-la como Patrimônio Cultural Imaterial da Nação. Não apenas da nação Guarani, mas da própria nação brasileira, constituída ela mesma de várias outras nações que se relacionam, complementam-se, interpenetram-se e se enriquecem mutuamente.

Talvez possamos dizer que o momento fundador do Inventário Nacional da Diversidade Linguística, em que este livro sobre a Língua Guarani Mbya se inscreve, tenha sido o Seminário Legislativo sobre a Criação do Livro de Registro das Línguas, realizado na Câmara de Deputados, em Brasília, em 7 a 9 de março de 2006, pela Comissão de Educação e Cultura (CEC), pelo Departamento de Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e pelo IPOL Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, e que nasceu das conversações que esta última Instituição conduziu com o então presidente da CEC, Dep. Carlos Abicalil. Ali os deputados e alguns senadores ouviram, em seis línguas brasileiras, a explicação de como é ser brasileiro, em outra língua que não o Português: em Guarani Mbya, em Nheengatu, em Hunsrückisch, em Talian, em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e em Gira da Tabatinga.

Todos nós nos sensibilizamos com as demandas das comunidades linguísticas brasileiras para com o uso e a manutenção das suas línguas, constitutivas da nossa formação nacional, a despeito das políticas de repressão e de apagamento que tenham sido conduzidas pelo Estado, e o Dep. Abicalil deu encaminhamento ao processo que culminou com o ILG.

Com a publicação deste livro, presenciamos a outra ponta do processo. Do nascimento da ideia até sua materialização no primeiro insumo de

Vista parcial da Aldeia Limeira, em Entre Rios – Santa Catarina.

planificação – o diagnóstico, expresso neste livro – passaram-se cinco anos. O IPOL teve o privilégio de estar presente em todos os passos da gestação desta nova política linguística do Estado brasileiro, participando das negociações, em todos os níveis, necessárias para que o Inventário se tornasse realidade, e das definições técnicas que instruem os procedimentos de registro.

Esta publicação fecha uma fase, a da aplicação, testagem e desenvolvimento da metodologia para cada uma das diferentes categorias de línguas em questão, e inaugura outra: a da visibilização das línguas brasileiras por meio de iniciativas variadas de inventário que estarão em marcha, processo que ajudará no seu reconhecimento e na sua legitimação, conduzindo a um encontro do País consigo mesmo, com suas múltiplas faces, e à superação da política do Português como língua única.

O livro é um observatório de vários movimentos da Língua Guarani Mbya e da sua comunidade falante no espaço brasileiro, conforme explicados na Introdução, e os resultados permitem a interação com uma série de outras políticas na área de cultura e, especialmente, de educação, possibilitando verificar em que medida as escolas indígenas bilíngues e interculturais realizam seu papel de promotores da cultura indígena e da respectiva língua em meio aos movimentos realizados pela comunidade, e como poderiam atuar para atender as expectativas da comunidade.

A língua, no entanto, é dos Guarani, e continuará a ser dos Guarani, que, através do seu uso, das suas lideranças, das suas assembleias, fixarão o futuro da língua no contexto do plurilinguismo brasileiro.

O IPOL se orgulha de trazer a público este trabalho, de metodologia inovadora e participativa, e se orgulha mais ainda de ser parceiro do povo Guarani nesta caminhada em direção ao futuro.

Prof. Gilvan Müller de Oliveira
Diretor do IPOL
Ilha de Santa Catarina, maio de 2011.

Crianças da Aldeia Arandu Verá (Mato Preto), em Getúlio Vargas – Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

O Projeto Inventário da Língua Guarani Mbya se inscreve no quadro político que culminou no Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), instituído em 9 de dezembro de 2010, pela assinatura do Decreto nº 7.387, pelo então Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. Propondo reconhecer às línguas brasileiras o estatuto de patrimônio cultural imaterial da nação, por meio de seu Registro no Livro das Línguas, o INDL consolida, em nível nacional, a mais importante política linguística pública de salvaguarda e promoção da diversidade linguística.

O processo de trabalho que conduziu à criação do INDL teve início em 2004, e compreendeu, entre outras ações, um Seminário na Assembleia Legislativa em Brasília, em 2006, quando então se confirmou o interesse das comunidades linguísticas do Brasil na proposição de uma política de salvaguarda e fomento de suas línguas. A este seminário aberto e público, seguiu-se a composição interministerial e interinstitucional de um Grupo de Trabalho para a Diversidade Linguística do Brasil (GTDL), que atuou sob a coordenação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Ministério da Cultura (MinC). A este Grupo de Trabalho coube, entre outras, estabelecer parâmetros para a implementação de um Inventário Nacional das Línguas Brasileiras[1] e indicar procedimentos metodológicos para a lida com objeto tão específico como o são as línguas.

O grande desafio estava, de fato, em construir uma ótica para se considerar a situação social, política e linguística dos falantes das diversas línguas brasileiras. Como se sabe, a consolidação do Estado brasileiro como monolíngue em Português apagou ou silenciou a realidade linguística de um País com mais de 180 línguas indígenas e outras dezenas de línguas de imigração, além das línguas crioulas, afro-brasileiras e de sinais. Dessa constatação, resultam diretrizes para se implementar o INDL, publicadas no relatório oficial do GTDL em 13/12/2007, das quais destacamos:

Líder de núcleo familiar respondendo ao questionário. Aldeia Aguapeú, em Mongaguá – São Paulo.

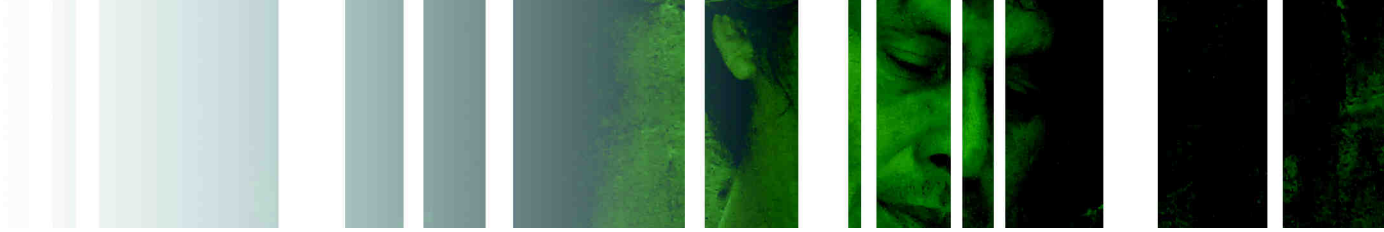
[1] Fez parte das discussões do GTDL definir os critérios para uma língua se enquadrar nesta categoria. Assim, conforme o relatório, por língua brasileira compreendem-se aquelas que "*...tenham relevância para a memória e identidade dos grupos que compõem a sociedade brasileira, sejam veículo de transmissão cultural e faladas no território nacional há pelo menos três gerações (ou 75 anos)*". (Relatório de Atividades do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil, 2007).

1. A estruturação de levantamentos de diferentes situações históricas das línguas no Brasil requer a realização de Projetos-Pilotos através dos quais serão sistematizados insumos para a proposição dos inventários.
2. As diferentes línguas brasileiras e suas diferentes condições históricas se distribuem inicialmente em seis categorias a serem contempladas pelos pilotos para que se valide a metodologia do Inventário. Estas categorias são: 1) língua indígena próxima da extinção; 2) língua indígena de grande população e extensão territorial; 3) língua de imigração; 4) língua de comunidade afro-brasileira; 5) língua crioula; e 6) língua de sinais.
3. O inventário de uma língua deve contemplar como suas metas e seus objetivos: identificação da língua (denominações, classificação e estatuto); demografia e distribuição geográfica; caracterização linguística e histórico-cultural; usos na sociedade (nas formas de cotidiano e em situações especiais); ações sobre a língua; levantamento de literatura oral, escrita e bibliografia com os principais estudos realizados sobre a língua; levantamento de produções audiovisuais realizadas na língua; lista de duzentas palavras; situações de uso (textos escritos e usos conversacionais registrados em um filme de cerca de três minutos).

Com estas orientações, tiveram início os projetos-pilotos, entre eles o do **Inventário da Língua Guarani Mbya** (Sudeste e Sul do Brasil), contemplando a categoria de **língua indígena de grande população e extensão territorial** devido à **grande quantidade de falantes Guarani no Brasil e da sua distribuição dispersa pelo território nacional.**

Aprovado em edital do Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa dos Direitos Difusos (CFDD) do Ministério da Justiça do Governo Federal, em 2009, o Inventário da Língua Guarani Mbya (ILG) foi executado pelo IPOL Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, com a parceria de outras instituições e das lideranças Guarani, a colaboração de pesquisadores de diferentes áreas e a participação de recenseadores formados para este fim.

Se havia, no início, instruções metodológicas do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL) a nos guiar, ajudando-nos a pensar etapas e instrumentos para contemplar as questões e os tópicos necessários a um Inventário, havia, também, para o caso da Língua Guarani Mbya, pouquíssimas informações sistematizadas a ancorar um planejamento adequado para um trabalho de tanto fôlego.



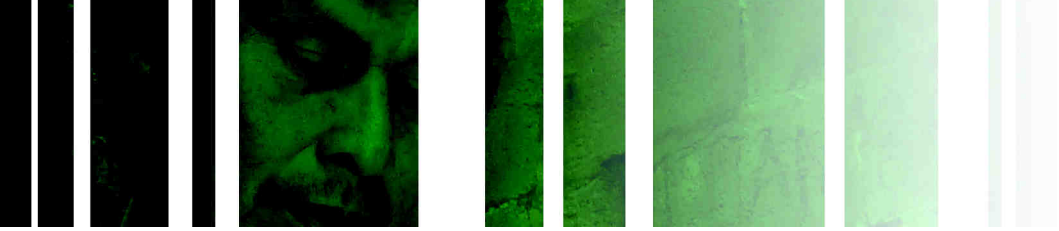
Com o propósito de inventariar as comunidades Guarani Mbya de seis Estados das regiões Sul e Sudeste (Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), cujo litoral e linha fronteiriça são habitados pelos Guarani, iniciamos o Projeto com a atualização das informações sobre as comunidades em bases de dados disponíveis e em Instituições que atuam na área indígena – Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Fundação Nacional de Saúde (Funasa), Secretarias de Educação e outros. Excluindo os pontos de parada, elencamos um total de 72 aldeias potencialmente falantes de Língua Guarani Mbya. Destas, 69 foram inventariadas, muitas delas não indicadas no levantamento que tínhamos inicialmente em mãos. A razão para tal ocorrência pode ser a recente data de criação de muitas delas: a partir de 2001. Nesse quadro toma corpo, então, o ILG em **69 comunidades de seis Estados federados do Brasil: Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.**

O presente livro traz a sistematização da pesquisa e suas conclusões. Nos seis meses de visitas às comunidades, foram respondidos **928 questionários, sendo 596 por indivíduos, 268 por chefes de núcleo familiar e 64 por líderes ou caciques da comunidade.** Além de dados sobre o número de falantes e os variados aspectos vinculados à história e aos usos da língua proporcionados pelos questionários, o ILG produziu, ainda, 11 mapas temáticos, 9 filmes em curta-metragem com depoimentos de falantes transcritos em Guarani e traduzidos para o Português, 21 listas de palavras com análise de traços de variação geográfica e sociogeracional, arquivo de fotos e acervo na língua e sobre ela.

Reunindo esse conjunto de materiais, e mantendo o roteiro proposto pelo GTDL, este livro é composto de 10 capítulos.

O primeiro capítulo, sobre Metodologia, sistematiza os principais encaminhamentos visando a construir uma ótica para inventariar línguas, prática ainda em gestação na tradição brasileira.

O capítulo dois traz dados sobre a identificação da língua, seguido de um estudo sobre a demografia (capítulo 3). Neste terceiro capítulo, discutimos os critérios para a identificação do número de falantes da Língua Guarani Mbya, em face do que normalmente é divulgado como população Guarani, e traçamos o perfil linguístico das comunidades. Considerando que este perfil é marcado pelo bi ou plurilinguismo, analisamos, na sequência, a proficiência em Guarani Mbya e a taxa de transmissão intergeracional da língua.



A caracterização linguística e histórico-cultural da língua, objeto do quarto capítulo, diz respeito à classificação genética da língua e traz uma análise das listas de palavras visando a identificar as variações na língua e o seu grau de distanciamento em relação a outras variedades linguísticas aparentadas. Observamos, ainda, neste capítulo, dados referentes ao deslocamento territorial e às intervenções que afetaram a língua em sua história.

No capítulo cinco aprofundamos o estudo sobre a localização dos falantes, apresentando mapas e uma análise detalhada sobre a situação legal do território em que se localizam as comunidades inventariadas. Faz também parte deste capítulo um estudo de caso de algumas comunidades, considerando sua proximidade a centros urbanos e os fatores que mais interferem ou favorecem a troca linguística e cultural com comunidades não indígenas.

As línguas e seus funcionamentos na sociedade configuram o capítulo seis. Neste, reunimos importantes informações sobre eventos de fala que vão desde os usos ritualísticos até o cotidiano da aldeia e os eventos para os não indígenas.

Em seguida, no sétimo capítulo, apresentamos as ações sobre promoção e legitimação da língua que se projetam desde os campos jurídico, educacional, da saúde e meio ambiente, de um lado, e pelas atuações nas comunidades de organizações de representação política e instituições religiosas, de outro.

No capítulo oito reunimos dados sobre a circulação das línguas nas aldeias através de literatura oral e escrita e produção audiovisual. Estudos sobre a língua encontrados em bases de dados são relacionados no nono capítulo: da língua aos usos do mundo. Por fim, no décimo capítulo, apresentamos uma síntese dos principais indicadores de vitalidade do Guarani Mbya apresentados.

Entre a confirmação de dados sobre as comunidades, a preparação de equipe e a formulação de instrumentos, que marcaram a primeira etapa do projeto, e este livro que ora apresentamos para divulgação dos resultados (última etapa), houve intenso trabalho em variadas direções: idas a campo exigindo um cronograma negociado com instituições, recenseadores e lideranças indígenas; negociações para utilização dos recursos nas rubricas disponibilizadas; campanha do agasalho promovida pelo IPOL em resposta à demanda da senhora Arminda Ribeiro, moradora da aldeia da Conquista, em Balneário Barra do Sul/SC; configurações da base de dados e validação das respostas; participação em eventos para apresentação

do ILG aos interessados visando a produzir aderências; infindáveis versões de vídeos e traduções nas línguas Guarani e Português; e, por fim, inominá-veis negociações de toda a equipe para reajustar, a cada momento, o planejado, o desejado e o possível. Essa intensidade não se deixa capturar, agora, em palavras, gráficos ou imagens. No entanto, foi ela, o tempo todo, o motor de todo o trabalho.

Por fim, salientamos, nesta introdução, que o ILG se concretizou porque pôde contar com a atuação agentiva dos falantes e a vontade política de todos os envolvidos em converter trabalho técnico em ação coletiva capaz de produzir, por si, valorização e respeito ao outro. O trabalho político do ILG já se iniciou, portanto. Os resultados que aqui entregamos às comunidades linguísticas indígenas e não indígenas carregam esse valor e se abrem a um debate mais amplo para se colocarem, agora, como subsídios de políticas linguísticas de salvaguarda, manutenção e promoção das línguas brasileiras e dos bens culturais materiais e imateriais que elas organizam.

Vista geral da Aldeia Cantagalo, em Viamão – Rio Grande do Sul.

TERRA KARAGUATÁ
DIRIJA-SE À RECEPÇÃO
RESPEITE A CULTURA E A NATUREZA!
ORIENTAÇÕES AO
4 ADQUIRA O PASSAPORTE NA RECEPÇÃO
2 ASSINE O LIVRO DE
3 SIGA SOMENTE NA
4 FOTOGRAFAR DA COMU SOMENTE COM AUTORI
5 LEVE TODO SEU LIXO
6 NÃO COLETE PLANTAS OU QUALQUER OUTRA E

CAPÍTULO 1

METODOLOGIA

Inventário é atualmente uma palavra da Língua Portuguesa praticada no Brasil, e deriva de *inventarium,* da antiga língua latina. Ela significa principalmente uma listagem (ou levantamento) dos bens deixados por alguém e, ao mesmo tempo, o documento onde se encontram registrados estes mesmos bens.

Em Guarani ou Guarani Mbya, disseram-nos muitos dos falantes desta língua, não há como dizer a palavra *inventário*: "*ela não existe*". O que existe, nos explicam, é *nhenbaeapo nhande reko arandu* (*trabalho onde se junta várias informações sobre o conhecimento Guarani*).

Encontrar uma tradução possível *para os sentidos de inventariar uma língua* entre culturas linguísticas tão distintas constituiu o primeiro grande desafio do trabalho relatado neste livro.

Desde as primeiras conversas com algumas lideranças Guarani, a ação de inventariar a Língua Guarani Mbya, isto é, *Nhenbaeapo Mbya Ayvu*, foi sendo construída conjuntamente, passo a passo. Dos ajustes das perguntas que podiam ou não ser feitas nos questionários e nas gravações em áudio e vídeo, em início de 2009, até a representação das respostas em gráficos e tabelas, as listas de palavras e os filmes que estão neste *Livro-Inventário*, passaram-se mais de dois anos. Este foi o tempo do trabalho *de fazer o Inventário-Levantamento* dos bens da Língua Guarani Mbya. Instruído em princípio pela metodologia proposta pelo Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL), este tempo-trabalho funcionou como um grande laboratório para formulação e reformulação de instrumentos de pesquisa, composição e formação de equipes, planejamento de logística, negociações com gestores, análises e relatórios. Assim, se neste Livro-Inventário reunimos o resultado do percurso feito, dedicamos este capítulo a detalhar aspectos metodológicos do trabalho de inventariar.

De acordo com a proposta do GTDL, a metodologia é um dos cinco pilares da **política para o Inventário das Línguas Brasileiras**[2], trazendo

Recenseador do ILG realiza entrevista com líder de família no local de recepção aos turistas que visitam a Aldeia Karaguatá, em Pontal do Paraná – Paraná.

[2] De acordo com o Relatório do GTDL, os elementos estruturadores da política nacional de reconhecimento e de inventário da diversidade linguística são: a) inventário; b) metodologia; c) suporte legal; d) organização institucional, gestão e financiamento; e e) criação do Livro de Registro das Línguas.

para o âmbito do Inventário não somente os conhecimentos já produzidos e disponíveis sobre a língua, como também as atitudes e perspectivas expressas pela comunidade linguística em relação ao seu devir.

Observemos, em relação a esse ponto, que a própria concepção de comunidade linguística proposta para o INDL é aquela da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (2003) que reúne, pela identidade linguística, grupos e pessoas espalhados pelo território. Na referida Declaração, lemos:

> Título Preliminar
> Conceitos
> Artigo I
> Esta Declaração entende por *comunidade lingüística* toda a sociedade humana que, assentada historicamente em um espaço territorial determinado, reconhecido ou não, se auto-identifica como povo e desenvolve uma língua comum como meio de comunicação natural e coesão cultural entre seus membros. A denominação *língua própria de um território* faz referência ao idioma da comunidade historicamente estabelecida neste espaço (págs. 23 e 24).
>
> Título Primeiro
> Princípios gerais
> *Artigo 8*
> Todas as comunidades lingüísticas têm direito a organizar e gerir os recursos próprios, com a finalidade de assegurar o uso de sua língua em todas as funções sociais (pág. 28).
>
> Todas as comunidades lingüísticas têm direito a dispor dos meios necessários para assegurar a transmissão e a continuidade de futuro de sua língua (pág. 28).

A observância desse sentido de comunidade linguística produz, como consequência, um campo de observação para a língua e seus usos que engloba, de um lado, o autorreconhecimento do falante de ser parte dela, e, de outro, o conhecimento dos funcionamentos da língua como indicadores para ampliação dos direitos linguísticos como direitos coletivos. Formular instrumentos capazes de dar conta desse campo comparece, então, como uma questão metodológica definidora de todo o trabalho.

No entanto, implementar essa perspectiva de trabalho para o Inventário de uma comunidade linguística constitui uma tarefa inovadora no âmbito dos estudos sobre as línguas no Brasil.

Em uma tradição monolinguista, como a brasileira, em que a única língua legitimada pelas aparelhagens do Estado foi a Língua Portuguesa, pouco se estruturou como campo de conhecimento sobre e nas demais línguas praticadas no País. Os estudos descritivos dessas línguas, mais frequentes, quase sempre circulam restritamente, estando depositados majoritariamente em bases de dados especializadas e de difícil acesso. São praticamente ausentes informações sociolinguísticas e geodemográficas atualizadas e sistematizadas sobre tais línguas.

De modo geral, está disponível apenas o número de indígenas pertencentes a determinada etnia, informação a partir da qual se pressupõe a língua por eles falada. Mesmo quando há dados linguísticos por etnia ou território indígena, não estão disponíveis dados sobre a situação sociolinguística das demais possíveis línguas faladas nessas comunidades.

Em relação ao ensino da língua – campo que tem merecido atenção estatística de todos os gestores –, o Censo Escolar (o qual engloba as escolas indígenas), realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), não traz dados precisos sobre as línguas faladas pelos alunos ou pela comunidade escolar. O Censo citado apenas apresenta o número de alunos matriculados em determinada escola e a oferta ou não pelas mesmas de ensino bilíngue ou somente em uma língua (língua indígena ou língua portuguesa).

Ressaltemos, ainda, que, depois dos censos de 1940 e 1950, em que se perguntou sobre as línguas faladas para melhor se efetivar a nacionalização dos imigrantes, somente no censo de 2010 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) voltou a contemplar uma questão sobre as línguas faladas no Brasil, restringindo-a, no entanto, às comunidades indígenas. Os dados sobre essas línguas, que estarão em breve disponíveis, serão de grande valia para o planeja-mento dos próximos inventários.

A Língua Guarani Mbya, embora seja uma das línguas indígenas mais bem documentada, carece também de informações nesses campos, sendo esse o segundo grande desafio enfrentado no trabalho de inventário dessa língua. De fato, essa ausência impediu um planejamento inicial adequado ao trabalho.

Como consequência, este Inventário, embora não extensivo, pois cobriu uma amostragem das aldeias inventariadas, como explicaremos a seguir, procurou contemplar informações sobre aspectos não diagnosticados até o momento pelos estudos e pesquisas disponibilizados, oferecendo-os como indicadores para futuros estudos.

Segundo o escopo metodológico proposto para o INDL, ao menos seis categorias linguísticas parametram os futuros projetos: i) línguas indígenas faladas por poucos indivíduos; ii) línguas indígenas faladas por comunidades numerosas; iii) língua de imigração; iv) língua de sinais; v) língua de comunidade afro-brasileira; vi) língua crioula.

As considerações que fazemos dizem respeito à segunda situação, uma vez que a Língua Guarani Mbya é uma das línguas indígenas mais faladas no Brasil, ocupando especialmente grande faixa do litoral que vai do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, além da fronteira entre Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina. No capítulo 3, sobre Demografia, aprofundaremos essa discussão.

Diante das considerações precedentes, abordaremos a seguir os instrumentos e procedimentos metodológicos que implementamos no Projeto-Piloto Inventário da Língua Guarani Mbya, tomando por base duas fases do trabalho: i) a da concepção e proposição do projeto, onde se planejou o trabalho a partir de fontes de dados disponíveis; ii) a do desenvolvimento do projeto propriamente dito, com ampliação das fontes e consequente redimensionamento do trabalho.

Em cada uma das fases destacaremos referências de procedimentos de pesquisa de campo e de arquivos que poderão ser adaptadas às situações futuras de inventários de línguas indígenas em situação semelhante.

1.1 O Inventário da Língua Guarani Mbya

1.1.1 A Concepção do Projeto-Piloto Inventário da Língua Guarani Mbya

Para a proposição do projeto, tomamos em consideração dados sobre o número de aldeias Guarani reunidos no trabalho ***Terras Guarani no Litoral:*** *as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós = Ka´agüy oreramói kuéry ojou rive vaekue?,* organizado por Ladeira e Matta, P. (2004). Ali se contabilizavam 82 aldeias. Dessa lista, selecionamos as que faziam referência aos Guarani Mbya e localizamos, nesse momento, a existência de aldeias e pontos de parada. Contávamos também, naquele momento, com informações dispersas sobre o número de habitantes de cada aldeia, que iam de 10 ou 20 moradores, em algumas, até mais de 600 pessoas, como é o caso de Ocoy, em São Miguel do Iguaçu, no Paraná.

Diante desse panorama, estabelecemos alguns critérios metodológicos para abordagem das comunidades:

i) Coleta proporcional ao número de moradores declarado pelo cacique, contemplando uma média de 20 questionários por aldeia: aldeias com até 30 hab. – entrevista com 100% dos moradores;
31 a 50 hab. – 50%;
51 a 75 hab. – 35%;
76 a 100 hab. – 25%;
101 a 200 hab. – 20%;
Acima de 200 hab. – 10%.

ii) Anotação do grau de isolamento das aldeias: mais isoladas X mais próximas a centros urbanos.

iii) Anotação da data de criação declarada da aldeia: antigas X novas aldeias.

iv) Guia para observação circunstanciada sobre o perfil das comunidades e dos entrevistados.

Com esses critérios, iniciamos o trabalho de campo, aliando flexibilidade ao processo de trabalho, reformulando, quando necessário, os procedimentos.

1.1.2 O Desenvolvimento do Inventário da Língua Guarani Mbya

Ao iniciarmos o trabalho, ampliamos as pesquisas em bases de dados e fizemos contato com instituições que atuam na área indígena (FUNAI, Funasa, Secretarias de Educação e outros) para confirmação de dados demográficos. Reunindo as informações e excluindo os pontos de parada, elencamos um total de 72 aldeias potencialmente falantes da Língua Guarani Mbya, das quais 69 foram inventariadas. No quadro apresentado no Anexo I deste exemplar, apresentamos a lista de base (que incluía todas as aldeias Guarani) e a lista das aldeias Guarani Mbya inventariadas. Como se poderá verificar adiante, serão muitas as aldeias criadas a partir de 2001, o que explicaria em parte a diferença entre as tabelas.

No que tange, então, ao trabalho de campo, registramos no presente Inventário:

– **um total de 928 questionários respondidos,** sendo 596 por indivíduos, 268 por chefes de núcleo familiar e 64 por líderes ou caciques da comunidade;

– **um total de 69 aldeias inventariadas,** das quais em cinco não contamos com o questionário respondido pelo cacique (ver nota 4).

Para obtenção das informações indicadas, foram organizadas oito diferentes frentes, cada qual com objetivos específicos: i) pesquisas em arquivos e bases de dados; ii) aplicação de questionários; iii) marcação de pontos pelo GPS; iv) relatórios de idas a campo; v) registro de imagens; vi) registro de listas de palavras; vii) registro, em vídeo, de depoimentos; e viii) coleta de materiais.

A pesquisa em acervos e bases de dados reuniu e sistematizou informações sobre a distribuição dos povos Guarani no Brasil, as legislações (ações jurídicas, educacionais e culturais) sobre a Língua Guarani e a produção de conhecimento **na** e **sobre** a Língua Guarani Mbya: produções científicas, audiovisuais e de divulgação (entre outras).

Na pesquisa realizada em campo, aplicaram-se, em cada aldeia visitada, três tipos de questionários, respondidos por três diferentes públicos: líderes das comunidades, líderes dos núcleos familiares e moradores, de modo geral, das aldeias. O roteiro de questões objetivou informações sobre a identificação das comunidades, ou aldeias, as instituições de ensino, saúde e religião presentes nas mesmas, o grau de transmissão intergeracional da língua, o deslocamento do grupo familiar sobre o território, as celebrações e os ritos feitos na língua, nas aldeias, as publicações e os programas de rádio e televisão assistidos pelos moradores e o grau de proficiência nas línguas faladas no âmbito familiar e social.

Com o objetivo de sistematizar dados mais precisos do que os já existentes sobre a localização das comunidades, uma vez que esses se limitam a informar o município onde a aldeia se estabeleceu, marcamos, com o sistema de posicionamento global (GPS), dados referentes à longitude, à latitude e à altitude das aldeias. A marcação de GPS em cada uma das aldeias pesquisadas possibilitou a elaboração de mapas, permitindo a visualização espacial de dados linguísticos e culturais inventariados.

Relatórios de viagem e grades de observação preenchidas pelos recenseadores com informações e observações sobre o desenvolvimento do trabalho nas aldeias complementaram os questionários.

Nas visitas às aldeias, coletaram-se também materiais produzidos na e sobre a Língua Guarani Mbya, incluindo livros de literatura, produção audiovisual e materiais didáticos.

Gravações em vídeo de narrativas orais e situações conversacionais e a coleta de 200 palavras-padrão na língua foram as duas últimas frentes de coletas de informações sobre a Língua Guarani Mbya.

1. Nove vídeos de registro da Língua Guarani Mbya;
2. Vinte e uma listas de palavras como registro da língua em áudio.

Os vídeos estão no CD-ROM em anexo. As listas de palavras podem ser acessadas em www.ipol.org.br.

A este conjunto de instrumentos, aliamos procedimentos de trabalho visando, de um lado, a formação de equipes e parcerias com as lideranças indígenas, e, de outro, a divulgação sobre o Inventário e seus objetivos.

Nessa perspectiva:

1. realizamos cursos para os recenseadores com a participação de estudiosos da língua e da cultura Guarani;
2. participamos de reuniões com os Guarani promovidas por instituições parceiras – FUNAI, Funasa e Secretarias de Educação – com o objetivo de conversar sobre o Inventário e estabelecer contatos e cronogramas de visitas;
3. operacionalizamos a visita às aldeias contando com a participação de falantes da língua, que atuaram com articuladores do trabalho.
4. produzimos um folder bilíngue – Português e Guarani Mbya – para explicação e divulgação do Inventário.

Como antes dissemos, adaptações de instrumentos e intensas negociações para melhor operacionalizar o trabalho marcaram toda nossa trajetória. Nesse sentido, a lista de palavras foi redimensionada para documentar possíveis variações da língua entre diferentes regiões, faixas etárias e gênero. O registro de depoimentos em vídeo também se multiplicou, visando a compor uma representação mais diversificada dos relatos.

Os instrumentos e procedimentos metodológicos aqui elencados, em seu conjunto, e os resultados que deles derivam, se abrem agora ao debate não só com a comunidade linguística Guarani Mbya, mas também com todas as demais que almejem o reconhecimento de sua língua e dos bens que ela organiza como patrimônio cultural imaterial da nação brasileira. Em vista da carência de informações disponíveis sobre as línguas do Brasil, em sua diversidade, cumpre salientarmos, nesse ponto, a relevância de debates que preparem o trabalho de inventário de línguas de mesma categoria do Guarani Mbya, reunindo lideranças, falantes e instituições que colaborem para traçar um panorama atualizado da situação da língua, acordar objetivos comuns e avaliar a pertinência de aprimorar os procedimentos e modos de investigação.

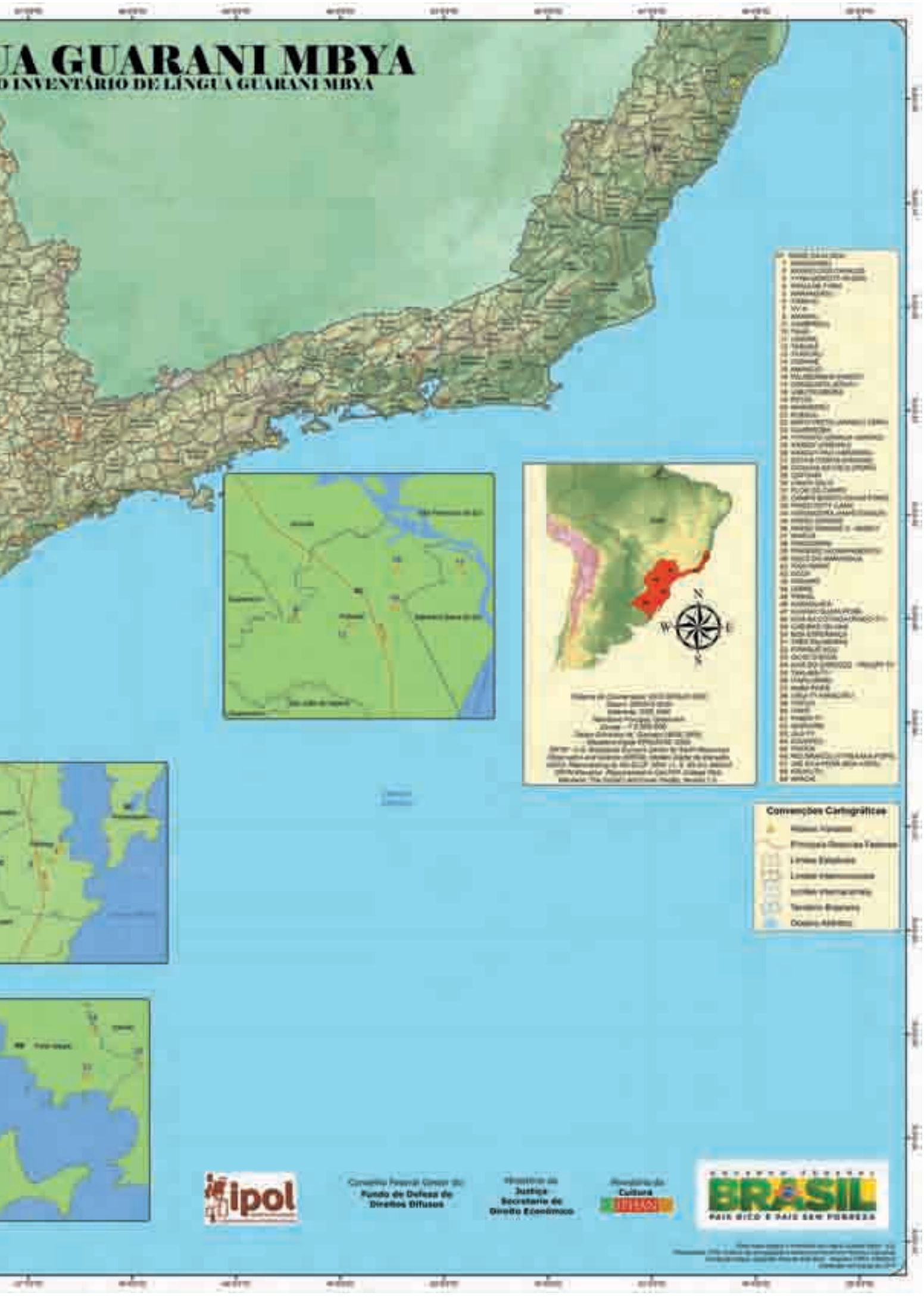
Resultado da sistematização da pesquisa realizada, o presente livro se apresenta, como dissemos, como um documento-inventário da Língua Guarani Mbya. Coloca-se, assim, como subsídio de uma nova fase que ora se inaugura para o povo Guarani, a saber, o de buscar vias possíveis para a implementação das políticas de promoção de sua língua, contribuindo na construção política de um *Brasil para todas as línguas*.

INVENTÁRIO DA LÍNGU

LOCALIZAÇÃO E ARRANJO DAS ALDEIAS VISITADAS PEL

Levantamento sobre a língua Guarani Mbyá para o Inventário da Língua Guarani Mbyá - ILG no âmbito do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). O ILG esteve presente em 69 (sessenta e nove) aldeias guarani presentes em 06 (seis) estados brasileiros, no ano de 2010

A língua Guarani Mbyá possui grande expressão e representatividade no Brasil, estando presente em muitos municípios. O grupo Guarani constitui referência cultural pela sua presença geográfica e histórica no Brasil e países do MERCOSUL.


JA GUARANI MBYA
O INVENTÁRIO DE LÍNGUA GUARANI MBYA
Convenções Cartográficas
ipol
Conselho Federal Gestor do
Fundo de Defesa de
Direitos Difusos
Ministério da
Justiça
Secretaria de
Direito Econômico
Ministério da
Cultura
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

CAPÍTULO 2

IDENTIFICAÇÃO DA LÍNGUA

Denominação mais corrente: Guarani Mbya

Autodenominação: Guarani Mbya e Guarani

Denominação em Português: Guarani Mbya

Caracterização e classificação: o Mbya é uma das três variedades modernas da Língua Guarani, da família Tupi-Guarani, tronco linguístico Tupi. As outras são o Nhandeva ou Chiripá/Txiripa/Xiripá ou Ava Guarani e o Kaiowa[3]. No entanto, a delimitação entre essas variedades não aparece de modo estanque e consensual nas comunidades inventariadas. Além disso, os falantes utilizam outras formas para nomeá-las. Ava é uma denominação predominante para os que vivem nas comunidades da região Oeste do Paraná (Foz do Iguaçu), na fronteira com o Paraguai, significando também uma identidade historicamente compartilhada.

Nestas variedades, a Língua Guarani é falada amplamente em quatro países – Paraguai, Argentina, Bolívia, Brasil –, sendo designada língua oficial do Estado Paraguaio, língua oficial para o trabalho no Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) ao lado do Português e do Espanhol, e língua co-oficial do Município de Tacuru, Mato Grosso do Sul, Brasil. Ao lado de outras 102 línguas indígenas faladas em mais de um país latino-americano, é uma das três (juntamente com o Aimara e Garifuna), falada representativamente em quatro países (SICHRA, 2009). É, portanto, uma língua supranacional e oficial em diferentes âmbitos.

Região de origem: movimentos migratórios de grupos conhecidos como Guarani parecem ter se originado na bacia amazônica. A literatura indica que tais grupos habitaram as selvas subtropicais do Alto Paraná, do Paraguai e do Uruguai médio. A maioria dos Mbya seria proveniente da região do Guairá. Estima-se que ali viviam, no século XVI, cerca de 150 mil Guarani, os quais foram, ao longo da história de ocupação do continente, vítimas de escravidão e de assassinatos. São os sobreviven-

Entrevista gravada para lista de palavras. Aldeia Ximboy (Orenau), em Santa Maria – Rio Grande do Sul.

[3] A grafia de várias palavras Guarani apresenta variações. Usaremos ao longo deste texto as grafias Nhandeva, Kaiowa e Mbya como nome de línguas, mantendo-as, portanto, sem acento.

tes desse processo que hoje habitam variadas regiões da América Latina, nomeadamente na Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil. Em todo o litoral Sul do Brasil, do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, e em muitos pontos da linha fronteiriça do Brasil com a Argentina e Paraguai, e em menor escala com a Bolívia, encontraremos aldeias Guarani nas quais se fala somente ou majoritariamente a variedade Mbya. Sessenta e nove delas, localizadas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, foram inventariadas.

Estatuto: indígena, de âmbito supranacional.

Mapa do número de entrevistados por aldeia.

Entrevista com professor da aldeia. Aldeia Amba-Porã, em Miracatu – São Paulo.

INVENTÁRIO DA LÍNGUA GUARANI MBYA

MAPEAMENTO DO NÚMERO ENTREVISTADOS POR ALDEIA

O Inventário da Língua Guarani conseguiu 526 entrevistados, em 69 localidades e nove aldeias distribuídas em 28 terras indígenas tradicionais. A coleta de dados e informações foi realizada durante cinco meses – de junho a outubro de 2010.

Paraguai

Argentina

Uruguai

Nº NOME DA ALDEIA
1 MASSIAMBU
2 MORRO DOS CAVALOS
3 TYRIN MOROTI MIRIERA
4 PRAIA DE FORA
5 MARANGATU
6 TIARAJU
7 YVY'A
8 ARARIBÁ
9 CAMBREUA
10 TAIAÍ
11 LIBERIA
12 TAKUAÑÉ
13 YVAPURU
14 ITAMBÉ
15 ARAÇOIA
16 PALMEIRINHA PINDOTI
17 CONQUISTA JAKATY
18 JABUTICABEIRA
19 PETIM
20 MANGUEIRA
21 KOEKUJ
22 MATO PRETO (ARANDU VERÁ)
23 GUABIROBA
24 YVYRAPO (GRAÚNA-VARGINHA)
25 AMBEDY (GRAÚNA)
26 KAAGUY RAU (VARZINHA)
27 ESTIVA (TERRA RAMADA)
28 COXILHA DA CRUZ (PORÃ)
29 CAPIVARI
30 CANTA GALO
31 FLOR DO CAMPO
32 CAMPO BONITO (MACUI PORÃ)
33 PINDO POTY (LAMI)
34 VERDADEIRA (AMÉRICO GUIA)
35 PASSO GRANDE
36 PASSO GRANDE II - AMBEY
37 IRAPUÃ
38 PINDOBIRIS
39 PINHEIRO (ACAMPAMENTO)
40 SACO DO MAMANGUÁ
41 IGUA MIRIM
42 OCOY
43 ITAMBÁ
44 LEBRE
45 PINHAL
46 KARAGUATA
47 KUARAY GUATA PORÃ
48 ILHA DA COTINGA (PINDO-TY)
49 CASPAS VELHAS
50 BOA ESPERANÇA
51 TRÊS PALMEIRAS
52 PINAQUÉ-ACU
53 OLHO D'ÁGUA
54 ILHA DO CARDOSO - MASSIAMBU
55 TAKUARA-TY
56 ITAPU MIRIM
57 AMBA PORÃ
58 URUA-TY MIRACATU
59 ITAPUÃ
60 ITARÉ
61 PINDO-TY
62 DIMAWIRA
63 JAUA-TY
64 ADUAPEU
65 ITAOCA
66 RIO BRANCO (YYREXAKA PORÃ)
67 JAE XAI PORÃ (BOA VISTA)
68 ARAUTU
69 ARACHI

Convenções Cartográficas

Aldeias Visitadas

Quantidade de Entrevistados

- 66 a 02
- 03 a 06
- 07 a 10
- 11 a 15
- 16 a 20

Convênio Federal Gestor do:
Fundo de Defesa de Direitos Difusos

Ministério da Justiça
Secretaria de Direito Econômico

Ministério da Cultura

BRASIL
País rico é país sem pobreza

Elaborado em março de 2011

INVENTÁRIO DA LÍNGUA GUARANI MBYA

MAPEAMENTO DA LOCALIZAÇÃO DAS ALDEIAS (ZONAS URBANA E RURAL POR ESTADO)

O conceito de zona rural e urbana foi revisto pelo Inventário da Língua Guarani Mbyá de acordo com seus objetivos. Assim, as aldeias foram classificadas em favoráveis ao isolamento ou favoráveis à troca cultural, linguística e econômica.

Paraguai

Argentina

Uruguai

Nº	NOME DA ALDEIA
1	MASSIAMBU
2	MORRO DOS CAVALOS
3	TYVA MOROTI MBERA
4	PRAIA DE FORA
5	MARANGATU
6	TIARAJU
7	IVY-A
8	AMARAL
9	CAMBIRELA
10	TAIAI
11	LIMEIRA
12	TARUMÃ
13	YVAPURU
14	ITAMBÉ
15	AMANCIO
16	PALMEIRINHA PINDOTY
17	CONQUISTA JATAITY
18	JABUTICABEIRA
19	PETIM
20	MANDIERU
21	KOERUJU
22	MATO PRETO (ARANDU VERÁ)
23	GUARIROBA
24	YYRYAPU (GRANJA VARGAS)
25	XIMBOY (CORISMA)
26	KAAGUY RIU (VARZINHA)
27	ESTIVA (TERRA NAUSEDE)
28	CODILHA DA CRUZ (PORÃ)
29	CAPYARI
30	CANTA GALO
31	FLOR DO CAMPO
32	CAMPO BONITO (NHU PORÃ)
33	PINDO POTY (LAGE)
34	HERDADEIRA (MMETEKOJA)
35	PASSO GRANDE
36	PASSO GRANDE II - AMBEY
37	IRAPUÃ
38	PINDOMIRIM
39	PINHEIRO (ACAMPAMENTO)
40	SACO DO MAMANGUÁ
41	TAUA MIRIM
42	DODY
43	ITAMARÃ
44	LEBRE
45	PINHAL
46	KARAGUATA
47	KUARIBY GUATA PORÃ
48	ILHA DA COTINGA (PINDO-TY)
49	CAMPINA VELHINE
50	BOA ESPERANÇA
51	TRES PALMEIRAS
52	PIRAQUE-AÇU
53	OLHO D'ÁGUA
54	ILHA DO CARDOSO - PAKURA-TY
55	TAKUARI-TY
56	ITAPU MIRIM
57	AMBA PORÃ
58	URUJ-TY MIRACATU
59	ITAPUÃ
60	ITAPÉ
61	PINDO-TY
62	CANAMÃ
63	JAJI-TY
64	AGUAPEU
65	ITADOA
66	RIO BRANCO (YYREMAMA PORÃ)
67	JAE KAA PORÃ (BOA VISTA)
68	MBUKUTU
69	ARACAÍ

Convenções Cartográficas

Aldeias Visitadas

- Zona Rural
- Zona Urbana
- Sem Classificação

Rodovias Federais
Limites Municipais
Limites Estaduais
Limites Internacionais
Oceano Atlântico

ipol

Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa de Direitos Difusos

Ministério da Justiça Secretaria de Direito Econômico

Ministério da Cultura

BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Proposição: IPOL Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística
Coordenação Geral: Gregório Francisco Bolé
Elaboração em março de 2011
Este mapa integra o Inventário da Língua Guarani Mbyá - 3.0

CAPÍTULO 3

DEMOGRAFIA

O "desconhecimento" sobre a realidade plurilíngue e multicultural do Estado brasileiro, corolário do pensamento monolíngue, tem muitas faces e variados efeitos. Um desses efeitos se faz sentir na sistemática ausência de dados linguísticos nos mais variados instrumentos de análise e de promoção da educação, cultura, ciência ou tecnologia. Mesmo as línguas indígenas, que contam historicamente com espaços educacionais e culturais diferenciados garantidos pela Constituição Federal do Brasil, recebem poucas abordagens sociolinguísticas com foco nos falantes e nos âmbitos de circulação de suas línguas.

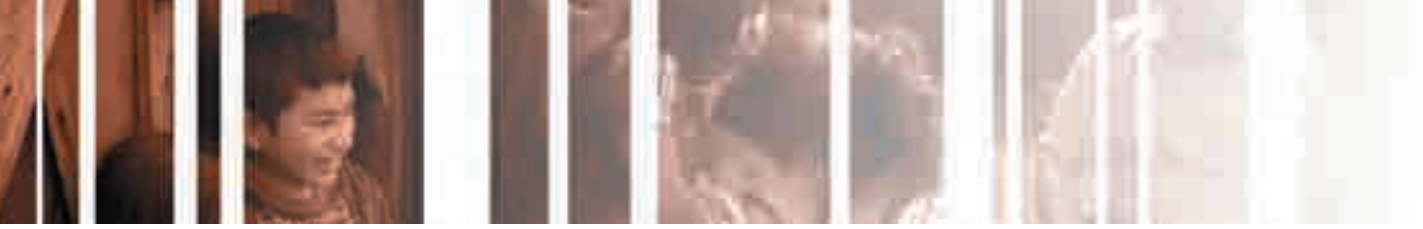
Ligado a este, o outro efeito é que nos estudos demográficos se priorizam dados sobre etnia a partir dos quais se pressupõe a língua por ela falada. Além disso, mesmo quando há dados linguísticos por etnia ou território indígena, raramente são consideradas as demais possíveis línguas faladas em uma mesma comunidade.

Em relação ao ensino da língua, um campo que tem merecido atenção estatística de todos os gestores e que constitui o Censo Escolar Indígena (1999), realizado pelo INEP, nenhum indicador contempla as línguas faladas pelos alunos ou pela comunidade escolar. O Censo citado, realizado pela primeira vez em 1999 e incorporado ao Censo Nacional das escolas nos anos seguintes (1999-2010), apenas apresenta o número de alunos matriculados em determinada escola que declara ofertar o ensino bilíngue ou o ensino somente em uma língua (língua indígena ou língua portuguesa).

A Língua Guarani Mbya não escapou a esses efeitos.

Compreender em que medida o número de Guarani equivalia ao número de falantes da Língua Guarani configurou um desafio para o ILG. Por esse motivo, separamos em dois subtópicos o tópico População a seguir: *um que trata da população Guarani e outro que faz aproximações com os Guarani Mbya e retira, do próprio trabalho do ILG, indicadores para evidênciar o número de falantes da Língua Guarani Mbya.*

Mapa da localização das aldeias (zonas urbana e rural por Estado).



3.1 População

Os Guarani

Há muita variação nas estimativas disponíveis sobre a população Guarani. No entanto, há consenso quanto à consideração de que se trata de um dos maiores grupos indígenas do Brasil e da América do Sul. Como não há um único Censo Demográfico que contabilize a população Guarani em todos os países onde ela está presente, apresentamos, assim como a maioria dos estudos tem feito, estimativas e contagens realizadas por instâncias oficiais ou representativas desse povo em cada um dos países. A inexistência de um único levantamento que englobe a população Guarani em todos os países da América do Sul e a característica de mobilidade espacial, sobretudo dos Mbya, são aspectos que dificultam a obtenção de números mais precisos sobre essa população.

Pela estimativa feita na Assembleia Continental realizada na cidade de Porto Alegre, em abril de 2007, são aproximadamente 225 mil Guarani vivendo no continente americano, em especial, no litoral dos Estados brasileiros do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC), Paraná (PR), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Espírito Santo (ES), além de Mato Grosso do Sul (MS), e na Argentina, Paraguai e Bolívia (ALAI, 2007, n.p.). Os dados do Centro de Trabalho Indigenista apontam para 85.500 Guarani no Brasil, Paraguai e Argentina (CTI, 2004, n.p.).

No Brasil, os dados variam. Segundo dados do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), a população total Guarani soma 50 mil, divididos nos grupos Pãi-Tavyterã ou Kaiowa; Mbya; Nhandeva ou Chiripa (2007 *apud* ROSA, 2009). Contabilizando apenas aldeias efetivamente estabelecidas e reconhecidas, para as quais oferecia atendimento à saúde, a Funasa, segundo levantamento realizado em 2010, contabilizou 21.557 indivíduos Guarani vivendo no Brasil atendidos por aquela instituição (SIASI,2010,n.p.). Para Ladeira (2003), o Guarani seria falado no Brasil por uma população estimada em 34 mil pessoas. Os falantes do Mbya, nesse montante, seriam em número de 5 mil a 6 mil.

No Paraguai, a população Guarani, segunda maior na América do Sul, de acordo com o II Censo Nacional Indígena de Población y Viviendas, do ano de 2002, era de 53.500 indivíduos (nas regiões Oriental e Ocidental), divididos nos grupos: Pãi-Tavyterã; Avá Guarani; Mbya; Ache; Guarani Ocidental, Nhandeva (DGEEC, 2002, n.p.).

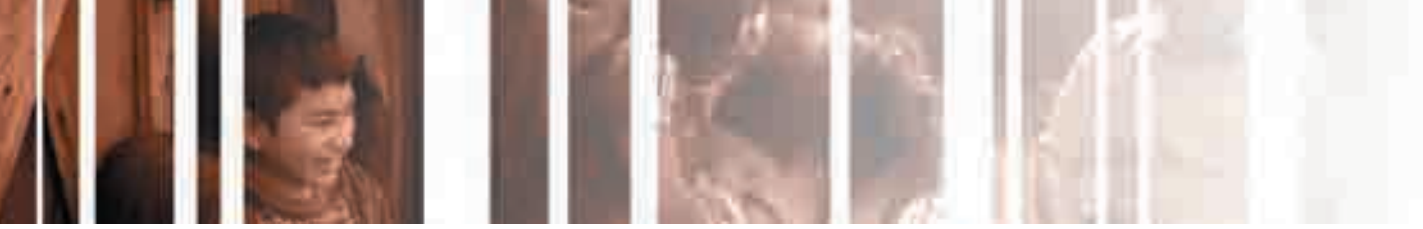
Na Argentina, o Instituto Nacional de Estactísticas y Censos em Argentina, através da Encuesta Complementaria de Pueblos Indígenas,

indicava que a população Guarani era de 34.877 habitantes (ECPI, 2004-2005, n.p.).

Na Bolívia, a população Guarani soma 80 mil – maior população da América do Sul –, do grupo Chiriguano, formando cerca de 300 comunidades, segundo a estimativa da Asemblea del Pueblo Guaraní (APG), entidade que representa diretamente as comunidades (CIDOB-BO,2005, n.p.).

Os Guarani compõem um grupo étnico extenso que apresenta uma série de características comuns nos diferentes subgrupos. Linguisticamente, pertencem ao tronco Tupi-Guarani, e no Brasil estão subdivididos em três grupos dialetais distintos: Mbya, Nhandeva (Ava ou Xiripá) e Kaiowa. Schaden (*apud* ROSA, 2009, p. 21) foi quem primeiro classificou os subgrupos Guarani. O autor diz que "Os Guarani do Brasil Meridional podem ser divididos em três grande (*sic*) grupos: os Ñhandeva (aos quais pertencem os Apopokuva, que se tornaram famosos pelo trabalho de Curt Nimeundaju), os Mbya e os Kaiowa".

Recenseadora do ILG grava lista de palavras na Língua Guarani Mbya com o menino que está à sua frente. Aldeia Arandu Verá (Mato Preto), em Getúlio Vargas – Rio Grande do Sul.



Os Guarani Mbya

Para o grupo Guarani Mbya, a estimativa mais recorrente é que o número total ficaria entre 6 mil e 7 mil indivíduos no Brasil, distribuídos em mais de 60 municípios de seis Estados: Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC), Paraná (PR), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Espírito Santo (ES). De acordo com dados do Instituto Socioambiental (ISA), também na região Norte do País há famílias Mbya (ISA, 2003). Vindas ao Brasil após a Guerra do Paraguai, separaram-se em grupos familiares e, atualmente, vivem no Pará (município de Jacundá), e em Tocantins numa das áreas Karajá de Xambioá, além de poucas famílias dispersas na região Centro-Oeste (ISA, 2003).

3.2 Inventariando a Língua Guarani Mbya

Abarcando 69 aldeias[4] de seis Estados das regiões Sudeste e Sul do Brasil, e tomando por base as respostas fornecidas pelos líderes das comunidades, o presente ILG totalizou um número aproximado de 5.745 habitantes nas comunidades Guarani Mbya, contando indígenas e não indígenas. Reunindo as informações declaradas por cada entrevistado e pelos líderes das comunidades, temos a Tabela 1 a seguir:

[4] Este Projeto-Piloto inventariou 69 aldeias, todas representadas nos mapas. Entretanto, se por um lado tivemos em todas as aldeias chefes de núcleos familiares e indivíduos fornecendo informações, por outro, o questionário sobre a comunidade foi preenchido em 64 delas pelas seguintes razões: três aldeias – Cambirela/SC, Araçaí/PR e Praia de Fora/SC – tinham reduzido número de famílias (de uma a três) e foram contabilizadas como núcleo familiar, onde ouvimos quase todos os indivíduos. Tarumã, em Araquari/SC, foi também inventariada como núcleo familiar em depoimento dado por um morador fora da aldeia. Não foi possível acessar o local por causa das chuvas. Por fim, Caeiras Velhas/ES foi inventariada também apenas por chefes de núcleos familiares, não sendo possível preencher o questionário da comunidade. Por isso, quando consideramos os dados sobre as comunidades, estamos falando sobre as 64 aldeias que preencheram o respectivo questionário.

Tabela 1 – Abrangência do Inventário da Língua Guarani Mbya

Abrangência do Inventário e População Declarada das Comunidades

Estado	Comunidades Visitadas		Núcleos Familiares Entrevistados		Indivíduos Entrevistados		População das Aldeias		População Indígena		População Não Indígena	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
ES	5	7	12	4	29	5	272	5	269	99	3	1
PR	8	12	35	11	78	13	1433	25	1432	100	1	0
RJ	2	3	11	4	17	3	181	3	181	100		
RS	21	30	94	30	179	30	1500	26	1500	100		
SC	18	26	97	31	174	29	1152	20	1147	100	5	0
SP	15	22	64	20	119	20	1207	21	1206	100	1	0
Total	**69**	**100**	**313**	**100**	**596**	**100**	**5745**	**100**	**5735**	**99,83**	**10**	**0,17**

Fonte: Dados primários

A Tabela 2 exibe o número de questionários e moradores (indígenas e não indígenas) por comunidade visitada em cada Estado, oferecendo uma listagem do nome de tais comunidades. No Mapa Geral (p. 30-31) estão representadas as comunidades inventariadas e sua localização.

Tabela 2 – Número de Questionários e Moradores
(Indígenas e Não Indígenas) por Comunidade Visitada

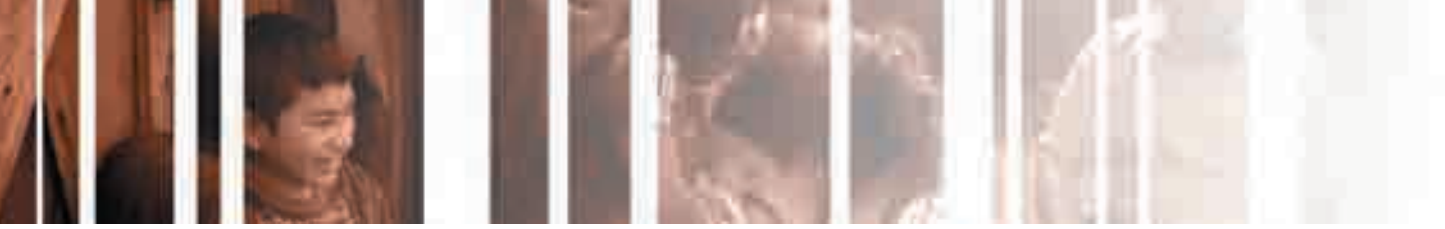
Estado	Comunidade	Questionários Individuais		Moradores Indígenas		Moradores Não Indígenas	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
ES	Boa Esperança	14	2	93	98,9	1	1,1
	Caeiras Velhas	1					
	Olho D'Água	2		43	100		
	Piraquê-Açu	5	1	20	90,9	2	9,1
	Três Palmeiras	7	1	113	100		
ES	**Total**	**29**	**5**	**269**	**98,9**	**3**	**1,1**

(Continua)

Estado	Comunidade	Questionários Individuais		Moradores Indígenas		Moradores Não Indígenas	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
PR	Araçai	1					
	Ilha da Cotinga	19	3	113	99,1	1	0,9
	Kuaray Guata Porá	6	1	48	100		
	Lebre	14	2	123	100		
	Ocoy	8	1	635	100		
	Pinhal	14	2	364	100		
	Tekoa Itamarã	12	2	142	100		
	Tekoa Karaguatá	4	1	7	100		
PR	**Total**	**78**	**13**	**1432**	**99,9**	**1**	**0,1**
RJ	Itaxi-Mirim	14	2	167	100		
	Saco do Mamaguá	3	1	14	100		
RJ	**Total**	**17**	**3**	**181**	**100**	**0**	**0**
RS	Aldeia Cantagalo	13	2	135	100		
	Aldeia Verdadeira	14	2	120	100		
	Campo Bonito	8	1	63	100		
	Capivari	12	2	30	100		
	Coxilha da Cruz	15	3	209	100		
	Estiva	11	2	140	100		
	Flor do Campo	13	2	54	100		
	Guabiroba	10	2	60	100		
	Irapua	1		55	100		
	Kaaguy Pau	5	1	78	100		
	Mato Preto	18	3	80	100		
	Nhanderú	7	1	41	100		
	Passo Grande	5	1	6	100		
	Passo Grande II	7	1	12	100		

Estado	Comunidade	Questionários Individuais		Moradores Indígenas		Moradores Não Indígenas	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
RS	Petim	6	1	40	100		
	Pindo Poty	6	1	12	100		
	Pindomirim	1		70	100		
	Pinheiro	3	1	15	100		
	Tekoa Koenju	11	2	240	100		
	Tekoa Yyryapú	8	1	17	100		
	Ximboy	5	1	23	100		
RS	**Total**	**179**	**30**	**1500**	**100**	**0**	**0**
SC	Aldeia Amâncio	8	1	26	100		
	Amaral	12	2	78	100		
	Cambirela	2					
	Conquista Jataity	8	1	40	100		
	Itanhaé	10	2	83	98,8	1	1,2
	Jabuticabeira	9	2	42	100		
	Limeira	12	2	78	100		
	Massiambu	8	1	70	100		
	Morro dos Cavalos	17	3	140	98,6	2	1,4
	Palmeirinha Pindoti	5	1	37	100		
	Praia de Fora	1					
	Tarumã	1					
	Tavaí	13	2	30	100		
	Tekoa Marangatu	16	3	162	100		
	Tekoa Vy'a	10	2	66	98,5	1	1,5
	Tiarajú	18	3	65	100		
	Yvapuru	7	1	22	100		
	Yynn Morott Whera	17	3	178	99,4	1	0,6
SC	**Total**	**174**	**29**	**1147**	**99,6**	**5**	**0,4**

(Continua)



Estado	Comunidade	Questionários Individuais		Moradores Indígenas		Moradores Não Indígenas	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
SP	Aguapeú	8	1	120	100		
	Amba Porá	9	2	44	100		
	Gwawira	8	1	19	100		
	Ilha do Cardozo	6	1	30	100		
	Itaoca	8	1	70	100		
	Itapé	4	1	7	100		
	Itapu Mirim	4	1	24	100		
	Itapua	11	2	53	100		
	Jaji-ty	4	1	12	100		
	Krukutu	4	1	360	100		
	Pindo-ty	9	2	104	100		
	Rio Branco	8	1	80	98,8	1	1,2
	Takuari-ty	7	1	63	100		
	Tekoa Jae Xa'a Porã	20	3	160	100		
	Urui-ty Miracatu	9	2	60	100		
SP	**Total**	**119**	**20**	**1205**	**99,9**	**1**	**0,1**
Total Geral		**596**	**100**	**5735**	**99,8**	**10**	**0,2**

Fonte: Dados primários

3.3 Estimativa do Número de Falantes do Guarani Mbya

Tabela 3 – Língua(s) Falada(s) nos Lares pelos Indivíduos por Estado

Língua(s) Declarada(s) como Falada(s) no Lar

Línguas	ES	PR	RJ	RS	SC	SP	Presença das Línguas nos Lares dos 596 Entrevistados*	
	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	%
Espanhol				9	3	1	13	2
Guarani	27	78	17	178	167	119	586	98
G.Nhandeva	2						2	0
G.Paraguaio				1			1	0
G.Xiripá					1		1	0
Inglês					1		1	0
Português	2	1		37	42	6	88	15
Tupi						2	2	0

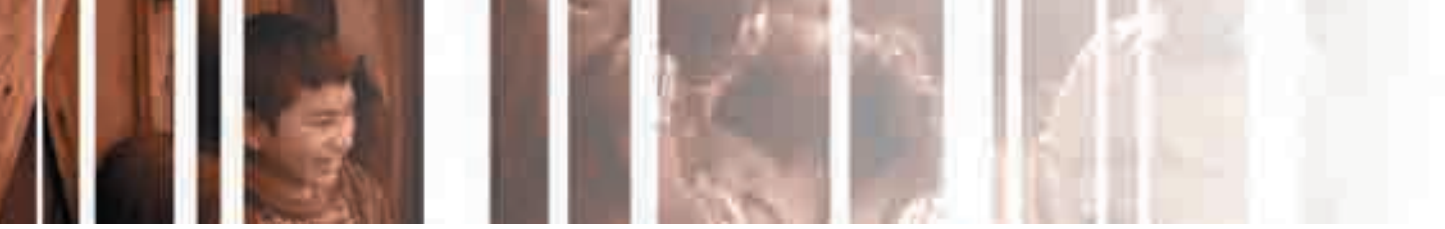
** Em muitas situações, os entrevistados (ao todo 596) declararam falar mais de uma língua no lar, por isso, o total de ocorrências de línguas faladas no lar foi superior ao número de entrevistados (694).*

Fonte: Dados primários

Considerando, como mostra a Tabela 3, que a Língua Guarani, ou Guarani Mbya, é declarada como a de uso na casa por praticamente todos os inventariados (somente quatro indivíduos se declararam monolíngues em Português), podemos concluir, então, que, ao excluirmos os não indígenas, o número 5.735 diz respeito aos falantes da língua. A este número devemos somar o de aldeias não inventariadas, seja por se localizarem em locais de difícil acesso ou, como mostramos, por estarem mais ao Norte do País, fora do escopo de abrangência do ILG.

O aprofundamento do estudo demográfico da língua, de acordo com a metodologia proposta pelo GTDL/INDL, contempla não somente a quantidade de falantes, mas também um estudo sobre a perspectiva de manutenção ou ampliação do número de falantes, observando sua proficiência e a taxa de transmissão da língua de uma geração para outra.

No caso da Língua Guarani Mbya, é necessário contemplar, nesse ponto, a presença de outras línguas também sabidamente faladas pelos Guarani, como o Português e, em menor escala, o Espanhol. A hipótese é que o contato com essas outras línguas pode produzir algum deslocamento do Guarani Mbya, em especial nas gerações mais jovens.



Para contemplar essa articulação, procuramos, inicialmente, verificar a relação entre o perfil das comunidades – se é mais ou menos antiga, mais ou menos próxima a centros urbanos –, a faixa etária dos habitantes e a presença de outras línguas.

Além disso, organizamos um conjunto de indicadores para mensurar a taxa intergeracional de transmissão da Língua Guarani Mbya e a importância que os falantes atribuem à sua língua, considerando o interesse manifesto em ensiná-la aos filhos, netos ou bisnetos e as razões dadas para isso.

São estes os pontos abordados a seguir.

3.4 Caracterização das Comunidades Inventariadas

a) Antiga X recente

Tabela 4 – Data Declarada de Criação das Aldeias

Classificação quanto à Data Declarada de Criação das Aldeias

Data de Criação	ES		PR		RJ		RS		SC		SP		Total/Idade	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Data Não Identificada	1	25			2	100	1	5			1	7	**5**	**8**
Idade Mítica (1500-1850)							1	5	1	7			**2**	**3**
Antigas (1950-1980)			3	43			5	24	2	13	2	13	**12**	**19**
Jovens (1981-2000)	2	50	3	43			9	43	6	40	7	47	**27**	**42**
Recentes (2001-)	1	25	1	14			5	24	6	40	5	33	**18**	**28**
Total/Estado	**4**	**100**	**7**	**100**	**2**	**100**	**21**	**100**	**15**	**100**	**15**	**100**	**64**	**100**

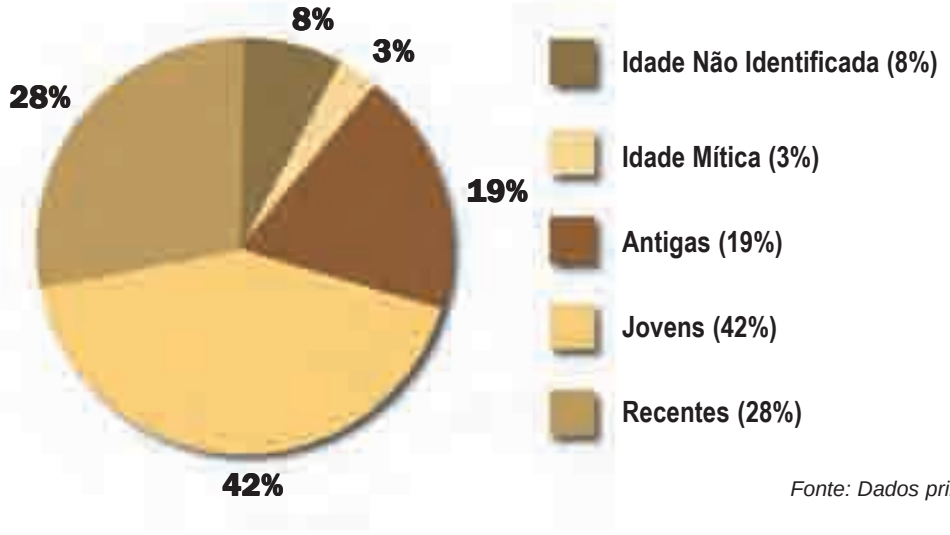
Fonte: Dados primários

Embora nem sempre o entrevistado tenha identificado a data de criação da aldeia onde vive (como aconteceu no Rio de Janeiro) e embora as datas declaradas mereçam atenção em vista do estatuto jurídico do território, como veremos no capítulo *Distribuição Geográfica da Língua,* chama a atenção a preponderância de criação de comunidades a partir da década de 80 (70%).

Sobre este ponto, podemos notar a relação entre o estabelecimento de aldeias Guarani Mbya a partir da década de 1980 e a abertura política no Brasil, que culminou com a declaração da Constituição Federal de 1988. As criações do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em 1910 e da FUNAI em 1967, embora tenham tido consequências consideráveis, principalmente no que diz respeito à educação, não protagonizaram, até os anos 1980, ações significativas para a política de ampliação de terras indígenas, como se constata pela existência de apenas 19% de aldeias antigas. A agentividade das comunidades indígenas e das instituições indigenistas, que desembocou na garantia constitucional à educação e à cultura diferenciadas, será potencializada no início dos anos 90, ressoando também ao Estado novas demandas através da FUNAI.

A aldeia Guabiroba, em Benjamin Constant do Sul/RS, declarou existência desde **1850**, e a aldeia Morro dos Cavalos, em Palhoça/SC, desde **1513**. Essas duas datas parecem indicar sentidos de um pertencimento original da terra aos povos que nela habitam, por isso consideramos que estas duas datas indicam uma Idade Mítica.

Gráfico 1 – Percentual Geral da Idade das Comunidades



Fonte: Dados primários

INVENTÁRIO DA LÍNGUA GUARANI MBYA

MAPEAMENTO DAS ALDEIAS MAIS JOVENS X ALDEIAS MAIS ANTIGAS

As comunidades indígenas foram agrupadas conforme o ano em que foram criadas. Esse recorte justifica-se pela preocupação da criação de comunidades a partir da década de 1980 (70%), o que coincide com a ofensiva política no Brasil e a Declaração da Constituição Federal de 1988. As criações do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em 1910 e a da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 1967, embora tenham sido consequências imediatas, principalmente no que diz respeito à educação, não representaram momentos significativos para a política de demarcação de terras indígenas.

Nº	NOME DA ALDEIA
1	MASSIAMBU
2	MORRO DOS CAVALOS
3	TYWA MORCOTT SHERIA
4	PRAIA DE FORA
5	MARANGATU
6	TAPIRAI
7	VY'A
8	MAIARI
9	CAMBRELA
10	TAIAI
11	LIBERA
12	TEKOÁ
13	YVAPORU
14	ITANHAÉ
15	AMANCIO
16	PALMEIRINHA PINDOTY
17	CONQUISTA JATONTY
18	JABUTICABEIRA
19	PETIM
20	NHANDERU
21	ADERALI
22	MATO PRETO (JARAKEU VERA)
23	GUARICIBA
24	YTYWRU (ORANJA VARCHE)
25	KAIBOY (ORENAU)
26	KAAGUY RAU (WARDINHA)
27	SETIVA (TERDA NHUSE)
28	COXILHA DA CRUZ (PORÃ)
29	CAPIVARI
30	CANTA GALO
31	FLOR DO CAMPO
32	CAMPO BONITO (NHUM PORÃ)
33	PINDO POTY (LAIR)
34	VERDADEIRA (AMETENDOÃ)
35	PASSO GRANDE
36	PASSO GRANDE II - AMBERY
37	IRAPUÃ
38	PINDOKERI
39	PINHEIRO (ACAMPAMENTO)
40	SACO DO MAMANDUÁ
41	ITAUNABAI
42	OCOY
43	ITAMARÃ
44	LEBRE
45	PINHAL
46	KARAGUATA
47	KUARAY GUATA PORÃ
48	ILHA DA COTINGA (PINDO-TY)
49	CAMPAS NEGRAS
50	BOA ESPERANÇA
51	TRÊS PALMEIRAS
52	PARAQUÊ-AÇU
53	OLHO D'ÁGUA
54	ILHA DO CARDOZO - PAKURY-TY
55	TAKUARI-TY
56	ITAPU MIRIM
57	AKIBA PORÃ
58	LIROA-TY MIRACATU
59	ITAPUÃ
60	ITAPÉ
61	PINDO-TY
62	GUAIRIRA
63	JAJA-TY
64	AGUAPEU
65	ITADICA
66	RIO BRANCO (YYREKUAIA PORÃ)
67	JAÉ, KAA PORÃ (BOA VISTA)
68	KRUKUTU
69	ARACAÍ

Convenções Cartográficas

Aldeias Visitadas

Data* quando a viagem

- Antes de 1950
- 1951 a 1970
- 1980 a 2000
- 2001 a 2010

Rodovias Federais
Limites Municipais
Limites Estaduais
Limites Internacionais
Oceano Atlântico

Paraguai
Argentina
Uruguai

Conselho Federal Gestor do
Fundo de Defesa de Direitos Difusos

Ministério da
Justiça
Secretaria de Direito Econômico

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Pesquisadores: PCL Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística
Cartografia/Mapa: Deniquele Rosário Kolb Neto
Publicado em maio de 2011
Este mapa integra o Inventário da Língua Guarani Mbya - ILG

b) Rural X Urbana

A demarcação de terras indígenas pela República Federativa do Brasil não necessariamente estabelece zoneamento, caracteriza ou implanta um plano diretor para gestão da área que não esteja homologada. Veremos, nas considerações sobre a situação legal das terras, que apenas seis das aldeias inventariadas declararam sua terras reconhecidas e homologadas.

Na breve análise realizada sobre a legislação indígena no Brasil, verificamos que, quando homologadas, são enquadradas como áreas rurais. Para todas as demais situações, não encontramos menções referentes à necessidade de classificar as terras.

Com base nesse quadro, indagamos aos líderes em que tipo de zona (rural ou urbana) enquadrava-se a aldeia.

Apenas uma (1,6% do total) das comunidades visitadas não declarou pertencer à área urbana ou à rural do município onde está localizada. Das 63 aldeias que responderam a esse item, 59, ou 93,6%, declararam pertencer à zona rural, e quatro, ou 6,4%, informaram pertencer à zona urbana, conforme apresenta a Tabela 5 a seguir:

Tabela 5 – Localização Declarada das Aldeias Inventariadas

Localização Declarada das Aldeias Inventariadas

UF Zona	ES		PR		RJ		RS		SC		SP		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Urbana									1	7	3	21	4	6
Rural	4	100	7	100	2	100	21	100	14	93	11	79	59	94
Total	4	100	7	100	2	100	21	100	15	100	14	100	63*	100

** Consideradas apenas as 63 aldeias que declararam pertencimento às zonas urbana ou rural.* *Fonte: Dados primários*

A predominância de zona rural pode estar refletindo a orientação dada pela legislação, que atribui o zoneamento rural para as terras indígenas homologadas. Chama, no entanto, a atenção o fato de a categoria de zona urbana ser declarada por quatro delas.

Mapa das aldeias mais jovens x aldeias mais antigas.

Podemos perceber, no cruzamento proposto na Tabela 6, que todas as aldeias que declararam estar localizadas em zona urbana classificam-se como aldeias jovens, criadas entre 1981 e 2000. Essas aldeias jovens e urbanas são: Aguapeú, em Moganguá/SP, criada em 1990; Itaoca, em Moganguá/SP, em 1993; Takuari-ty, em Cananéia/SP, criada em 1998; e Yynn Moroti Wherá, em Biguaçu/SC, em 1987. Cabe perguntar, em estu-

dos futuros, sobre as razões dessa categorização, observando se ela advém de determinações jurídicas ou se está baseada em outros fatores, como a proximidade a grandes centros e aos bens e serviços ofertados pelo entorno.

Tabela 6 – Data de Criação *versus* Localização (Rural *versus* Urbana)

Cruzamento entre a Data de Criação e a Localização das Comunidades

Estado	Data de Criação	Zona		Total Geral
		RURAL	URBANA	
ES	Idade Não Identificada	1		1
	Jovens	2		2
	Recentes	1		1
ES	**Total**	**4**		**4**
PR	Antigas	3		3
	Jovens	3		3
	Recentes	1		1
PR	**Total**	**7**		**7**
RJ	Idade Não Identificada	2		2
RJ	**Total**	**2**		**2**
RS	Antigas	5		5
	Idade Mítica	1		1
	Idade Não Identificada	1		1
	Jovens	9		9
	Recentes	5		5
RS	**Total**	**21**		**21**
SC	Antigas	2		2
	Idade Mítica	1		1
	Jovens	5	1	6
	Recentes	6		6
SC	**Total**	**14**	**1**	**15**
SP	Antigas	2		2
	Idade Não Identificada	1		1
	Jovens	3	3	6
	Recentes	5		5
SP*	**Total**	**11**	**3**	**14**
Total Geral		**59**	**4**	**63**

**Pindo-ty, que não declarou a localização da aldeia, é uma comunidade jovem.* *Fonte: Dados primários*

Para nossos objetivos, podemos salientar que embora o critério rural/urbano tenha sido o único indicado pelo GTDL, a qualificação do território linguístico parece requerer que outros fatores sejam também observados.

Para o caso da Língua Guarani Mbya (e outras línguas indígenas faladas em várias partes e em diferentes contextos), a acessibilidade às comunidades funciona como fator determinante para trocas culturais e linguísticas, podendo produzir modificações nas línguas em contato. Os fatores que determinam essa acessibilidade serão abordados na relação com o tipo de território linguístico, no capítulo 5.

3.5 Caracterização dos Falantes

a) Faixa Etária dos Falantes

Tabela 7 – Faixa Etária dos Entrevistados

Faixa Etária dos Indivíduos Entrevistados

0 a 10 anos		11 a 20 anos		21 a 40 anos		41 a 60 anos		61 anos ou mais		Idade Não Informada	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
17	3	167	28	253	42	101	17	42	7	16	3

Fonte: Dados primários

Dos habitantes entrevistados, 42% estão na faixa entre 21 e 40 anos de idade. Na faixa etária entre 6 e 20 anos, estão 31% dos que responderam aos questionários individuais e, desses, 28% têm entre 11 e 20 anos. Entre 41 e 60 anos, temos 17% dos entrevistados, e apenas 7% têm idade superior a 61 anos.

Constatamos que mais de 70%, ou seja, 73% dos entrevistados declararam ter menos de 40 anos. Esse indicador mostra quanto a população Guarani Mbya nas comunidades visitadas é jovem. O domínio ou não da língua, tanto na fala e compreensão quanto na leitura e escrita, por tal faixa etária, permite-nos deduzir seu vigor em tempos vindouros.

b) Gênero

O ILG aplicou 596 questionários individuais, sendo 255 em indivíduos do gênero feminino (42,79%) e 341 em pessoas do gênero masculino (57,21%). Todos os homens manifestaram falar a Língua Guarani no ambiente familiar e, entre as mulheres, 243 afirmaram o mesmo (95,2%).

3.6 Perfil Linguístico das Aldeias Inventariadas

Nas comunidades visitadas, constatamos a presença de 11 línguas em contato (Guarani, Português, Espanhol, Nhandeva, Guarani Paraguaio, Guarani Xiripá, Guarani Kaiowa, Kaingang, Tupi, Inglês e Italiano). Dessas línguas, apenas o Guarani Kaiowa, o Kaingang e o Italiano não são línguas do contexto doméstico.

Tabela 8 – Línguas do Contexto Doméstico

Cruzamento da Faixa Etária dos Indivíduos com a(s) Língua(s) Falada(s) no Lar

F.Etária Língua	0 a 10	11 a 20	21 a 40	41 a 60	61 ou mais	Idade Não Identificada	Ocorrências por Língua
Espanhol		2	5	4	2		**13**
Guarani	**21**	**166**	**249**	**97**	**42**	**11**	**586**
G.Nhandeva			2				**2**
G.Paraguaio			1				**1**
G.Xiripá				1			**1**
Inglês			1				**1**
Português	1	23	43	14	2	5	**88**
Tupi			2				**2**
Total Entrevistas	**21**	**167**	**253**	**101**	**42**	**12**	**596**

Fonte: Dados primários

A Tabela 8 demonstra que a Língua Guarani é falada dentro de praticamente todas as casas: 98% delas. Como mais de uma língua pode ser utilizada no contexto doméstico, aparece, em segundo lugar, o Português, presente 15% das casas. Parte dos indivíduos entrevistados indicou mais de uma língua falada no contexto doméstico, motivo pelo qual o total de ocorrências de línguas nas aldeias inventariadas é superior ao número de entrevistados. Além destas duas, outras línguas utilizadas nos lares Guarani são: Espanhol, Guarani Nhandeva, Guarani Paraguaio, Inglês, Guarani Xiripá e Tupi.

Observamos, pelos indicadores mencionados, que várias línguas não apenas são citadas como compartilham funções e espaços. E, enquanto o Guarani Mbya predomina em todas as comunidades e em praticamente todas as atividades (98,3%), o Português tem falantes declarados em todas as comunidades e o Espanhol em 32 delas.

Os Estados com maior presença do Espanhol nos lares são o Rio Grande do Sul, onde se fala Espanhol em nove deles; Santa Catarina em dois; e São Paulo em um lar.

O plurilinguismo se impõe, portanto.

Tabela 9 – Línguas Faladas nos Lares em Aldeias que Apresentam outras Línguas Faladas no Lar além do Guarani

Configuração Linguística dos Lares Guarani

	Somente Guarani	Guarani e Português	Guarani, Port. e Espanhol	Guarani e Espanhol	Somente Português
	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
RS	118	29	7	1	1
SC	99	31	2		6
SP	44	3	1		
PR	13	1			
ES	11	2			
Total em Nº	**285**	**66**	**10**	**1**	**7**

	Guarani, Port., Esp. e Guarani Paraguaio	Guarani, Port. Esp. e Inglês	Guarani Xiripá	Guarani Port. e Tupi	Guarani Nhandeva
	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
RS	1				
SC		1	1		
SP				2	
PR					
ES					2
Total em Nº	**1**	**1**	**1**	**2**	**2**

Fonte: Dados primários

a) Línguas faladas e línguas escritas

A proficiência nas línguas faladas nas aldeias mostra a superioridade das habilidades orais em comparação às habilidades escritas em todas as línguas, conforme tabelas a seguir. As línguas Guarani e Português estão presentes em todas as aldeias inventariadas.

Tabela 10 – Proficiência em Guarani, Português e Espanhol

Proficiência dos Indivíduos em Guarani, Português e Espanhol

Língua	Habilidade	Proficiência	Falantes	Indicações sobre os falantes e/ou as comunidades
Guarani	Fala	Boa	544	Em 13 comunidades, mais de 50% dos entrevistados declararam saber ler e escrever: **PR**: Lebre, Pinhal e Tekoa Itamarã; **RS**: Aldeia Cantagalo, Coxilha da Cruz e Estiva; **SC**: Conquista Jataity, Tekoa Marangatu e Tiarajú; e **SP**: Amba Porã e Pindo-ty.
		Razoável	17	
		Nula	1	
	Compreensão	Boa	539	
		Razoável	18	
		Nula		
	Leitura	Boa	259	
		Razoável	90	
		Nula	193	
	Escrita	Boa	222	
		Razoável	101	
		Nula	215	
Língua	**Habilidade**	**Proficiência**	**Falantes**	
Português	Fala	Boa	385	
		Razoável	2	
		Nula	143	
	Compreensão	Boa	411	
		Razoável	123	
		Nula		
	Leitura	Boa	266	
		Razoável	100	
		Nula	147	
	Escrita	Boa	233	
		Razoável	121	
		Nula	157	
Língua	**Habilidade**	**Proficiência**	**Falantes**	As comunidades com falantes da língua espanhola são: **ES**: Olho D'Água; **PR**: Tekoa Itamarã e Lebre; **RS:** Aldeia Cantagalo, Aldeia Verdadeira, Campo Bonito, Capivari, Coxilha da Cruz, Estiva, Flor do Campo, Kaaguy Pau, Mato Preto, Passo Grande II, Petim, Pindo Mirim, Tekoa Koenju, Granja Vargas; **SC:** Amaral, Itanhaé, Limeira, Massiambu, Morro dos Cavalos, Tekoa Marangatu, Tekoa Vy'a, Tiarajú, Yynn Morott Whera; e **SP:** Amba Porã, Itaoca, Krukutu, Takuari-ty, Urui-ty Miracatu.
Espanhol	Fala	Boa	26	
		Razoável	21	
		Nula	1	
	Compreensão	Boa	29	
		Razoável	19	
		Nula	1	
	Leitura	Boa	15	
		Razoável	13	
		Nula	18	
	Escrita	Boa	13	
		Razoável	10	
		Nula	22	

Fonte: Dados primários

Tabela 11 – Proficiência nas Demais Línguas Declaradas

Proficiência dos Indivíduos nas Demais Línguas Declaradas

Língua	Habilidade	Proficiência	Falantes	Indicações sobre os falantes e/ou as comunidades
Guarani Nhandeva	Fala	Boa	9	Todos os nove falantes de Guarani Nhandeva localizam-se no Estado do Espírito Santo, nas aldeias Boa Esperança (oito) e Piraquê-Açu (um). Nenhum desses falantes declarou proficiência nula em alguma das quatro habilidades. Todos os nove falantes de Guarani Nhandeva localizam-se no Estado do Espírito Santo, nas aldeias Boa Esperança (oito) e Piraquê-Açu (um). Nenhum desses falantes declarou proficiência nula em alguma das quatro habilidades.
	Compreensão	Boa	6	
		Razoável	3	
	Leitura	Boa	7	
		Razoável	2	
	Escrita	Boa	5	
		Razoável	3	
Língua	**Habilidade**	**Proficiência**	**Falantes**	**Observações**
Tupi	Fala	Boa	3	Todos os três falantes de Tupi moram no Estado de São Paulo, na aldeia Urui-ty Miracatu e na Tekoa Jae Xa'a Porã (Boa Vista). Nesta vive o falante de Tupi que não lê nem escreve nessa língua.
	Compreensão	Boa	3	
	Leitura	Boa	1	
		Nula	1	
	Escrita	Boa	2	
		Nula	1	
Língua	**Habilidade**	**Proficiência**	**Falantes**	**Observações**
Guarani Paraguaio	Fala	Boa	1	O falante é da Tekoa Koenju/RS e não declarou sua proficiência em leitura e escrita.
	Compreensão	Boa	1	
Língua	**Habilidade**	**Proficiência**	**Falantes**	**Observações**
Inglês	Fala	Razoável	4	Em SC (Tiarajú e Tekoa Vy'a) vivem três dos falantes. O outro está no RS, em Mato Preto (Arandu Verá).
	Compreensão	Razoável	4	
	Leitura	Razoável	4	
	Escrita	Razoável	4	
Língua	**Habilidade**	**Proficiência**	**Falantes**	**Observações**
Kaingang	Fala	Boa	2	Todos os falantes de Kaingang vivem no Paraná, nas aldeias Pinhal e Lebre. O falante que declarou não saber ler nem escrever em Kaingang reside, atualmente, em Lebre.
		Razoável	2	
	Compreensão	Boa	2	
		Razoável	2	
	Leitura	Boa	2	
		Razoável	1	
		Nula	1	
	Escrita	Boa	2	
		Razoável	1	
		Nula	1	

(Continua)

Língua	Habilidade	Proficiência	Falantes	Observações
Guarani Kaiowa	Fala	Boa	1	O falante que declarou saber Guarani Kaiowa é da aldeia Boa Esperança, no Espírito Santo.
	Compreensão	Boa	1	
	Leitura	Boa	1	
	Escrita	Boa	1	
Língua	**Habilidade**	**Proficiência**	**Falantes**	**Observações**
Italiano	Fala	Razoável	1	O falante, homem, de 89 anos, nasceu em Nonoai, é Guarani Mbya. Nunca estudou, usa o italiano com não indígenas e reside no RS, em Pindomirim.
	Compreensão	Razoável	1	
	Leitura	Nula	1	
	Escrita	Nula	1	

Fonte: Dados primários

Sintetizamos, a seguir, as comunidades que apresentam mais de 50% dos falantes entrevistados que declararam proficiência nas habilidades de escrita e leitura. O cálculo foi feito sobre o número dos que declararam habilidades de leitura e escrita na língua. Assim, por exemplo, se 7 entre 13 falantes declararam saber ler, o índice indicado foi de 54%.

Tabela 12 – Comunidades com Índices de Proficiência em Escrita e Leitura maior do que 50% em Guarani, Português e Espanhol

Comunidades com mais de 50% de Falantes Proficientes em Escrita e Leitura

UF	Comunidades	Guarani		Português		Espanhol	
		Leitura %	Escrita %	Leitura %	Escrita %	Leitura %	Escrita %
PR	Lebre	71	57				
	Pinhal	57	57	57	57		
	Piraquê-Açú			60	60		
	Tekoa Itamarã	67	67	67	67		
RS	Aldeia Cantagalo	54	54	54	54	75	100
	Aldeia Verdadeira					50	100
	Coxilha da Cruz	80	67				
	Estiva	82	64	64	64		
	Mato Preto			67	55	100	100
SC	Amaral					100	100
	Conquista Jataity	75	63	62	62		
	Tavaí			61	61		
	Tekoa Marangatu	75	57	87	69	75	75
	Tekoa Vy'a					50	100
	Tiarajú	61	61	72	67		
SP	Amba Porá	67	67				
	Itaoca						100
	Pindo-ty	78	78				

Fonte: Dados primários

Tabela 13 – Comunidades com mais de 50% de Falantes Proficientes em Escrita e Leitura em Guarani Nhandeva, Tupi, Kaiowa e Kaingang

Comunidades com mais de 50% de Falantes com Proficiência em Escrita e Leitura

UF	Comunidades	G. Nhandeva		Tupi		Kaiowa	
		Leitura %	Escrita %	Leitura %	Escrita %	Leitura %	Escrita %
ES	Boa Esperança	100	100			100	100
	Piraquê-Açú	100	100				
SP	Tekoa Jae Xa'a Porã			100	100	Kaingang	
	Urui-ty Miracatu			100	100	Leitura %	Escrita %
PR	Pinhal					66	66

Fonte: Dados primários

b) Saber uma ou mais línguas: perfil dos falantes e predomínio do bilinguismo

Para aprofundar o perfil dos falantes quanto ao domínio de uma ou mais línguas, procuramos conhecer em que faixa etária se concentra quem sabe uma, duas, três ou mais línguas. Temos:

Tabela 14 – Número de Línguas Faladas por Faixa Etária

Número de Línguas Faladas por Faixa Etária

Faixa Etária	Bilíngue		Monolíngue		Quadrilíngue		Trilíngue		Total Geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 a 10 anos	19	3	1	0,1			1	0,1	**21**	**3**
11 a 20 anos	148	25	9	1,5			10	2	**167**	**28**
21 a 40 anos	213	36	8	1,3	4	0,7	25	4	**250**	**42**
41 a 60 anos	77	13	10	1,7			12	2	**99**	**17**
61 anos ou mais	28	5	9	1,5	1	0,1	5	1	**43**	**8**
Não Informada	9	1	3	0,5					**12**	**2**
Total Geral	**494**	**83**	**40**	**7**	**5**	**1**	**53**	**9**	**592**	**100**

Fonte: Dados primários

Observando o perfil dos monolíngues, notamos, na Tabela 14, a maior concentração na faixa etária entre 41 e 60 anos, embora a diferença seja reduzida em relação às outras faixas. Entre os falantes trilíngues e

quadrilíngues, entretanto, a grande maioria encontra-se entre 21 e 40 anos de idade, mesma faixa etária da maioria dos falantes bilíngues. Interessante notar que das 21 crianças entrevistadas (de 0 a 10 anos), 19 (90%) são bilíngues, dado indicativo de que a aquisição da segunda língua ocorre precocemente nas aldeias Guarani.

A respeito dos 40 falantes monolíngues, a Tabela 15 revela a preponderância de monolíngues em Guarani, correspondendo a 90% deles. Na referida tabela, é possível constatar também a inexistência de falantes monolíngues nos Estados do Paraná e do Rio de Janeiro. A maior parte desses falantes localiza-se no Estado do Rio Grande do Sul, no qual foram entrevistados 26 falantes monolíngues. Essa preponderância do Estado gaúcho se mantém em face do percentual de falantes monolíngues por Estado, como indica a mesma tabela. Assim, dos 179 questionários respondidos por indivíduos no Rio Grande do Sul, 26 deles, ou seja, 14,5% declararam somente conhecer uma língua. Em segundo lugar está Santa Catarina, com registro de nove monolíngues em um universo de 157 questionários, o que equivale a 5,8% dos indivíduos entrevistados nesse Estado. Espírito Santo e São Paulo, embora com números diferentes de questionários aplicados, apresentaram percentuais semelhantes de monolinguismo: 3,5% e 3%, respectivamente.

O percentual de monolíngues em outra língua que não o Guarani é consideravelmente reduzido (6,7%). Nesse caso, encontramos a dominância do Português, com quatro falantes.

A Tabela 15 sintetiza essa análise.

Crianças jogando bola no campo localizado na parte alta da Aldeia Itaxi-Mirim, em Paraty – Rio de Janeiro.

Tabela 15 – Monolíngues por Faixa Etária, Comunidade, Estado e Língua

Monolíngues por Estado, Comunidade, Faixa Etária e Língua

UF	Comunidade	Faixa Etária	Monolíngues		Total por Comunidade
			Guarani	Português	
ES	Três Palmeiras	41 a 60 anos	1		1
RS	Aldeia Verdadeira	Não informada	1		1
	Capivari	11 a 20 anos	3		3
		61 anos ou mais	2		2
	Flor do Campo	11 a 20 anos	3		3
		21 a 40 anos	2		2
		41 a 60 anos	3		3
		61 anos ou mais	1		1
	Guabiroba	41 a 60 anos		1	1
	Kaaguy Paû	21 a 40 anos	1		1
	Nhanderú	41 a 60 anos	1		1
	Passo Grande II	21 a 40 anos	1		1
		61 anos ou mais	2		2
	Petim	0 a 10 anos	1		1
	PindoPoty	41 a 60 anos	2		2
	Tekoá Koenju	21 a 40 anos	1		1
	Ximboy	11 a 20 anos	1		1
SC	Amâncio	41 a 60 anos	1		1
	Itanhaé	11 a 20 anos		1	1
	Limeira	61 anos ou mais	2		2
	Morro dos Cavalos	21 a 40 anos	1	1	2
	Palmeirinha Pindoti	Não informada	1		1
	Tekoá Vy'á	Não informada	1		1
	Yynn Morott Wherá	41 a 60 anos		1	1
SP	Itaoca	61 anos ou mais	1		1
	Itapu Mirim	21 a 40 anos	1		1
	Itapua	11 a 20 anos	1		1
		61 anos ou mais	1		1
Total Geral			**36**	**4**	**40**

Fonte: Dados primários

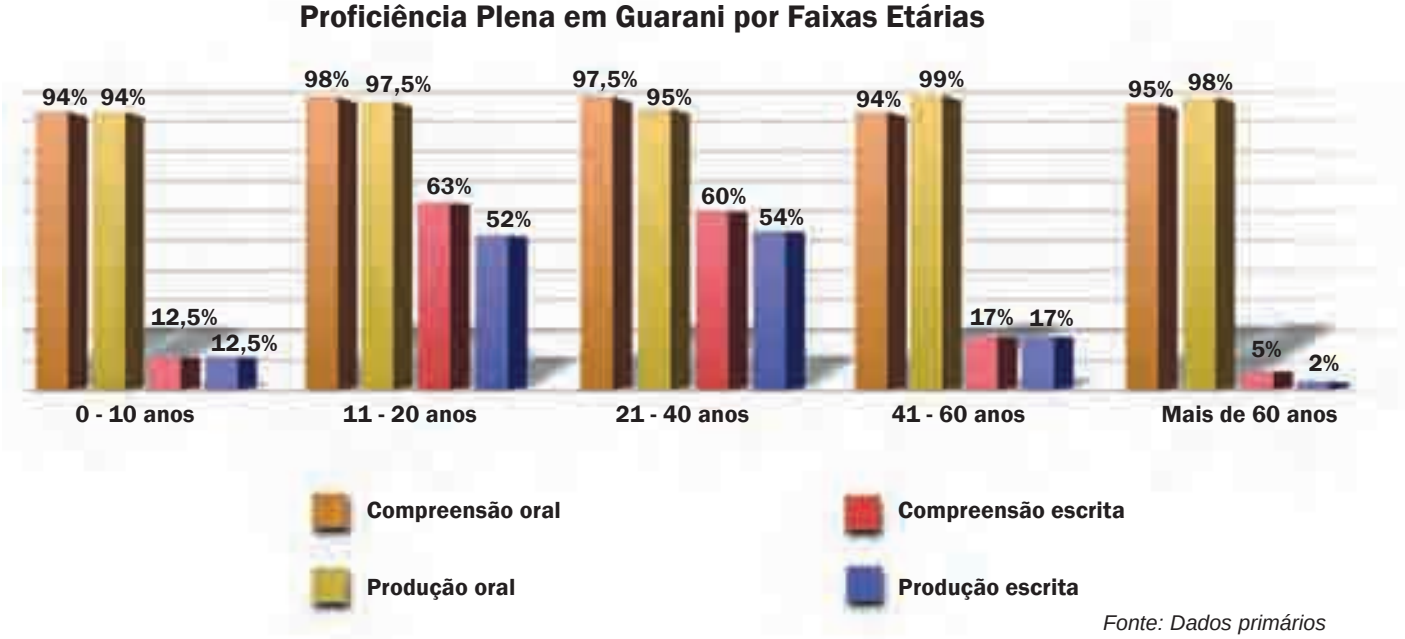
3.7 Guarani Mbya: uma língua vigorosa

3.7.1 A Proficiência em Guarani Mbya

Quanto aos graus de proficiência da Língua Guarani Mbya, percebemos acentuada diferença entre as habilidades declaradas pelos falantes nas modalidades oral e escrita. Enquanto 98% dos falantes Guarani Mbya entrevistados declararam proficiência plena da produção oral e 97% da compreensão oral, apenas 48% e 41% afirmaram ter proficiência plena da compreensão e produção escrita, respectivamente. Nessas habilidades, há, até mesmo, um percentual similar entre falantes que declararam saber e os que declararam não saber ler e/ou escrever.

Consideradas por faixa etária, estas habilidades estão assim distribuídas:

Gráfico 2 – Comparativo entre a Proficiência Plena em Guarani por Faixas Etárias



Fonte: Dados primários

Constatamos, pelo gráfico, um elevado índice de proficiência plena oral em todas as faixas etárias, com a mínima localizada na faixa de 0 a 10 anos (o que é compreensível, uma vez que as crianças entrevistadas tinham entre seis e dez anos, ainda estão em processo de aquisição da língua e nem sempre cientes do que é saber a língua[5]).

[5] A exclusão de crianças de zero a cinco anos de idade do quadro de respondentes é o padrão utilizado pelos Censos.

Quanto à proficiência nas modalidades leitura e escrita da língua, os maiores percentuais estão na faixa dos 11 aos 40 anos. Esta é também a faixa etária que mais frequenta ou frequentou escolas. A partir dos 40 anos, a taxa de leitura e escrita diminui sensivelmente.

Notamos que entre a leitura e a escrita, a que se apresenta como de menor domínio por parte de todos os entrevistados é a modalidade escrita.

Todavia, ressaltamos que o contínuo processo de aquisição da escrita por uma comunidade de tradição oral não resulta necessariamente em preservação da língua, uma vez que os âmbitos de uso da escrita podem ser limitados. A situação agrava-se quando há, no entorno, outra língua, majoritária, oficial e de longa tradição escrita, que tende, por esses motivos, a dominar certos contextos de uso da escrita. Dados a respeito dos usos da escrita nas comunidades Guarani serão apresentados à frente e comprovam a ressalva feita.

Em um contexto altamente plurilíngue e oral, a questão que colocamos é a de conhecer, mais detalhadamente, a situação sociolinguística do Guarani Mbya.

3.7.2 Transmissão Intergeracional da Língua Guarani Mbya

Um fator decisivo para considerar uma língua ameaçada de extinção são as perdas linguísticas entre as gerações. Por isso, conhecer se os filhos aprendem a língua dos pais e se são os pais a ensinarem a língua aos filhos são indicadores que, incidindo sobre as relações linguísticas entre as gerações, permitem mensurar essa taxa. Além disso, o grau de interesse nessa transmissão por parte dos pais, avôs e bisavôs é outro indicador importante. Considerando esses indicadores, podemos calcular a Taxa de Transmissão Intergeracional.

Para responder às questões sobre a transmissão da língua às gerações seguintes, foram inquiridos os chefes dos grupos familiares durante a pesquisa de campo.

A Tabela 16, a seguir, apresenta todas as respostas dadas por 268 chefes de família ao questionamento “seus filhos/seus netos/seus bisnetos falam a Língua Guarani Mbya?”:

Tabela 16 – Transmissão da Língua Guarani Mbya para Filhos, Netos e Bisnetos

Transmissão da Língua Guarani Mbya para Filhos, Netos e Bisnetos

Descendentes	Não	Sim	Não Respondeu	Não Sabe	Não Possui
Filhos	2%	94%	1%	0%	3%
Netos	0%	37%	14%	1%	48%
Bisnetos	1%	6%	19%	1%	73%

Fonte: Dados primários

Foram desconsideradas no cálculo da taxa de transmissão intergeracional as famílias que ainda não possuíam filhos, netos ou bisnetos e casos em que a questão não foi respondida ou que o informante declarou não saber responder.

No entanto, antes de passarmos aos indicadores da transmissão intergeracional da língua, cabe relacionar o alto índice dos que declararam não possuir netos ou bisnetos (48% e 73%, respectivamente) com o fato de ser a população Guarani das comunidades inventariadas muito jovem: 73% dos entrevistados declararam ter menos de 40 anos (conforme Tabela 7).

Considerando os indivíduos que possuem filhos, netos e bisnetos, apresentamos na Tabela 17 a taxa de transmissão intergeracional da língua em cada um dos Estados contemplados no ILG.

Tabela 17 – Transmissão Intergeracional da Língua Guarani Mbya para Filhos, Netos e Bisnetos

Transmissão da Língua Guarani Mbya

Estado	Filhos				Netos				Bisnetos			
	NÃO		SIM		NÃO		SIM		NÃO		SIM	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
ES	1	9	10	91			4	100			1	100
PR			23	100	1	11	8	89	1	50	1	50
RJ			10	100			6	100			1	100
RS	2	3	77	97			32	100	1	33	2	67
SC	3	4	72	96			24	100			8	100
SP			59	100			24	100			4	100
Total	6	2	**251**	**98**	1	1	**98**	**99**	2	11	**17**	**89**

Fonte: Dados primários

A média da taxa intergeracional para a primeira geração dos seis Estados – Espírito Santo, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo – dos falantes de Guarani é muito alta: 98%. Verificamos que 100% dos entrevistados nos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro afirmam que seus filhos sabem a língua. No Espírito Santo, local cuja incidência de filhos que não falam o Guarani Mbya foi a mais alta, ainda assim é considerada insignificante, uma vez que 91% responderam positivamente a essa questão.

Vale notar que a média de filhos que não falam Guarani para os seis Estados é de apenas 2%.

Para a segunda geração – netos –, a taxa de transmissão da língua permanece muito alta: 99% das respostas válidas, contando, até mesmo, com um pequeno acréscimo com relação à primeira geração, que apresentou taxa de 98%. Sendo assim, em apenas 1% das famílias entrevistadas, a língua não foi transmitida aos netos, conforme podemos visualizar no Gráfico 3 a seguir. A média dessa taxa para os seis Estados foi de 99%, enquanto nos Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, 100% dos entrevistados afirmam que seus netos sabem a língua. Apenas no Paraná, um líder de núcleo familiar indicou que seus netos não adquiriram a língua (apenas 1% do total).

Observamos que o universo de respostas válidas para a segunda geração é menor (99 famílias), pelo fato de que a grande maioria dos entrevistados ainda não tem netos (famílias jovens).

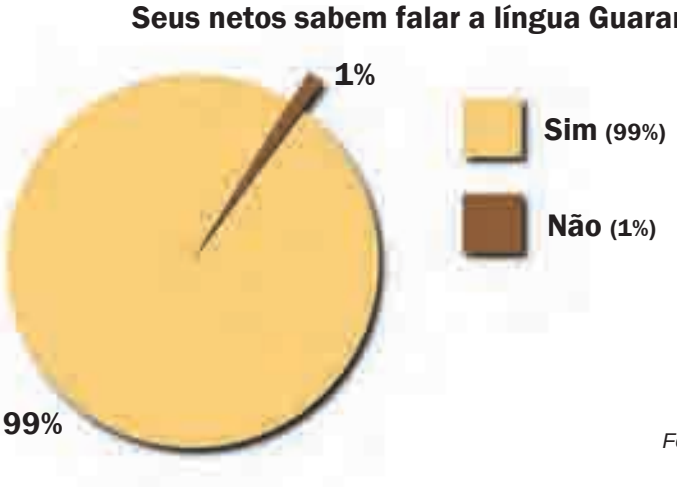
Com relação à terceira geração, há uma pequena diminuição quanto à transmissão da língua em comparação às outras gerações anteriormente apresentadas: 89% das respostas válidas apontam que os bisnetos são falantes do Guarani Mbya *versus* 11% indicando que não o são. O universo de respostas válidas contempla apenas 19 questionários familiares, nos quais foi indicada a existência de bisnetos.

Os gráficos a seguir representam os dados anteriores por geração, desconsiderando os que não possuem filhos, netos ou bisnetos; não responderam à questão; e não souberam responder.

Gráfico 3 – Percentual da Taxa de Transmissão Intergeracional para os filhos

Fonte: Dados primários

Gráfico 4 – Percentual da Taxa de Transmissão Intergeracional para os netos



Fonte: Dados primários

Gráfico 5 – Percentual da Taxa de Transmissão Intergeracional para os bisnetos

Fonte: Dados primários

Mapa das línguas faladas nas casas.

INVENTÁRIO DA LÍNGUA GUARANI MBYA

MAPEAMENTO DAS LÍNGUAS FALADAS NAS CASAS

Nas 93 aldeias inventariadas, a Língua Guarani Mbyá é falada massivamente nas casas. Observamos, no entanto, que são recorrentes as situações de bilinguismo (Guarani Mbyá e Português ou Guarani Mbyá e Espanhol). Em algumas casas, nessa fala (língua não falada). Com menor incidência, deparou-se com exclusivo no Português ou de outras variantes do Guarani.

Nº	NOME DA ALDEIA
1	BASSAMBIU
2	MORRO DOS CAVALOS
3	TYWA MOROTI WARERA
4	PRAIA DE FORA
5	MARANGATU
6	TIARAJÚ
7	VYA
8	AGUAI
9	CAMBRELÁ
10	TAVÁ
11	LIMEIRA
12	TAKUARÁ
13	TYAPURU
14	ITAMBÉ
15	MANACIO
16	PALMEIRINHA PINDOTI
17	CONQUISTA JATATY
18	JABUTICABEIRA
19	POTIM
20	NHANDERU
21	KOENJU
22	MATO PRETO (ARANDU VERÁ)
23	GUABIROBA
24	TYRYAPU (ERVALIA VARGAS)
25	KAMBOY (CRENAC)
26	KAAGUY RAU (MARDINHA)
27	ESTUA (TENDA NHUMBE)
28	COXILHA DA CRUZ (PORÃ)
29	CAPIVARI
30	CANTA GALO
31	FLOR DO CAMPO
32	CAMPO BONITO (NHUMI PORÃ)
33	PINDO POTY (LABI)
34	VERDADEIRA (ARETE NGUA)
35	PASSO GRANDE
36	PASSO GRANDE 2 - ARBIET
37	IRAPUÁ
38	PINDOWRA
39	PINHEIRO (ACAMPAMENTO)
40	SACO DO BARANDILÚ
41	TAU MIRIM
42	OCOY
43	ITAMARÃ
44	LEBRE
45	PINHAL
46	KARAGUATA
47	KUARAY GUACA PORÃ
48	ILHA DA COTINGA (PINDO TY)
49	CABAÇAS VELHAS
50	BOA ESPERANÇA
51	TRÊS PALMEIRAS
52	PIRAQUÉ AÇU
53	OLHO D'ÁGUA
54	ILHA DO CARDOSO - PAKURI TY
55	TAKUARI-TY
56	TAPU MIRIM
57	ARIBA PORÃ
58	URUS-TY MIRACATU
59	TAPUA
60	TAPE
61	PINDO-TY
62	CAMARÃ
63	JAJÉ-TY
64	AGUAPEU
65	TAOCA
66	RIO BRANCO (TYREKANA PORÃ)
67	JAE KAA PORÃ (BOA VISTA)
68	KRUKUTU
69	ARACAÍ

Convenções Cartográficas

Aldeias Visitadas

Línguas Faladas nas Casas

- Guarani, Português e Espanhol
- Guarani e Português
- Guarani e Espanhol
- Guarani Kaiowá
- Guarani Mbyá
- Guarani Português
- Guarani, Português, Guarani e Guarani Paraguaio
- Guarani, Português, Guarani e Inglês
- Guarani, Português e Tupi
- Sem resposta

Rodovias

Estradas Federais

Estradas Estaduais

Hidrografia

Rios

Limites Internacionais

Reservatórios

Ministério da Justiça
Secretaria de Direito Econômico

Ministério da Cultura

BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Em síntese, embora haja uma queda de dez pontos percentuais entre a segunda e a terceira gerações (de 99% a 89%), a média da taxa de transmissão intergeracional da Língua Guarani Mbya entre as famílias é alta, o que é indicador da vitalidade da língua.

3.7.3 Ensinou ou Pretende Ensinar a Língua a Filhos, Netos e Bisnetos

Além da efetiva transmissão da língua na família, outro dado que revela a importância que os falantes do Guarani Mbya atribuem à sua língua é indicado pelo interesse manifesto em ensiná-la aos filhos, netos ou bisnetos e as razões dadas para isso. Nesse sentido, a atitude dos entrevistados, em geral, é positiva, mediante a vontade de que as próximas gerações a adquiram.

A intenção na transmissão da Língua Guarani Mbya aos filhos, netos e bisnetos foi uma questão apresentada também aos chefes dos núcleos familiares (243 no total).

Tabela 18 – Intenção de Transmissão da Língua para os Filhos, Netos e Bisnetos

Intenção de Transmissão da Língua Guarani Mbya

Estado	Filhos				Netos				Bisnetos			
	NÃO		SIM		NÃO		SIM		NÃO		SIM	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
ES			4	100			4	100			4	100
PR			23	100			23	100			23	100
RJ			11	100			11	100			11	100
RS	2	3	71	97	3	4	65	96	4	6	62	94
SC	4	5	73	95			71	100	4	5	72	95
SP			61	100			61	100			61	100
Total	6	2	**243**	**98**	3	1	**235**	**99**	8	3	**233**	**97**

Fonte: Dados primários

Das 243 respostas válidas, 98% dos entrevistados indicaram a intenção de ensinar a língua indígena aos seus filhos e apenas 2% (ou seis respostas) indicaram não terem essa intenção. Nos Estados do Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo, "sim" foi a resposta de 100% dos entrevistados.

Em relação aos filhos dos filhos, ou netos, permanece forte essa intenção: 235 pessoas (99% do total de respostas válidas) afirmaram que ensinaram ou pretendem ensinar a Língua Guarani para seus netos, sendo a máxima de 100% em três Estados: Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo. Apenas três pessoas no Rio Grande do Sul afirmaram que não pretendem fazê-lo.

Verificamos ainda que os altos índices de ensino da língua ou da intenção de ensiná-la praticamente se repetem em relação aos bisnetos. A soma geral do número de falantes que respondeu afirmativamente a esse item foi de 233 pessoas (97% das respostas válidas).

É evidente o interesse no ensino da língua por parte dos falantes para as futuras gerações. Com 98% aos filhos, 99% aos netos e 97% aos bisnetos, os dados sobre a intenção de transmissão da Língua Guarani Mbya assemelham-se aos dados da taxa de transmissão efetivamente realizada, conforme afirmam pais, avós e bisavós. Em outras palavras, 99% dos pais afirmam que os filhos sabem a língua, 98% o dizem em relação aos netos e 89% em relação aos bisnetos.

Concluímos, portanto, que o ensino da Língua Guarani Mbya e a intenção de ensiná-la às gerações focalizadas são fatos afirmados pela quase totalidade dos chefes de família entrevistados. Comprovamos, com esses indicadores, o alto grau de valorização desta língua pelos falantes.

As razões declaradas para esse interesse foram sistematizadas a seguir[6]. A partir delas, comprovamos que a vontade e a necessidade de perpetuar as tradições e a cultura Guarani são os principais motivos relatados.

[6] Metodologicamente, as respostas foram analisadas e agrupadas em categorias. Nas tabelas, representamos tais categorias. O número indica a incidência de respostas reunidas em cada uma.

Tabela 19 – Motivos apresentados para a Intenção de Transmissão da Língua Guarani Mbya

Justificativas para a Intenção de Transmissão da Língua Guarani Mbya

Motivo	ES		PR		RJ		RS		SC		SP		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
A criança aprende sozinha, naturalmente.			3	1,5	2	1	1	0,5	4	2	6	3	**16**	**8**
Importante, bom, gosta da língua.			2	1			4	2	2	1	2	1	**10**	**6**
Entrevistado é monolíngue/fala apenas guarani.							3	1,5			5	2.5	**8**	**6**
Parte da educação.							4	2					**4**	**2**
Manter a língua do povo/ costume/cultura/ tradição.	2	1	15	8	4	2	35	18	33	17	42	22	**131**	**68**
Para o trabalho.					1	0,5					1	0,5	**2**	**1**
Para se comunicar.			1	0,5			7	4	1	0,5	5	3	**14**	**7**
Sem motivo.			1	0,5			3	1,5					**4**	**2**
Total	**2**	**1**	**23**	**12**	**10**	**5**	**57**	**30**	**40**	**21**	**61**	**31**	**193**	**100**

Fonte: Dados primários

A necessidade ou vontade de manter a cultura, a tradição, a própria língua, aparece como o principal motivo (131, ou 68%). Aprender a língua como forma de manter-se como povo é ao mesmo tempo uma obrigação e um desejo manifesto. O fato de a língua ser aprendida naturalmente (16 ocorrências no total) ou ser usada para a comunicação (14 respostas) são outros motivos muito citados. Muitos responderam que a criança, ao estar inserida em um ambiente no qual se fala Guarani, não precisa ser ensinada, ela aprende naturalmente. Podemos dizer que essa perspectiva complementa a anterior, uma vez que não separa a aquisição da língua do próprio cotidiano das comunidades.

Por fim, como motivo para ensinar a língua, está o fato de o entrevistado apenas falar Guarani ou ser monolíngue nesta língua (12 ocorrências).

Em relação aos motivos apresentados, importa destacar que todos retomam, de algum modo, **o papel fundamental da Língua Guarani Mbya na cosmologia do povo Guarani. Em muitas situações de entrevistas para o Inventário, ficou sinalizada a complexa relação entre o sujeito e aquilo que ele narra e, muitas vezes, que a língua, quando falada, "faz os fatos acontecerem".**

Em síntese, os indicadores extraídos de um conjunto de questões feitas aos entrevistados comprovam quão **vigorosa é a Língua Guarani/Guarani Mbya.** De fato, constatamos que:

- A quase totalidade dos jovens (abaixo de 20 anos) e adultos (entre os 20 e 40) sabem a língua.
- É altíssimo o grau de transmissão da Língua Guarani entre as gerações.
- Praticamente todos os pais, avós e bisavós ensinam ou pretendem ensinar a língua aos seus descendentes.
- A principal razão apresentada para esse interesse em manter a língua é a continuidade da cultura e da tradição, uma vez que a língua constitui toda a cosmologia do povo Guarani.

CAPÍTULO 4

LÍNGUA, HISTÓRIA, CULTURA

4.1 Guarani: Língua Indígena Supranacional e Oficial

Em *Caracterização e Classificação da Língua*, afirmamos que o Mbya é uma das três variedades modernas da Língua Guarani, família Tupi-Guarani, tronco linguístico Tupi. As outras são o Nhandeva ou Xiripá ou Ava Guarani e o Kaiowa. No entanto, como temos sinalizado, não há limites claros entre essas variedades, elas podem ainda receber dos falantes outras designações. Detalharemos este ponto mais adiante.

Em seu conjunto, as variedades da Língua Guarani são faladas em quatro países da América Latina – Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai – e, em número reduzido, também no Uruguai. Apesar da fiabilidade relativa dos censos no que tange a populações e a línguas indígenas (SICHRA, 2009), podemos dizer que o Guarani é uma das 103 línguas indígenas faladas em mais de um país latino-americano e uma das únicas três, juntamente com o Aimara e Garifuna, falada representativamente em quatro países (SICHRA, 2009). **É, portanto, uma língua supranacional** (GUEROLA, 2011).

No Paraguai, ao lado do Espanhol, **o Guarani é "língua oficial do Estado" desde 1992. Em dezembro de 2010, o Congresso do Paraguai aprovou a "Lei de Línguas" (Lei nº 4.251), que foi promulgada em janeiro de 2011 e tem o objetivo de fazer cumprir preceitos da Lei que oficializou o Guarani em 1992, garantindo igualdade entre Espanhol e Guarani naquele país, além de determinar a preservação das línguas indígenas. Entre outras metas, a Lei de Línguas objetiva definir as modalidades de uso das línguas oficiais da República do Paraguai.**

No Brasil, o município de **Tacuru**[7], no Estado do Mato Grosso do Sul, **oficializou a Língua Guarani em seus âmbitos administrativos**. Em **Paranhos**, também no Mato Grosso do Sul, tramita processo semelhante.

Produção de escultura em madeira na Aldeia Cantagalo, em Viamão – Rio Grande do Sul.

[7] Projeto de Lei sancionado em 24 de maio de 2010.

A crescente representatividade desta língua na América Latina fez dela, ao lado do Português e do Espanhol, Língua Oficial para o trabalho no MERCOSUL, em janeiro de 2007.

Apesar da dispersão geográfica, a literatura considera que as línguas da família Tupi-Guarani mostram pouca diferenciação. Além disso, é sabido também que, por serem as línguas dos povos que primeiramente experimentaram o contato com o europeu, foram as primeiras a serem estudadas e contam, hoje, com boa documentação se comparadas com outras línguas que apresentam somente uma descrição básica da fonologia. Entretanto, influenciados por uma tradição estruturalista, os estudos linguísticos, ao privilegiarem o caráter formal e estrutural do sistema linguístico, acabaram por construir um sistema homogêneo, minimizando o fato de que uma língua é sempre um conjunto de suas variedades. Resulta, desse fato, a necessidade de estudos que abordem de maneira sistematizada as variedades dialetais dessas línguas para apreciarmos melhor os traços que mais as distinguem.

4.2 Guarani Mbya: Variedade Moderna da Língua Guarani

Nhandeva, Mbya e Kaiowa são, segundo pesquisadores da área (SHADEN, 1974), as três variedades da Língua Guarani. Porém, essa distinção não parece ser estanque ou consensual se considerarmos as declarações dos próprios Guarani. Além das nomenclaturas apresentadas pelos pesquisadores, estão em circulação, nas comunidades inventariadas, outras designações, sinalizando distinções e pertencimentos que ora são de natureza linguística, ora histórica e cultural.

Observemos, entre outras situações, a de Xiripá, Phãi e Tambeopé, conforme é narrada em um estudo sobre educação escolar. Em entrevista com um casal indígena de M'Biguaçu/SC, Milton e Roseli, tais designações são mobilizadas para indicar variedades do Guarani, de acordo com o que eles mesmos explicam:

> Xiripá, Phãi e Tambeopé são todos Mbya (...) a diferença que tem é na língua, todos são Guarani do meu povo. A Roseli é Xiripá e eu sou Phãi e nós falamos diferente" (Milton Moreira). "Por exemplo: ele diz: – petein e eu digo petei i" (Roseli Moreira). (VIEIRA, 2006, p. 26).

O Senhor Alexandre Acosta, da aldeia de Cantagalo/RS, também relatou a proximidade entre as variedades da Língua Guarani, afirmando que formam todos uma só nação e que a única diferença entre essas variedades está nas palavras.

> Foi o próprio Deus que criou essas duas nações. Por exemplo, se sou MBYA e tu CHIRIPÁ, tu não consegue se sentir como CHIRIPÁ só porque não consegue se aceitar como CHIRIPÁ, porque Deus criou para ser assim. Foi Deus que criou assim. (...) Deus não dividiu esses povos, mas nós não sabemos e por isso nos dividimos entre nós. Tu não é outro povo diferente, eu também não sou outro povo diferente. É só nas palavras que existe diferenças entre nós. (...) antigamente essas duas nações não se misturavam, mas hoje não é o mesmo que antigamente. MBYA casando com CHIRIPÁ, tudo isso. Eu, da minha parte, sou um pouco CHIRIPÁ e um pouco MBYA. Só quando eu falo eu sempre falo a minha língua, que eu aprendi com meus avós. Não existe mais uma nação MBYA e outra CHIRIPÁ, separadamente. Hoje é assim, porque se eu fosse aqui só uma família, só MBYA, mais tarde meus filhos quer casar e é assim que começa a se misturar. (...) Antigamente cada nação tinha o seu KARAÍ e também tinha uma OPY, o mesmo canto, a mesma dança ritual. Existia uma pessoa XIRIPÁ quando começou a transformação do mundo e também tinha uma pessoa MBYA. NHANDEVA eu não conheço, mas pelo que acho pode ser CHIRIPÁ. (...) Quando MBYA fazia um tipo de trabalho, CHIRIPÁ fazia a mesma coisa. Quando MBYA fazia balaio, CHIRIPÁ também sabia fazer, a única diferença eram as palavras. Os dois sabiam socar no pilão, fumavam cachimbo e os dois tinham a OPY. O modo de vida cultural era o mesmo.[8] (BERGAMASCHI, 2005, p. 110).

Assim como registrado nos estudos citados, muitas foram as observações tecidas pelos entrevistados sobre "falar diferente do seu parente".

4.3 Relação do Guarani Mbya com outras Variedades

Para contemplar essa realidade linguística, organizamos um conjunto de gravações em áudio registradas em diferentes regiões por falantes

[8] Esta referência e a anterior são partes de uma investigação de trabalhos realizados sobre os Guarani, no âmbito do Observatório Linguístico da Educação Escolar Indígena, desenvolvido por pesquisadores do IPOL.

homens e mulheres de diferentes idades. Buscamos, por intermédio da distribuição das palavras e dos enunciados em contextos diferenciados, dar conta de alguns dos fatores comunicativos envolvidos no uso efetivo da língua.

Como afirmamos no capítulo sobre a metodologia, para este objetivo, utilizamos a lista de 200 palavras sugeridas como registro da língua pelo GTDL.

No presente ILG, a entrevista levou em consideração três fatores sociolinguísticos: o gênero e a idade (variação social) e a região (variação geográfica). Esse recorte, que direciona a entrevista para a coleta de certo tipo de dados, deve ser entendido apenas como um indicador, pois o Mbya poderá mostrar, em uma análise mais refinada dos dados aqui compilados, outros fatores direcionadores de variação.

As entrevistas (E)[9] estão disponibilizadas na íntegra, sem nenhum tipo de edição. Essa opção deve-se ao fato de entendermos que o ILG consiste de um registro da situação da língua em seus variados aspectos, incluindo a dinâmica sociovariacional, sem pretender, neste momento, uma análise explicativa pormenorizada dos fenômenos observados.

A análise a seguir toma em consideração entrevistas com 22 pessoas de 12 aldeias do Sul e do Sudeste do Brasil, notadamente dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro[10]:

Santa Catarina: três pessoas na aldeia de Yynn Morott Whera, no município de Biguaçu.

Rio Grande do Sul: onze pessoas em quatro aldeias: Mato Preto, no município de Getúlio Vargas; Koenju, no município de São Miguel das Missões; Nhanderu (Sol Nascente), no município de Osório; e Orenau (Ximboy), no município de Santa Maria.

Paraná: duas pessoas de duas aldeias: Karaguatá, na localidade de Pontal do Paraná; e Kuaray Guata Porã, na localidade de Guaraqueçaba.

São Paulo: cinco entrevistadas em três aldeias: Pakuri-ty (Ilha do Cardozo), na localidade de Cananéia; Amba Porã, na localidade de Miracatu; e Boa Vista, na localidade de Ubatuba.

Rio de Janeiro: duas pessoas nas aldeias de Itaxi-Mirim e Saco de Mamanguá, na localidade de Parati.

Uma análise preliminar do material inventariado sugere que:

---

[9] As entrevistas podem ser ouvidas na mídia digital que acompanha este livro.

[10] As entrevistas não contemplaram o Estado do Espírito Santo, pois a distância tornou operacionalmente inviável o retorno ao Estado de um entrevistador qualificado para este tipo de trabalho.

a) fatores sociogeográficos podem estar determinando a variação livre entre os segmentos vocálicos /ɛ/ (anterior, meio-aberto, não arredondado) e /e/ (anterior, meio-fechado, não arredondado) em contexto de alongamento vocálico no Mbya (MARTINS, 2006). Os dados mostraram que a variedade do Mbya falada no Rio Grande do Sul apresenta uma tendência para o uso da vogal meio-fechada /e/: xee aa ta (xee a-a ta: eu 1sg[11]-ir Fut "eu irei/eu estou pronto para ir") (E 080105_002, de Eloi Gimenez);

b) o fator idade também pode estar envolvido nessa variação, já que, dos 11 entrevistados no Rio Grande do Sul, todos os que têm entre 12 e 19 anos, cinco deles, utilizaram a variante /e/. Um caso exemplar é o da palavra "ontem", em que a vogal longa manifesta-se como meio-fechada: kuee (kuee "ontem") (E 080103_001 e 080103_002, de Nanci Kerexu). Somente um falante, de 55 anos, do Rio Grande do Sul, empregou a variante /e/: xee aju (xee a-ɲu: eu 1sg-vir "eu venho" (E 080103_004, de Mariano Aguire). Além desse falante do Rio Grande do Sul, outro, de Santa Catarina, de 35 anos, empregou também a variante /e/. Contudo, esse mesmo falante de Santa Catarina empregou na palavra "ontem" a variante meio-aberta /ɛ/ kuee (kuɛɛ) (E 080102_002, de Geraldo Moreira). Por outro lado, todos os outros falantes do Rio Grande do Sul entrevistados (cinco com mais de 30 anos), e os de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro (11 entrevistados, independentemente da idade e do gênero), empregaram a variante meio-aberta /ɛ/ nos referidos contextos: ndee ndeayvu (ndɛɛ nde-aɨvu: você 2sg-falar "você fala") (E 080104_001, de Karay);

c) dos segmentos [w], [v] e [β][12] que ocorrem em variação livre no Mbya

---

[11] Primeira pessoa do singular.

[12] O registro dos dados aqui analisados foi feito de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional e com a ortografia proposta por Dooley (1982). Como a maioria dos fonemas do inventário fonológico do Mbya pode ser relacionada diretamente aos símbolos ortográficos do Português, citamos abaixo somente aqueles fonemas do Mbya que são representados por símbolos ausentes no inventário ortográfico do Português, os quais serão grafados como segue:

- a oclusiva glotal surda /ʔ/ grafada com o diacrítico **'**;
- a africada palatoalveolar surda /tʃ/ grafada pela letra **x**;
- a nasal velar /ŋ/ pelo dígrafo **ng**;
- os segmentos complexos /nʷ/ e /kʷ/ pelos dígrafos **gu** e **ku**, respectivamente;
- a nasal palatal /ɲ/ pela letra **j** antes de vogal oral e pelo dígrafo **nh** antes de vogal nasal;
- vogal central fechada não arredondada [ɨ] pela letra **y**;
- a aproximante labiovelar sonora /w/, a fricativa labiodental sonora [v] e a fricativa bilabial sonora [ß] pela letra **v**.

O acento sendo previsível: cai sempre na última sílaba em palavras isoladas, não será assinalado nas transcrições.

(GUEDES, 1991), a consoante aproximante labiovelar sonora /w/ foi a mais recorrente, aparecendo em todas as regiões, em todas as faixas etárias e em ambos os gêneros: yvyra (ɨwɨra "árvore"), yvy (ɨwɨ "pau") (E **080209_002**, de Florinda Timoteo). Somente três falantes empregaram a variante [v] (fricativa labiodental sonora): um entrevistado, de 24 anos, da comunidade de Cananéia, no litoral sul do Estado de São Paulo, empregou a variante [v] em apenas uma palavra: tuvixa (t-uviʃa Rel[13]-grande "é grande/grande") (E **080123_001**, de Teodoro de Frank) e dois entrevistados da comunidade Mato Preto, no Paraná, empregaram [v] na maioria das palavras em que esses segmentos ocorreram: ava iporãva'e (ava i-porã-va'e homem Rel-bonito/bom-Nom[14] "homem que é bonito/bom") (E **080102_001**, de Joel Kuaray) yvyra (ɨvɨra "árvore"), (E **080102_002**, de Érika da Silva Yvá); e

d) a mesma palavra tuvixa (t-uwiʃa: Rel-grande "é grande/grande") foi empregada ainda de forma diversa por dois entrevistados: uma adolescente, de 14 anos, da aldeia Saco de Mamanguá, Parati, litoral sul do Rio de Janeiro e por um menino, de 11 anos, da aldeia Cananéia, litoral sul de São Paulo. Os entrevistados utilizaram a forma *tuxa* (t-utʃa: Rel-grande "é grande/grande") para tuvixa (t-uwitʃa: Rel-grande "é grande/grande"), na qual observamos, na primeira forma, uma redução do material fonológico (E **080203_003**, de Eliana Peralta e **080123_003**, de Kuaray).

A fala da adolescente de 14 anos mostra ainda outras particularidades, já que é a única falante a empregar a fricativa glotal surda /h/ em kuehe (kwɛhɛ "ontem") (E **080203_003**, de Eliana Peralta). Os outros entrevistados não empregaram o segmento /h/ nesse contexto: kuee (kwɛɛ "ontem"). Além disso, a mesma entrevistada empregou o segmento [s] (fricativo alveolar surdo): soo (sɔɔ "carne"), kyse (kɨse "faca) (E **080203_003**, de Eliana Peralta), em todos os contextos em que os outros falantes do Mbya utilizaram o segmento /tʃ/ (africado palato-alveolar surdo): xoo (tʃɔɔ "carne") (E **080210_001**, de Lidio Acosta) e kyxe (kɨtʃe "faca") (E **080202_001**, de Inácio Tyrery).

Esses dados vão ao encontro das propostas envolvendo os estudos diacrônicos das línguas TG (RODRIGUES, 1945). As hipóteses indicam que o fonema fricativo alveolar surdo /s/ do Proto-Tupi-Guarani, que se manteve no ramo Tupi, vai, no ramo Guarani, corresponder ao /h/, mas que ainda pode se realizar como /s/ em algumas palavras. De acordo

[13] Relacional.

[14] Nominalizador.

com Guedes (1991), o Mbya apresenta uma consoante /h/ (fricativa glotal surda) que é um elemento distintivo, sendo, portanto, considerado um fonema na língua. Contudo, ainda segundo Guedes (1991), o segmento /h/ no Mbya apresenta outra distribuição, em que sua presença pode alternar com sua ausência. É o caso de palavras que podem alternar duas formas: uma com /h/ outra sem /h/ em configuração (h) V.'V. Nos dados aqui analisados, observamos a ocorrência do segmento /h/ em quase todos os casos de configuração (h) V.'V: ha'e ijaywu (ha'e iɲ-aɨwu ele Rel-falar "ele fala") (E **080208_002**, de Juliano Cabral Ramires).

Somente uma entrevistada, de 55 anos, da aldeia Ximboy, de Santa Maria/RS, não empregou o /h/ nos contextos a'e ojuka mboi (a'e o-ɲuka mboi: ele 3sg-matar cobra "ele matou a cobra") e eta (eta "muitos") (E **080104_002**, de Lucia Kerexu). Esse fato se destaca, já que todos os outros entrevistados empregaram o /h/ no contexto ha'e ojuka mboi (ha'e o-ɲuka mboi: ele 3sg-matar cobra "ele matou a cobra") (E **080102_004**, de Nair Moreira). Já a palavra "muitos" foi produzida com o /h/ pela grande maioria dos falantes heta (heta "muitos") (E **080203_002**, de Ronaldo Mariano Rodrigues). Somente dois falantes de Santa Catarina, uma adolescente de 16 anos, e um falante de 35 anos, ambos da aldeia Yyn Moroty Whera, de Biguaçu, utilizaram a variante sem o segmento /h/ eta (eta "muitos") (E **080102_002**, de Geraldo Moreira e **080102_001**, de Daniela).

Juntamos a isso o fato de a falante de 55 anos, da aldeia Ximboy, de Santa Maria/RS, também ter empregado o segmento fricativo alveolar surdo /ts/: tatso (t-ats͡o: Rel-verme: "verme de alguém"), tseme (tse-me: 1sg-marido "meu marido") (E **080104_002**, de Lucia Kerexu) em contextos em que os outros falantes utilizaram o fonema africado palato-alveolar surdo /tʃ/: taxo (t-atʃ͡o: Rel-verme: "verme de alguém") (E **080210_001**, de Lidio Acosta).

De fato, uma das correspondências mais evidentes de mudança fonológica na separação do ramo Proto-Tupi-Guarani é o caso da ocorrência no Tupi do /s/ onde no Guarani temos o /h/. A partir disso, no que diz respeito às variedades modernas do Guarani, Costa (2003), no seu estudo do Nhandewa, afirma que enquanto em outras variedades do Guarani o /s/ passa a /h/, no Nhandewa o /s/ desaparece. Já nos raros casos em que outras línguas Guarani conservam o /s/, o Nhandewa vai realizá-lo como /ts/.

De tal modo, essas duas mulheres, de regiões e idades diversas, apresentam-se como falantes singulares no contexto linguístico Mbya,

delineado neste ILG. A primeira, com 14 anos, da comunidade Saco de Mamanguá, do litoral sul do Rio de Janeiro, faz parte de um pequeno grupo de falantes do Mbya, que conservou o fonema /s/ do Proto-Guarani. Já a segunda entrevistada, com 55 anos, da aldeia Ximboy/RS, parece aproximar sua fala da dos grupos Nhandewa.

Ao especularmos sobre as motivações sociais e históricas que organizam essas situações de uso do Mbya, apontamos as relações envolvendo estratégias tanto de manutenção da língua quanto de controle da dinâmica populacional. No que diz respeito à manutenção da língua, é sabido que cabe às mulheres a tarefa de ensinar para as crianças a língua da comunidade. Essa estratégia traz como consequência um espaço linguístico-social conservador, em que a mulher atua como repositório da tradição. Portanto, é natural que a fala feminina, nos grupos Mbya, apresente-se mais conservadora, e a palavra kuehe (kʷɛhɛ "ontem"), que aparece com /h/, e a manutenção do fonema /s/ em palavras como kyse (kɨse "faca") (E **080203_003**, de Eliana Peralta), corroboram esse entendimento.

O controle da dinâmica populacional, se relacionado ao sistema de parentesco, pode trazer elementos para compor o panorama sociolinguístico envolvendo uma possível falante Nhandewa em um dos grupos Mbya do Rio Grande do Sul. De fato, mesmo sendo os mais conservadores das comunidades Guarani da atualidade, os Mbya podem estar autorizando com mais facilidade a entrada de mulheres do que a entrada de homens de outras etnias em seus grupos. Os homens Mbya teriam, assim, a "permissão" para se casar com mulheres Nhandewa, o que funcionaria como uma estratégia de controle da dinâmica populacional[15], extremamente importante para grupos com tão poucos indivíduos. De forma aparentemente contraditória, essas estratégias intervencionistas, que se organizam a partir da esfera linguística, evidenciam o caráter complexo da relação língua, sociedade e política.

É preciso dizer, ainda, que este ILG preliminar do Mbya falado nas regiões Sul e Sudeste do Brasil levanta algumas questões que evidenciam a necessidade de se aprofundar os estudos das variedades dialetais do Guarani falado atualmente. Como um dos poucos estudos sobre o assunto, citamos o trabalho de Costa (2003; 2007), que, além de uma análise da

[15] Trabalho interessante sobre o assunto é o de Sofia Pereira Madeira, que tem como título *Alta fecundidade Guarani: centralidade ou vulnerabilidade da condição feminina*. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278196472_ARQUIVO_TrabalhoCompletoSofiaPereiraMadeira.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2011.

fonologia do Nhandewa falado por comunidades no Estado de São Paulo e no norte do Paraná, traz ainda uma discussão sobre as características dialetais do Guarani moderno.

Segundo a autora, o fonema /s/ do Proto-Tupi-Guarani, que desaparece no Nhandewa, realiza-se no Mbya como /h/, como já apresentado anteriormente. Contudo, os dados das entrevistas aqui analisados mostram que itens lexicais como "sol", "eu escuto" e "ontem", que, em outras variedades do Guarani, segundo Costa (2003), ocorrem com /h/: kuara*h*y ("sol"), a*h*endu (a-hendu 1sg-escutar "eu escuto") e kue*h*e ("ontem"), vão aparecer sem o /h/ no Mbya; "sol" e "eu escuto" ocorreram sem o /h/ kuaray (kʷaraɨ), aendu (a-endu 1sg-escutar "eu escuto") na fala de todos os entrevistados; já a palavra "ontem" ocorreu na maioria dos casos sem /h/ (kʷ'ee). Somente uma das entrevistadas utilizou a forma kue*h*e (kʷɛhɛ) (E **080203_003**, de Eliana Peralta).

Se o fonema /s/ do Proto Tupi-Guarani que se realiza no Mbya como /h/ pode também desaparecer como no Nhandewa, sugerindo uma proximidade dialetal entre o Mbya e o Nhandewa, outros aspectos da fonologia, como a ausência do fonema do Nhandewa /ts/ (africada alveolar surda) no inventário fonológico do Mbya, parecem reforçar a diferença entre essas duas variedades. Contudo, é justamente o caso do fonema /ts/ do Nhandewa aquele que pode trazer uma nova evidência da proximidade entre essas duas variedades. Contrariamente ao que afirma Costa (2003), o Mbya não vai conservar a forma /s/ do Proto Tupi-Guarani como acontece em outras variedades do Guarani. Vai sim apresentar a consoante africada palato-alveolar surda /tʃ/, que, segundo Guedes (1991), é fonema no Mbya e encontra-se em flutuação com o alofone [ts]. Nos dados aqui analisados, observamos a distribuição de /tʃ/ na grande maioria dos casos. Somente com duas falantes vimos, por um lado, a manutenção da forma /s/ (E **080203_003**, de Eliana Peralta) e, por outro, a ocorrência do segmento /ts/ (**E 080104_002**, de Lucia Kerexu).

Sem pretender ser exaustiva, essa análise lança questões para se aprofundar a discussão sobre variação linguística das línguas Guarani faladas atualmente no Brasil. Essa discussão poderá ter importantes consequências para a definição política de normas linguísticas para as escritas dessas variedades ou outras políticas linguísticas.

4.4 Uma História de Deslocamento sobre o Território

O Documento Final da II Assembleia Continental do Povo Guarani, realizada em abril de 2007, resume magistralmente a movimentação do povo Guarani sobre o território latino-americano.

> Nosso território, Ywy Rupá, foi cortado, várias vezes, por fronteiras entre países e estados. Fizeram guerras para roubar nossas terras. Por isso, hoje, nosso povo ficou dividido entre Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia. Para nós não existem fronteiras. Continuamos visitando nossos parentes e tentando andar livremente, como fazíamos em tempos passados. No entanto, percebemos que cada vez mais estes países desenvolvem políticas que nos impedem de viver ao nosso modo. Em alguns países, nos chamam de estrangeiros, de forasteiros, e dizem que não podem reconhecer o direito a nossas terras porque elas não nos pertencem. Mesmo assim, nós continuamos lutando por nosso território e pelo fim de todo tipo de fronteira que impede de vivermos livremente. (ALAI, 2007, n. p.).

Em 2006, o vice-cacique da aldeia Tapixi, no Estado do Paraná, Içario, relatou o deslocamento entre países e Estados brasileiros da própria família, justificando-o do seguinte modo:

> Meu lugar de nascimento está debaixo da água. A empresa de Itaipu alagou tudo, e no lugar onde nasci, agora só tem água. Quando eu tinha dois anos de idade, minha família mudou para Ocoí. Naquela época só tinha gente do Paraguai, mas teve uma briga com os Guarani que chegaram lá e eles foram expulsos e vieram para esta região do Paraná. A vida era muito difícil. Meus pais tiveram que me doar para uma família do Paraguai. Eu fiquei com eles dos 12 até os 18 anos, quando perguntei para meu patrão sobre minha família e de onde eu vim. Ele contou que eu fui doado para eles e indicou para eu vir aqui pra Água Santa encontrar minha mãe. Quando cheguei na aldeia de Água Santa, minha mãe estava muito pobre; ela só tinha um pedaço de *mbojapé* para me dar, mas eu já tinha conta no banco e dinheiro, então fui fazer uma comprinha pra ela. (...) Você sabia que lá no Paraguai eles não demarcam a terra e não tem órgão indigenista igual a FUNAI? O patrão doa um pedaço de terra, dá veneno, ferramentas e adubo e depois cobra uma parte da produção. Mas a terra nunca é dos Guarani. É por isso que muita gente vem aqui para o Brasil. (TESTA, 2007, p. 158-159).

Tem-se afirmado com frequência o sentido mítico da movimentação dos Guarani (a busca da Terra sem Mal) no território. De fato, será possível recuperar em muitos estudos e depoimentos essa "verdade fundadora" do povo Guarani, fundamental para que este se mantenha cultural e linguisticamente coeso.

No entanto, as narrativas apresentadas corroboram uma história de massacres e violências que também marca, e profundamente, a trajetória dos Guarani no Continente Sul-Americano.

Esse tipo de deslocamento "obrigado", "imposto", não se reduz às interpretações culturais que os alinham, "naturalmente", a questões de modo de vida ou de cosmologia Guarani. Pode ser que as práticas culturais sejam formas de absorver esses violentos atos de barbárie, já que acabam produzindo um arranjo simbólico que pode justificá-los. Entretanto, não os elide. O litígio sobre a terra e sobre o direito à diferença, que estrutura a sociedade brasileira de modo geral, far-se-á presente na história dos Guarani e de inúmeros outros brasileiros.

Ao observarmos, portanto, as determinações que impulsionam os deslocamentos territoriais dos Guarani Mbya, queremos ressaltar, em coerência com a política de salvaguarda da língua implementada pelo ILG, que o confronto político de luta pela terra e pela diferença também está na sua base.

A situação jurídica do território onde se localizam as comunidades inventariadas reflete, ela também, a situação de litígio da terra a qual estão historicamente submetidos. Este ponto será abordado no capítulo 5.

Vista parcial da Aldeia Urui-Ty, em Miracatu – São Paulo.

INVENTÁRIO DA LÍNGUA GUARANI MBYA

MAPA DE HABITANTES DAS ALDEIAS

O Inventário da Língua Guarani Mbyá buscou identificar o número de habitantes das aldeias Guarani Mbyá visitadas. Esta é uma informação fornecida pelo líder da aldeia ou por pessoa autorizada por ele, sendo que é por vezes um número aproximado. Assim, embora de o número total de 5.745 também como um número aproximado.

Paraguai

Argentina

Uruguai

Nº	NOME DA ALDEIA
1	MASSIAMBU
2	MORRO DOS CAVALOS
3	YVYRI MORÓTI MIRERA
4	PRAIA DE FORA
5	MARAMOMPI
6	TIARAJU
7	YY-S
8	AGARAL
9	CAMBRELA
10	TAIMI
11	LIMEIRA
12	TARUMÃ
13	YVAPURU
14	ITANHAÉ
15	MARICICI
16	PALMEIRINHA PINDOTY
17	CONCEIÇÃO JEKATY
18	JABUTICABEIRA
19	PETIM
20	MANDERU
21	KOEKUJ
22	MATO PRETO (ARAMICU VERA)
23	GUARIROBA
24	YYRYAPU (ORIMAJA VARONE)
25	JAMADY (ORIMAJA)
26	KAAGUY RAU (VARZINHA)
27	EGYVA (CINCA NAMBEDE)
28	COXILHA DA CRUZ (PORÃ)
29	CAPIVARI
30	CANTA GALO
31	FLOR DO CAMPO
32	CAMPO BONITO (NHUM PORÃ)
33	PINDO POTY (LAGE)
34	VERDADEIRA (KAMETENGUA)
35	PASSO GRANDE
36	PASSO GRANDE 3 – AMBEY
37	IAPUÃ
38	PINDOMIRIM
39	PINHEIRO (ACARIMBEBOTO)
40	SACO DO MAMANGUA
41	TAKUARIM
42	ODOY
43	TAMANDÁ
44	LEBAE
45	PANAL
46	KARAGUATA
47	KUARAY GUATA PORÃ
48	ILHA DA COTINGA (PINDO-TY)
49	CAMPINA (BLANA)
50	BOA ESPERANÇA
51	TRÊS PALMEIRAS
52	PIRAQUÉ-AÇU
53	OLHO D'ÁGUA
54	ILHA DO CARDOZO – RAMBY-TY
55	TAKUARI-TY
56	ITAPU MIRIM
57	AMBA PORÃ
58	URU-TY MIRACATU
59	TAPUA
60	TAPÉ
61	PINDO-TY
62	CHAMARA
63	JAGI-TY
64	AGUAPEU
65	TAOCA
66	RIO BRANCO (TYREGUAKA PORÃ)
67	JAE XOLA PORÃ (BOA VISTA)
68	KRUSUTU
69	ARACAI

Convenções Cartográficas

Fundação Nacional
BRASIL
MAIS JUSTO E MAIS UM PRESIDENTE

Conselho Federal Gestor do
Fundo de Defesa de Direitos Difusos

Ministério da Justiça
Secretaria de Direito Econômico

Ministério da Cultura

Promovido: ISA, Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística
Cartografia Base: Cartografia Brasileira Data
Elaborado em março de 2011
Site: www.mapa.inventario.br/Guarani-Mbya - v.2

CAPÍTULO 5

O TERRITÓRIO LINGUÍSTICO GUARANI MBYA

5.1 Língua e Território

É principalmente na faixa litorânea que vai do sul do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo e nas proximidades da linha fronteiriça do Brasil com Argentina e Paraguai que se localizam as aldeias Guarani falantes, predominantemente, do Guarani Mbya. Contando com aldeias populosas, com mais de 600 habitantes, como Ocoy, no Paraná, e outras que têm entre cinco e oito moradores, como podemos ver no Mapa dos Habitantes, (p. 82), a densidade demográfica das aldeias Guarani Mbya contrasta fortemente com a intensa urbanização dessa região, iniciada em princípios do século XX.

Os contrastes se multiplicam, no entanto, quando observamos outros fenômenos sociológicos e geopolíticos ligados aos recentes processos capitalistas de urbanização do espaço. A migração e a transnacionalização, ou globalização da economia, dois desses fenômenos, têm transformado os espaços, diversificando-os: em uma direção aproxima o que antes era longínquo (o campo, a cidade, a aldeia) e em outra se reparte de novo aquilo que havia se aproximado (o centro, a periferia, a favela). Sob o fluxo constante de informações e na velocidade das redes de comunicação, o espaço habitado é atualmente tecido pelo movimento e pela variedade.

Refletindo sobre algumas mudanças ligadas a esses fenômenos, Santos (2002, p. 317-318) diz:

> Vivemos um tempo de mudanças. Em muitos casos, a sucessão alucinante de eventos não deixa falar de mudanças apenas, mas de vertigem. O sujeito no lugar estava submetido a uma convivência longa e repetitiva com os mesmos objetos, os mesmos trajetos, as mesmas imagens, de cuja construção participava: uma territorialidade que era fruto de uma história própria, da sociedade local e do lugar, onde cada indivíduo era ativo.

Mapa dos habitantes das aldeias.

> Hoje, a mobilidade se tornou grandemente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as idéias. Tudo voa.

Se observarmos essas mudanças, a caracterização dos territórios indígenas, dentre eles o Guarani Mbya, muitos dos quais situados nas cercanias de grandes cidades, torna-se também complexa.

Em suas considerações político-linguísticas sobre a urbanização dos povos indígenas e seus efeitos sobre a língua, Oliveira (2004, p. 10) chama a atenção para as novas formas territoriais organizadas segundo a "lógica reticular" (HAESBAERT, 1995)[16] e esclarece:

> Essa interpretação de território como redes reticulares e do movimento migratório das minorias para as cidades, do novo lugar que ocupam no país e no mundo globalizado ou em globalização, permite compreender um outro fenômeno, qual seja, o da alteração profunda da natureza das reivindicações dos povos indígenas no contexto nacional.

A língua, parte constitutiva dessas novas territorialidades e das reivindicações que delas derivam, constará na agenda política como um direito a ser garantido, sendo regida por dois princípios gerais, descritos no artigo 7º da *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*:

> Artigo 7º
> 1. Todas as línguas são expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de perceber e de descrever a realidade, portanto possuem o poder de gozar das condições necessárias para seu desenvolvimento em todas as funções.
> 2. Cada língua é uma realidade constituída coletivamente e é no seio de uma comunidade que se torna disponível para o uso individual, como instrumento de coesão, identificação, comunicação e expressão criativa. (OLIVEIRA, 2003, p. 28).

---

[16] "Trata-se na verdade não apenas de territórios, circunscritos e relativamente isolados, mas também de redes, na medida em que se percebe que a sobrevivência [...] depende dos contatos entre diferentes reservas [...]. Se a globalização só se ativa ou se fortalece, como vimos, através de um emaranhado de redes, cada vez mais amplas e complexas, nem por isso estas desempenham um papel apenas desarticulador: elas podem muitas vezes, quando subordinadas a determinados limites ou fronteiras, fortalecer a coesão interna de um ou vários territórios". (HAESBAERT, 1995, p. 14 *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 10).

Ao forjar esse espaço de direito, a mesma Declaração parte do princípio de que os direitos linguísticos são individuais e coletivos e

> ... adota como referente da plenitude dos direitos lingüísticos o caso de uma comunidade lingüística histórica em seu espaço territorial entendido não só como área geográfica onde vive esta comunidade, mas também como um espaço social e funcional imprescindível para o pleno desenvolvimento da língua. (OLIVEIRA, 2003, p. 24).

Como o território é ao mesmo tempo de natureza geográfica e social e a ele se vincula uma comunidade linguística histórica, o território linguístico sintetiza a relação dinâmica e fundamental que existe entre os dois (território e comunidade). Por isso, podemos dizer que o Território Linguístico corresponde a um espaço territorial e também simbólico, linguisticamente estruturado e sociopoliticamente compartilhado por uma comunidade linguística.

Nessa perspectiva, descrevermos e qualificarmos o Território Linguístico correspondente à Língua Guarani Mbya traz o desafio de reconhecer as variadas dinâmicas que o configuram, muitas delas intangíveis.

No entanto, mais do que um desafio, abordarmos o Território Linguístico Guarani Mbya como parte de seu Inventário implica fazer o gesto político de inscrever essa língua nas complexas redes das ocupações e das apropriações históricas dos territórios, nas mudanças que essas redes operam sobre os modos de vida de cada comunidade e nas reivindicações políticas que derivam de todo esse processo. Mas esse gesto, embora seja enunciado pelo presente ILG, somente ganhará real envergadura quando empunhado pelo povo Guarani em suas lutas históricas e, de modo especial, nesse novo campo dos direitos linguísticos.

A abordagem do Território Linguístico Guarani Mbya neste capítulo traz à tona, portanto, esse conjunto de fatos. Mas não aprofunda sua discussão, pois esse aprofundamento escapa aos objetivos do presente estudo. Deixamos, no entanto, indicada sua necessidade.

Contemplaremos, neste capítulo, um levantamento sobre a situação das terras onde estão as aldeias inventariadas, seguindo, mediante suas datas de criação, a evolução cronológica de sua legalização. Na sequência, abordaremos, de modo panorâmico, os deslocamentos atuais dos Guarani, discutindo os motivos que os impulsionam. Os indicadores inventariados nas aldeias, em seu conjunto, permitem qualificá-las como Território Bilíngue.

5.2 O Território Linguístico Guarani Mbya

A busca por terras cada vez mais ao norte do País faz parte da história do povo Guarani. Na medida em que esse deslocamento é vivido como violência, ele evidencia, ao lado de outros desassentamentos, o efeito de uma história de ocupação e colonização das terras da América Latina que excluiu e exterminou centenas de milhares de pessoas. No Brasil, o direito a terra e ao seu usufruto é parte de uma luta vivida a ferro e fogo por muitos brasileiros, até mesmo não indígenas, configurando uma questão social de largo alcance.

No ILG, observamos que essa questão se apresentou de muitas formas, entre elas, na situação legal da terra e na motivação para mudar de uma aldeia a outra.

a) Situação legal da terra

Tabela 20 – Situação Legal da Terra

Situação Legal da Terra	ES		PR		RJ		RS		SC		SP		Total Geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Acampamento							1	5					**1**	**2**
Arrendada							1	5					**1**	**2**
Declarada	1	25					2	10	2	13			**5**	**8**
Delimitada			2	29	1	50	3	1	3	20	2	13	**11**	**17**
Demarcada	3	75	4	57			3	14	7	47	3	20	**20**	**31**
Em Estudo			1	14	1	50	7	33	1	7	6	40	**16**	**25**
Homologada									2	13	4	13	**6**	**6**
Invasão							1	5					**1**	**2**
Não Declarada (Faixa DNIT)							1	5					**1**	**2**
Não Demarcada (Faixa DNIT)							1	5					**1**	**2**
Não Sabe											2	13	**2**	**3**
Reserva Biológica LAMI							1	5					**1**	**2**
Total Geral	**4**	**100**	**7**	**100**	**2**	**100**	**21**	**100**	**15**	**100**	**15**	**100**	**64**	**100**

Fonte: Dados primários

Pelos dados sistematizados na Tabela 20, em apenas seis das comunidades inventariadas teremos a informação de que o território é reconhecido e homologado: quatro no Estado de São Paulo e duas em Santa Catarina. Praticamente a metade das inventariadas (36) está delimitada ou demarcada ou declarada. Em estudo, a situação é de 16 comunidades; e, em situação precária, temos cinco comunidades: acampamento (uma); invasão (uma); não demarcada (uma); dentro da faixa do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) (uma); e arrendada (uma). Por fim, uma comunidade está em reserva biológica. Os líderes de outras duas declararam não saber.

Articulando as informações sobre a situação legal das terras com a data de criação das aldeias, temos:

Tabela 21 – Situação das Terras de Aldeias Antigas

Estado	Antigas (1950-1980)	Demarcada	Em Estudo	Delimitada	Invasão
ES	0				
PR	3	2		1	
RS	5	1	3		1
SC	2		1	1	
SP	2	1		1	
Total:	**12 (100%)**	**4 (33,3%)**	**4 (33,3%)**	**3 (25%)**	**1 (8,3%)**

Fonte: Dados primários

Tabela 22 – Situação das Terras de Aldeias Jovens

Estado	Jovens (1981-2000)	Demarcada	Em Estudo	Delimitada	Outros	Homologada	Não Sabe
ES	2	2					
PR	3	1	1	1			
RS	9	1	1	2	5		
SC	6	3		1		2	
SP	7		4	1		1	1
Total:	**27 (100%)**	**7 (26%)**	**6 (22,2%)**	**5 (18,5%)**	**5 (18,5%)**	**3 (11,1%)**	**1 (3,7%)**

Fonte: Dados primários

Tabela 23 – Situação das Terras de Aldeias Recentes

Estado	Recentes (após 2001)	Demarcada	Declarada	Em Estudo	Delimitada	Não Sabe
ES	1		1			
PR	1	1				
RS	5	1	2	2		
SC	6	3	2		1	
SP	5	2		2		1
Total:	**18 (100%)**	**7 (38,9%)**	**5 (27,9%)**	**4 (22,2%)**	**1 (5,5%)**	**1 (5,5%)**

Fonte: Dados primários

Outras aldeias, cujos líderes declararam desconhecer a data de criação da comunidade, estão em terras delimitadas, regularizadas ou em estudo. A seguir, a Tabela 24 detalha as informações sobre a situação dessas terras.

Tabela 24 – Situação das Terras com Idade Não Identificada

Estado	Idade Não Identificada	Delimitada	Em Estudo	Homologada	Regularizada
ES	1				1
RJ	2	1	1		
RS	1		1		
SP	1			1	
Total:	**5 (100%)**	**1 (20%)**	**2 (40%)**	**1 (20%)**	**1 (20%)**

Fonte: Dados primários

É notável que, das antigas comunidades, nenhuma tenha sido declarada "homologada". Encontraremos esse estatuto apenas para aldeias jovens, o que coincide, como indicamos, com a abertura política no Brasil e a declaração da Constituição Federal de 1988, que reconhece o direito às terras indígenas. A única aldeia já homologada que não está categorizada nas aldeias jovens, Aldeia Rio Branco, localiza-se em São Paulo, no município de Itanhaém, e seu líder declarou não conhecer a idade de existência da comunidade. Outros líderes de aldeias que declararam desconhecer a data de criação da comunidade estão em terras delimitadas, regularizadas ou em estudo.

Tampouco estão homologadas aldeias recentes (a partir de 2001). Teremos, nesse caso, terras demarcadas, declaradas, delimitadas ou em estudo.

Ressaltamos, ainda, que as situações de terras mais diferenciadas, todas restritas ao Rio Grande do Sul, e que incluem "invasão", "acampamento", "arrendamento", "faixa DNIT (declarada ou demarcada)" e "Reserva Biológica LAMI", restringem-se às aldeias antigas e às aldeias jovens.

É certo que, em suas declarações sobre a situação legal da terra, os líderes Guarani podem ter tomado uma palavra por outra. No entanto, se isso ocorreu, não invalida a oscilação na designação indicando um importante viés para o debate político. Tanto mais relevante torna-se esse debate se considerarmos que 16 das comunidades visitadas dizem que a situação de sua terra é "em estudo". Somemos a esse quadro a precariedade jurídica revelada em termos, como "invasão", "acampamento", "arrendamento", "faixa DNIT (declarada ou demarcada)" para aldeias mais recentes.

5.3 Deslocamento Atual dos Falantes sobre o Território

Que a mobilidade constitui um modo de vida dos Guarani, isso é um fato amplamente difundido. Bergamaschi (2005, p. 118) ressalta-a como "[...] um aspecto que diz respeito às políticas públicas destinadas aos Guarani". Verá Nhamandu Mirim (*apud* TESTA 2007, p. 114), professor da aldeia Parati Mirim/RJ, destaca, por seu lado, a importância dos deslocamentos Guarani para os processos de aprendizagem sobre o mundo e explicita a dificuldade por eles enfrentada atualmente devido à delimitação de áreas específicas, descontínuas:

> Eu acho que aprendi muito fora da escola com a educação que recebi dos mais velhos. Uma coisa que eu aprendi que eu acho bem interessante é a forma de lidar com as coisas do mundo. (...) Meu pai também falava da plantação. Ele me ensinou que quando plantamos num lugar, depois que um tipo de planta der três vezes nesse lugar, sendo milho, mandioca ou qualquer outro tipo de planta, tem que sair e deixar aquele lugar. Meu pai dizia: "Nhanderu não quer mais que mexa nessa terra". Então, meu pai deixava aquele lugar, deixava o mato crescer. Era assim: meu pai fazia a roça e depois de um tempo saía e fazia roça em outro lugar. Quando chegava a hora, ele saía de novo e ia pra outro lugar. Nossa religião é assim. Por isso, quando a

área era mais livre, quando não tinha essa política toda em cima de nós, os Guarani não paravam muito tempo num só lugar. Ainda hoje as pessoas comentam: "Pô, mas o Guarani não pára no lugar, fica andando pra lá e pra cá". Na época do meu pai, ele fazia isso por necessidade, mas hoje em dia, a gente não pode mais fazer isso porque nossa área é toda delimitada. A área não é mais livre como antes. Na época do meu pai, ainda não tinha asfalto, não tinha essa divisão toda entre o estado do Rio e de São Paulo. Não tinha essa divisão política. Então, para o Guarani, tudo isso daqui era dele. Na verdade, era tudo parte do mundo Guarani, era o lugar onde meus parentes viviam e trabalhavam. Tinha outros grupos indígenas também que a gente não vê mais, como os Tupiniquim. Meu pai sempre me contava isso antes de morrer e foi uma coisa que me marcou muito porque foi uma coisa que ele viveu... foi uma coisa que ele fez no tempo dele.

Para contemplar esse aspecto estruturante da comunidade linguística Guarani e, por extensão, da Guarani Mbya, indagamos a cada entrevistado chefe de família sobre o tempo de moradia na casa e na comunidade, o ano da última mudança e as razões que a provocaram. Para a análise das 268 respostas, estabelecemos quatro faixas de tempo de permanência na mesma casa e comunidade: até um ano, de 1 a 5 anos, de 6 a 10 anos e acima de 10 anos. Em síntese, temos:

a) Tempo de moradia na atual residência

Tabela 25 – Tempo de Moradia na Atual Residência por Estado (Números e Percentagem)

Tempo de moradia na atual residência

	ES		PR		RJ		RS		SC		SP		Total Geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Não respondido	1	8					1	1					2	1
Menos de 1 ano	1	8	3	13			13	15	7	9	7	11	31	12
De 1 a 5 anos	7	58	14	61	7	64	27	32	45	58	43	70	143	53
De 6 a 10 anos			3	13	3	27	27	32	15	19	3	5	51	19
Mais de 10 anos	3	25	3	13	1	9	16	19	10	13	8	13	41	15
Total Geral	**12**	**100**	**23**	**100**	**11**	**100**	**84**	**100**	**77**	**100**	**61**	**100**	**268**	**100**

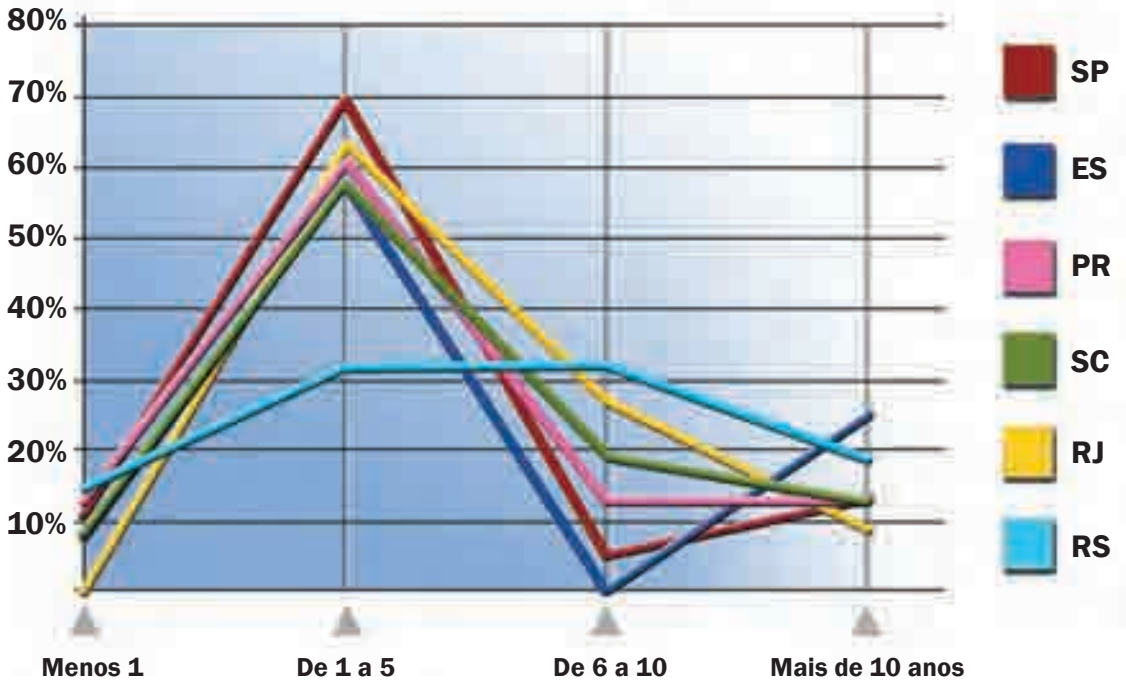
Fonte: Dados primários

Dos 268 questionários respondidos pelos chefes de família reunidos na Tabela 25, 143 (53%) declararam tempo de moradia entre 1 e 5 anos na atual residência. Se somado ao percentual de famílias que moram na atual residência há menos de um ano (12%), esse número cresce para 65% (ou 174). Menor será o número dos que declararam viver na mesma residência entre 6 e 10 anos (51 ou 19%) e acima de 10 anos (41 ou 15%), totalizando 92.

Percebemos quanto o Estado do Rio Grande do Sul distingue-se dos demais, apresentando a menor variação no índice de mobilidade para o período declarado. O Estado de São Paulo, no polo oposto, é o que apresenta maior pico de mudança de uma aldeia para outra no período entre 1 a 5 anos.

Podemos melhor visualizar o fluxo de mudanças declaradas em cada Estado no Gráfico 6:

Gráfico 6 – Tempo de Moradia na Atual Residência por Estado



Fonte: Dados primários

Observemos, agora, o tempo de moradia na mesma comunidade declarado pelos entrevistados.

b) Tempo de moradia na atual comunidade

Tabela 26 – Tempo de Moradia na Atual Comunidade por Estado

Tempo de moradia na atual comunidade

	ES		PR		RJ		RS		SC		SP		Total Geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Não respondido	1	8	1	4			1	1					3	1
Menos de 1 ano	1	8					8	10	6	8	3	5	18	7
De 1 a 5 anos	2	17	7	30	3	27	21	25	44	57	26	43	103	38
De 6 a 10 anos	1	8	3	13	4	36	29	35	11	14	12	20	60	22
Mais de 10 anos	7	58	12	52	4	36	25	30	16	21	20	33	84	31
Total Geral	**12**	**100**	**23**	**100**	**11**	**100**	**84**	**100**	**77**	**100**	**61**	**100**	**268**	**100**

Fonte: Dados primários

Se compararmos o tempo de moradia na atual residência com o tempo na atual comunidade, notamos que:

a) o número de famílias que vivem na mesma comunidade há menos de cinco anos (121) é inferior ao número de famílias que moram na atual residência neste mesmo período (174). Esse fato se explica se considerarmos que 53 entrevistados (ou seja, a diferença entre esses números) devem ter se mudado apenas de uma residência para outra, continuando na própria comunidade;

b) a situação se inverte se considerarmos o período superior a seis anos. Neste caso, o número de pessoas que se mudou para a comunidade (144) é bem superior ao que se mudou para a atual residência (92). Assim, 52 pessoas devem ter se mudado de uma comunidade para outra.

Essa situação mostra que há dois tipos de movimentação no território Linguístico Guarani: uma movimentação dentro da mesma aldeia (interaldeia) e outra movimentação de uma aldeia para outra (intra-aldeia).

Em seu conjunto, os dados analisados demonstram que a movimentação intra-aldeia das famílias Guarani Mbya ocorre majoritariamente no período inferior a seis anos, enquanto a movimentação interaldeias é mais frequente no período superior a seis anos.

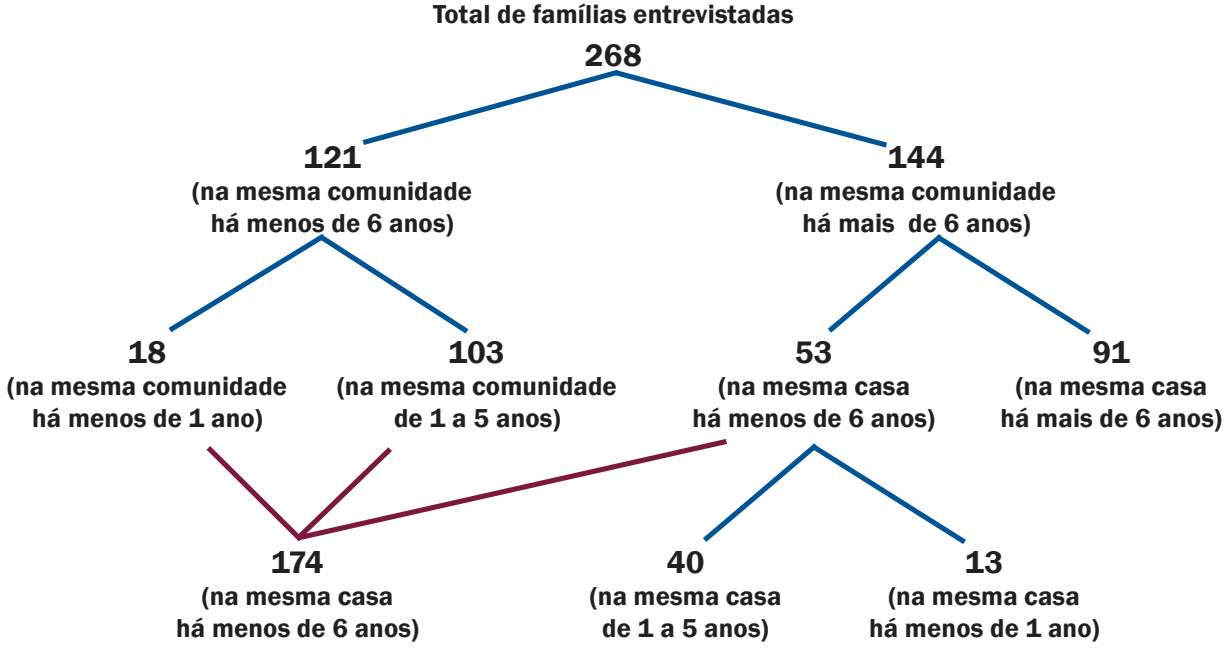
Tabela 27 – Movimentação Interaldeias e Movimentação Intra-aldeia

Famílias que moram na Mesma Comunidade		Famílias que moram na Mesma Casa/Residência	
Há mais de 6 anos	*Há menos de 6 anos*	*Há mais de 6 anos*	*Há menos de 6 anos*
144	121	91	174
(53,7%)	(46,3%)	(34,3%)	(65,7%)
Movimentação Interaldeias		**Movimentação Intra-aldeia**	

Fonte: Dados primários

O fluxo da movimentação dentro da aldeia e de uma aldeia para outra, considerando-se em detalhes os quatro períodos de tempo, pode ser visualizado no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Detalhamento do Cruzamento da Movimentação Interaldeias e da Movimentação Intra-aldeia



Fonte: Dados primários

A partir da análise contrastiva dos dados sobre as mudanças realizadas nos diferentes períodos, podemos concluir que:

a) no período inferior a seis anos, a taxa de movimentação intra-aldeia (65,7%) é maior do que a taxa de movimentação interaldeias (46,3%); e

b) no período superior a seis anos, a taxa de movimentação interaldeias (53,7%) é maior do que a taxa de movimentação intra-aldeia (46,3%).

Desse modo, o fato da família permanecer na mesma comunidade até cinco anos não significa que nesse período não tenha havido mobilidade. Ela continua acontecendo, mas dentro da comunidade. Após cinco anos, teremos um maior número de mudanças para outra comunidade.

5.4 Motivos para a Mudança

Entre os motivos declarados para a última mudança (independentemente de ser uma movimentação interaldeia ou intra-aldeia), predominou na fala dos entrevistados a procura por terras melhores, totalizando 87 ocorrências, ou 41% delas. Notamos, na sistematização apresentada na Tabela 28, que se a procura por "terra melhor/luta pela terra" predomina, o fato dessa procura ser guiada por motivos culturais e espirituais como constitutivos do povo Guarani, conforme mencionou o professor Verá Nhamandu Mirim, também aparece. Respostas como: "se mudar é costume do povo Guarani", "indicação espiritual" e "veio buscar a cultura" (13 ou 5,5% das ocorrências) comprovam esse sentido.

O segundo grupo de motivos mais declarados para a última mudança contempla a "visitar/aproximar-se dos parentes/procurar companhia" (26% das respostas).

Outro motivo representativo está relacionado ao trabalho: "para trabalhar" (5%), e "acesso difícil e oferta de trabalho" (3,4%). A impossibilidade – atual – de viver exclusivamente do modo Guarani foi também mencionada como motivo para mudar-se.

Vista parcial da Aldeia Tekoá Marangatu, em Imaruí – Santa Catarina. Recenseador do ILG entrevista líder de núcleo familiar.

Tabela 28 – Motivos da Última Mudança

Qual o motivo da mudança?	Ocorrências	%
Em busca de terra melhor/Luta pela terra	87	41,0
Não tinha casa	1	0,4
Já possuíam a terra/Repovoar área onde existia comunidade	2	0,8
Descobriu nova aldeia	1	0,4
Conflitos por madeira	1	0,4
Avanço da rodovia	3	1,2
Visitar/Aproximar-se dos parentes/Procurar companhia	61	26,0
Casamento	5	2,1
Mudança com família/Veio junto com outros da aldeia	9	3,8
Porque mudar é costume do povo Guarani/Indicação espiritual/ Veio buscar a cultura	13	5,5
Conflito com os Kaingang/Conflito com parentes	8	3,4
Separação	3	1,2
Parente doente/Morte de parente ou amigo	5	2,1
Para estudar	3	1,2
Para trabalhar	12	5,0
Acesso difícil e oferta de trabalho	8	3,4
Curiosidade	1	0,4
Gosta de São Paulo	1	0,4
Mais tranquilidade	1	0,4
Segurança, longe do branco	1	0,4
Sem motivo	4	1,7
Não sabe	5	2,1
Total Geral	**235**	**100,0**

Fonte: Dados primários

No estudo realizado por Bergamaschi (2005), a proximidade com a cidade e a escassez de recursos naturais aparecem exemplarmente relatadas pelo cacique Horácio, da aldeia Guapo'y Porã, no Estado do Rio Grande do Sul, como as causas de profundas mudanças no modo de vida dos Guarani.

> Se Guarani vivesse longe, uns cinco quilômetros dentro do mato não precisava de escola. Quando tinha fome pegava bicho no mato, botava MONDÉU, caçava. Vivendo na estrada indígena tem que saber se virar, tem que ter escola. (CACIQUE HORÁCIO *apud* BERGAMASCHI, 2005, p. 40).

A necessidade de construir novas formas de vida, de trabalho e de educação, ressoa, de fato, nas falas de muitos entrevistados pelo ILG, marcando os grandes desafios enfrentados pela comunidade Guarani Mbya.

5.5 Movimentos e Acessibilidades

As mudanças realizadas e vividas também trazem, em si, a nova realidade do mundo global, sustentada no fluxo de informações e acessos facilitados a variados bens culturais materiais e imateriais. De fato, a convivência, por meio das tecnologias, com conhecimentos formulados em outras e distintas tradições e a multiplicação dos meios de transporte e comunicação, que encurtam as distâncias e promovem a movimentação geográfica, são fatos presentes em muitas das aldeias inventariadas. Se por um lado parecem ser incontornáveis, por outro esses fatos levam a questionamentos sobre quanto a troca cultural e linguística é desejável e deve ser potencializada ou contida em uma agenda política do povo Guarani.

A atencão a esses fatos durante o trabalho do ILG nos conduziu a uma reflexão sobre os fatores que favorecem ou não o trânsito de pessoas e ideias entre diferentes espaços ou territorialidades, tomando por base as condições de acessibilidade/isolamento das aldeias visitadas.

Entretanto, lidar com indicadores de mobilidade na qualificação do território (ou espaço) é parte de um amplo debate nas Ciências Sociais e da terra.

Meinecke (2005, p. 6), ao tratar da distribuição de energia elétrica para as comunidades humanas na Amazônia, explanou sobre a dificuldade de se trabalhar com o conceito de isolamento:

> [...] uma vez que ele só se verifica em algum grau e em certos aspectos [...] o isolamento de qualquer comunidade humana não é total – afinal as trocas comerciais ocorrem em diferentes graus, mesmo que muito menos intensamente se comparadas às trocas entre comunidades humanas não isoladas – em qualquer comunidade isolada é possível

encontrar objetos do mundo "não isolado" (lembremo-nos da língua adotada, das pilhas alcalinas, das sandálias havaianas, das camisetas e calções para futebol, do próprio futebol).

Aprofundando a discussão, o autor mostra a confluência de fatores que, de um ou outro modo, determinam diferentes graus de acessibilidade entre comunidades humanas.

Do conjunto das discussões apresentadas por este e outros autores, como Santos (2002) e Haesbaert (1995 *apud* OLIVEIRA, 2004), interessa-nos destacar que fatores de ordem geográfica (física, locacional), socio-econômica (Índice de Desenvolvimento Humano – IDH) e de gestão pública municipal, estadual ou federal (infraestrutura, equipamentos urbanos) são determinantes do grau de isolamento ou acessibilidade de uma determinada comunidade linguística e podem ser observados pelo impacto que produzem na promoção ou impedimento do trânsito entre pessoas e bens culturais.

Para a qualificação do território linguístico Guarani Mbya, resulta, portanto, relevante levarmos em conta o impacto de um conjunto desses fatores no grau de acessibilidade ou isolamento das aldeias. A partir do trabalho do ILG, foi possível descrever, de um lado, fatores favoráveis ao isolamento e, de outro, fatores favoráveis à troca cultural, linguística e econômica. Temos, então[17]:

a) Fatores favoráveis ao isolamento:

- a distância entre os limites da terra indígena e os centros urbanos próximos;

- o limite das terras com territórios pouco povoados (zona rural);

- a presença nos limites das terras indígenas de feições geográficas, como mangues, montanhas com encostas íngremes, grandes rios ou florestas densas; e

- a ausência de uma rodovia ou um afastamento considerável desta.

b) Fatores favoráveis à troca:

- estruturalmente opostos aos fatores citados anteriormente, temos: a localização da aldeia próxima a centros urbanos; a bairros desenvolvidos; a rodovias de grande movimentação; a regiões descritas como turísticas; a escolas de não indígenas, com fácil acesso ao comércio local; e

[17] Agradecemos a Ricardo Ariél Bilck pelas considerações sobre os fatores que favorecem ou não a acessibilidade.

- a aldeia alimentada com transporte coletivo ou que esteja próxima dos postos de embarque e desembarque.

Mas sobre esses fatores sociogeográficos, outro, de natureza política, se impõe: a opção da comunidade e sua liderança por **criar ou não canais de abertura para o acesso do outro ao seu território ou para acesso ao território do outro**. Como vimos, para as aldeias Guarani Mbya, essa decisão política é determinante para a manutenção da coesão cultural do povo Guarani e para a configuração de territórios bilíngues sem que se perceba grande ameaça de perda da Língua Guarani.

5.6 Territórios Bilíngues

A convivência com ao menos duas línguas, majoritariamente o Guarani e o Português, caracteriza **os falantes do Guarani Mbya, em sua grande maioria (acima de 88%), como bilíngues.**

No capítulo 3, Demografia, mostramos que será predominante o bilinguismo na fala e compreensão Mbya/Português e, em menor escala, Mbya/Espanhol. Constatamos, ainda, a presença de falantes trilíngues e quadrilíngues.

A diferença entre as habilidades declaradas pelos falantes nas modalidades oral e escrita da língua foram também destacadas. Enquanto 98% dos falantes Guarani Mbya entrevistados declararam proficiência plena da produção oral e 97% da compreensão oral, apenas 48% e 41% afirmaram ter proficiência plena da compreensão e produção escrita. A mesma redução se observa em relação às outras línguas.

O Mapa das aldeias com maiores índices de proficiência em Guarani e português (p. 99) tematiza as comunidades em que se localizam os maiores índices (acima de 50%) de falantes proficientes em leitura e escrita do Guarani Mbya e do Português.

Esse quadro se abre para muitas e novas indagações relacionadas aos modos de usos das línguas faladas nas aldeias e aos espaços em que circulam dentro e fora delas, em meios de comunicação e também de formação e atuação profissional. Essas indagações, que permitem novo diagnóstico sobre as demandas e as projeções da Língua Guarani Mbya, serão consideradas no próximo capítulo.

Mapa das aldeias com maiores índices de proficiência em Guarani e Português.

INVENTÁRIO DA LÍNGUA GUARANI MBYA

MAPA DAS ALDEIAS COM MAIORES ÍNDICES DE PROFICIÊNCIA EM GUARANI E PORTUGUÊS

Das 49 presentes e nove aldeias inventariadas, apenas 11 (18,3%) apresentaram índice de proficiência em fala e escrita nas línguas Guarani e Português acima de 50%.

Paraguai

Argentina

Uruguai

Nº	NOME DA ALDEIA
1	MASSIAMBU
2	MORRO DOS CAVALOS
3	TYWA MIRIM (MBIGUA)
4	PRAIA DE FORA
5	MARANGATU
6	TAKAJI
7	IVY A
8	MBIGUAÇU
9	CAMBRELA
10	TAUNI
11	LISEIRA
12	TARUMÃ
13	YVAPURU
14	ITAMBE
15	AMANCO
16	PALMEIRINHA (PINDOTY)
17	CONQUISTA (JEANTY)
18	JABUTICABEIRA
19	PETIM
20	MANDIRU
21	KOEKUI
22	SANTO PRETO (ARANDU - [illegible])
23	GUABIROBA
24	YVYRUPÃ (CRAIUA VARGAS)
25	KAMBOY (CRENAQ)
26	KAAGUY PAU (VARZINHA)
27	ESTIVA (TEKOA NHUNDE)
28	CORUJA DA CRUZ (PORÃ)
29	CAPIVARI
30	CANTA GALO
31	FLOR DO CAMPO
32	CAMPO BONITO (NHUM PORÃ)
33	PINDO POTY (LAGE)
34	VERDADEIRA (ANHETENGUA)
35	PASSO GRANDE
36	PASSO GRANDE II - [illegible]
37	IRAPUÃ
38	PINDOBIRIM
39	PINHEIRO (ACHIRAMENTO)
40	SACO DO SAMAMBAIA
41	ITAUBRIM
42	OCOY
43	ITAMARÃ
44	LEBRE
45	PIRAHI
46	KARAGUATA
47	KUARAY (DONA PORÃ)
48	ILHA DA COTINGA (PINDO-TY)
49	CABRAS VELHAS
50	BOA ESPERANÇA
51	TRÊS PALMEIRAS
52	PINDUÉ-AÇU
53	OLHO D'ÁGUA
54	ILHA DO CARDOSO - PAKURI-TY
55	TAKUARI-TY
56	ITAPU-MIRIM
57	AMBA PORÃ
58	URUÇU-TY MIRACATU
59	TAPUÃ
60	TAIRÉ
61	PINDO-TY
62	CAMARÃ
63	JAU-TY
64	AGUAPEU
65	ITAOCA
66	RIO BRANCO (YVYREANA PORÃ)
67	JAE XA PORÃ (BOA VISTA)
68	KRUKUTU
69	ARACAI

Convenções Cartográficas

Aldeias Visitadas

Proficiência em fala e escrita

- Guarani
- Português
- Guarani e Português
- Demais Aldeias

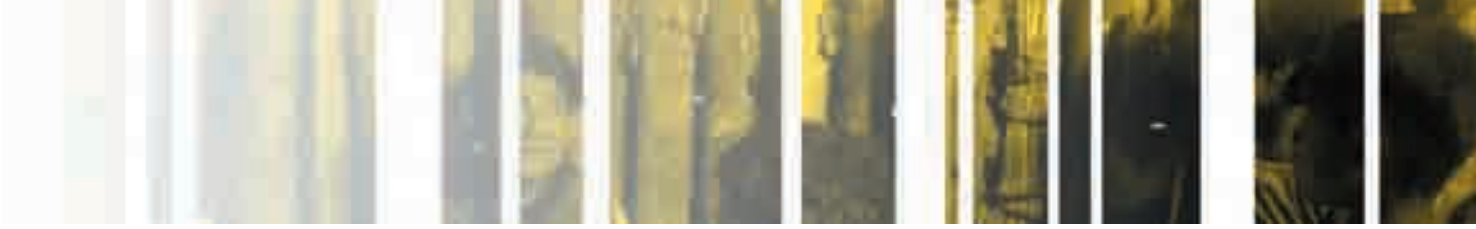
Rodovias Federais
Limites Municipais
Limites Estaduais
Limites Internacionais
Oceano Atlântico

Convênio Federal Gestor do
Fundo de Defesa de Direitos Difusos

Ministério da
Justiça
Secretaria de Direito Econômico

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA



CAPÍTULO 6

AS LÍNGUAS E SEUS FUNCIONAMENTOS

6.1 As Línguas na Sociedade

Ser a língua das interações cotidianas no lar, nos espaços públicos e em instituições, como escolas, postos de saúde, casa de reza, entre outros, é um importante indicador sobre a potência da Língua Guarani Mbya em suas múltiplas relações com outras línguas também presentes nas aldeias inventariadas. Por isso, descrevemos, neste capítulo, eventos de fala e atividades que permitem mapear essas presenças. Apresentamos, ao final, uma análise do grau de transmissão de tais eventos e atividades para as gerações futuras.

6.2 O Cotidiano

As línguas faladas nos lares

Um importante espaço que as línguas ocupam nas aldeias é serem línguas do lar, utilizadas em casa para a comunicação entre os membros de uma mesma família. Esse contexto doméstico oferece às línguas perpetuidade porque por seu intermédio se estabelecem múltiplos laços entre os falantes e o mundo.

Tivemos, ao longo deste texto, a oportunidade de constatar que o Guarani é a língua predominante em todas as comunidades, estando presente em praticamente todos os lares visitados (98,3%).

No perfil linguístico das aldeias inventariadas, no capítulo 3 – Demografia – do presente livro, mostramos que também o Português e o Espanhol são línguas faladas nas casas Guarani, ocorrendo, por vezes, uma prática trilíngue (Tabela 8).

Retomando os detalhes da análise do funcionamento dessas três principais línguas, verificamos que:

Recenseador do ILG entrevista senhora e crianças acompanham a conversa na Aldeia Itapu-Mirim, em Registro – São Paulo.

– a Língua Guarani Mbya predomina em todas as comunidades e em praticamente todas as atividades (98,3%);

– o Português tem falantes declarados em todas as comunidades; e

– o Espanhol tem falantes em 32 comunidades. Os Estados com maior presença do Espanhol nos lares são: Rio Grande do Sul, no qual se fala Espanhol em nove deles; Santa Catarina em dois; e São Paulo em um lar.

Além do espaço doméstico, outros âmbitos de circulação da língua no cotidiano da sociedade, incluindo instituições, como escola e sistemas de saúde, rituais e celebrações, são igualmente importantes, pois conferem à língua e aos seus falantes legitimidade e promovem aderências e poder de representação aos bens culturais a ela articulados.

Por meio de diferentes procedimentos metodológicos, o ILG levantou informações sobre esses âmbitos de circulação e promoção da Língua Guarani Mbya, além de contextos e modalidades de uso da língua nas 69 comunidades visitadas, sistematizados nos itens que seguem.

As línguas no espaço escolar

Nem toda comunidade inventariada tem escola. Quarenta e uma – ou 64% – possuem escolas e 23 – ou 36% – não. Não ter escola é uma situação predominante apenas no Estado do Rio Grande do Sul. Das que têm escola, algumas delas não funcionam em prédio próprio, fato representado no Mapa das aldeias com escolas (p. 103).

Fora do espaço formal de ensino, observamos que a Língua Guarani Mbya é a língua das interações entre as crianças e delas com os professores Guarani.

Ao observarmos, porém, o espaço de ensino, marcadamente na sala de aula, a Língua Guarani Mbya tem seu uso drasticamente reduzido.

Nas escolas, a Língua Guarani Mbya divide espaço, na grande maioria dos casos (85%), com a Língua Portuguesa, constituindo um **ensino bilíngue**.

Quando consideramos em que língua é realizado o ensino, temos:

- em apenas uma das escolas, localizada em Santa Catarina, o Guarani é língua única de ensino; e

- o Português, por outro lado, é língua exclusiva de ensino em cinco (12%) das escolas. As escolas monolíngues em Português situam-se nos Estados do Rio Grande do Sul (duas), de Santa Catarina (duas) e de São Paulo (uma).

A apresentação dos dados referentes às línguas de ensino nas escolas das aldeias inventariadas é feita na Tabela 29, em números absolutos e relativos, respectivamente.

Mapa das aldeias com escola (com prédio próprio).

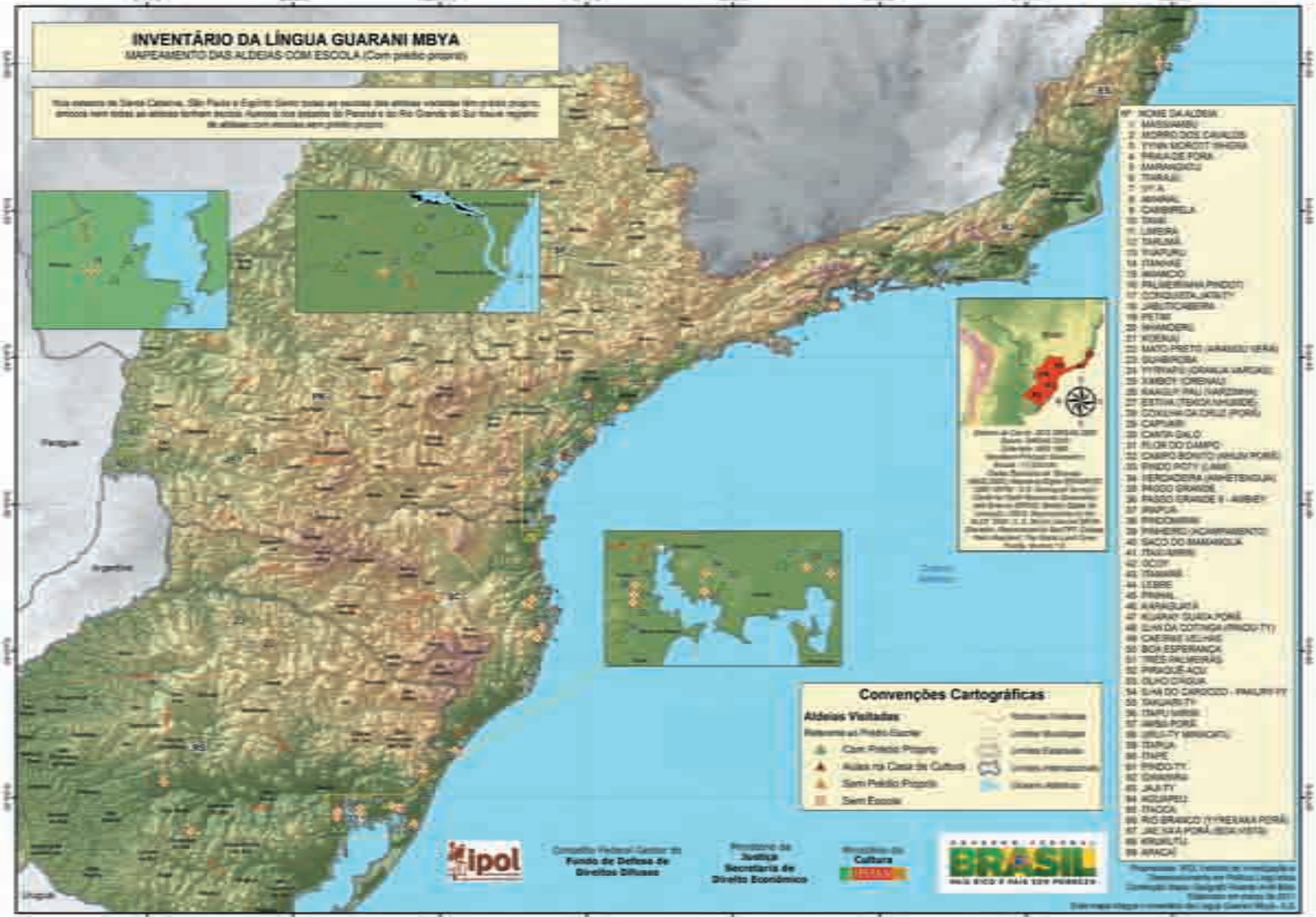

INVENTÁRIO DA LÍNGUA GUARANI MBYA
MAPEAMENTO DAS ALDEIAS COM ESCOLA (Com prédio próprio)
Convenções Cartográficas
Aldeias Visitadas
Com Prédio Próprio
Aulas na Casa de Cultura
Sem Prédio Próprio
Sem Escola
Paraguai
Argentina
Uruguai
Fundo de Defesa de Direitos Difusos
Secretaria de Direito Econômico
Cultura
BRASIL

Tabela 29 – Língua(s) de Ensino por Estado

	Língua de Ensino							
	Bilíngue		Guarani		Português		Total Geral	
Estado	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
ES	2	100					2	100
PR	6	100					6	100
RJ	1	100					1	100
RS	6	75			2	25	8	100
SC	9	75	1	8	2	17	12	100
SP	11	92			1	8	12	100
Total Geral	**35**	**85**	**1**	**2**	**5**	**12**	**41**	**100**

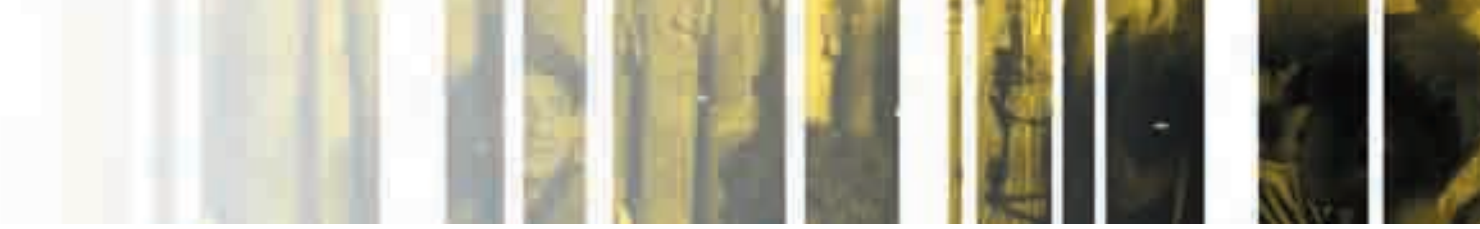
Fonte: Dados primários

As ações sobre a Língua Guarani efetivadas no espaço escolar, analisadas no próximo capítulo, permitirão ampliar o quadro sobre os usos do Guarani Mbya no ensino. Entretanto, o dado quanto à língua de ensino apresentado na Tabela 29 é relevante, visto que a Constituição Federal estipula que a educação escolar indígena no Brasil pode ser diferenciada, intercultural e bilíngue. Destacamos que existem mais escolas em aldeias cujo ensino é exclusivo em Língua Portuguesa (cinco) do que escolas em que a Língua Guarani é a única utilizada no ambiente escolar (uma).

As línguas no atendimento à saúde

O atendimento à saúde foi constatado em 58 comunidades, o que representa 90% do universo total, enquanto cinco aldeias informaram não possuir atendimento à saúde (8%) e uma não respondeu (2%). No entanto, há prédio próprio para posto de saúde em apenas 34 comunidades.

Se no sistema educacional escolar o uso bilíngue das Línguas Guarani Mbya e Português é majoritário, no sistema de saúde prevalece o uso da Língua Portuguesa, declarada a língua de atendimento em 32 comunidades, ou seja, 55% delas. O uso da Língua Portuguesa é exclusivo no Estado do Espírito Santo, onde, das quatro comunidades inventariadas, uma não possui atendimento à saúde e, nas outras três, ele acontece somente em Língua Portuguesa.



O uso bilíngue das Línguas Guarani Mbya e do Português foi registrado em 25 postos de atendimento, correspondendo a 43% das situações, enquanto o uso monolíngue do Guarani Mbya foi constatado somente em um posto de saúde (5%) no Rio Grande do Sul.

Tabela 30 – Língua de Atendimento em Saúde por Estado

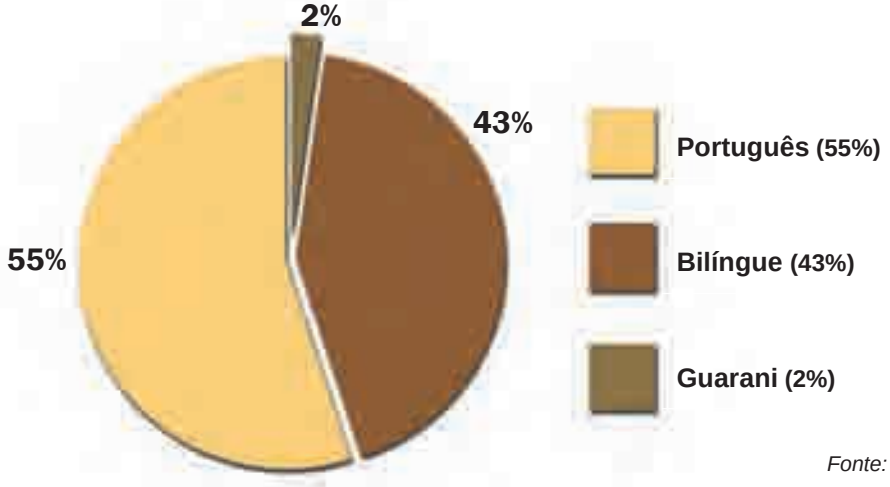
Língua – Atendimento à saúde

	Bilíngue		Guarani		Português		Total Geral	
Estado	**Nº**	**%**	**Nº**	**%**	**Nº**	**%**	**Nº**	**%**
ES					3	100	3	100
PR	4	67			2	33	6	100
RJ	1	50			1	50	2	100
RS	8	44	1	6	9	50	18	100
SC	5	36			9	64	14	100
SP	7	47			8	53	15	100
Total Geral	**25**	**43**	**1**	**2**	**32**	**55**	**58**	**100**

Fonte: Dados primários

Gráfico 8 – Línguas Usadas em Atendimento à Saúde

Línguas – Atendimento à saúde



Fonte: Dados primários

6.3 Os Rituais e as Celebrações

Opy

Na *Opy*, ou casa de reza, tudo se passa em Língua Guarani. Essa dominância é contrária ao que ocorre nos espaços de instrução escolar e de atendimento à saúde, âmbitos em que a Língua Guarani Mbya divide o espaço com a Língua Portuguesa. Por isso, a importância sociolinguística desse espaço é inegável.

Mas nem todas as comunidades possuem *Opy*. Esse espaço é presente em 44, ou 69%, das comunidades inventariadas. A maior concentração de aldeias sem *Opy* (12) é no Estado do Rio Grande do Sul. Neste Estado, chama a atenção o fato de o número de aldeias sem *Opy* ser maior do que o de comunidades com esse espaço religioso tradicional (nove). Na posição oposta, encontram-se os Estados do Paraná e do Rio de Janeiro, como podemos ver na Tabela 31.

Tabela 31 – Existência de *Opy* por Estado

Existência de *Opy*

	NÃO		SIM		Total Geral	
Estado	**Nº**	**%**	**Nº**	**%**	**Nº**	**%**
ES	2	50	2	50	4	100
PR			7	100	7	100
RJ			2	100	2	100
RS	12	57	9	43	21	100
SC	4	27	11	73	15	100
SP	2	13	13	87	15	100
Total Geral	**20**	**31**	**44**	**69**	**64**	**100**

Fonte: Dados primários

A grande maioria das aldeias onde existe *Opy* (39) possui apenas um espaço religioso. Há, contudo, quatro aldeias com dois desses espaços: duas no Estado do Rio Grande do Sul, uma em Santa Catarina e uma em São Paulo. Há, ainda, no Paraná, uma aldeia com três *Opy*, sendo o único caso registrado nesse sentido. Trata-se de Ocoy, em São Miguel do Iguaçu, uma das mais numerosas aldeias Guarani Mbya inventariadas. Ali se declarou não existir nenhuma outra instituição religiosa a não ser as *Opy*.

***Mapa das aldeias com* Opy.**

INVENTÁRIO DA LÍNGUA GUARANI MBYA

MAPEAMENTO DAS ALDEIAS COM OPY

A língua Guarani Mbyá constitui-se em um sistema complexo de relações de uso Guarani, a Opy. A existência de Opy nas comunidades humanas mostra que, nesse âmbito do uso, a língua Guarani Mbyá é exclusiva, não havendo espaço linguístico com a língua portuguesa.

Paraguai

Argentina

Uruguai

Oceano Atlântico

Nº	NOME DA ALDEIA
1	MASSIAMBU
2	MORRO DOS CAVALOS
3	YYRA MORQTT (MBORA
4	PRAIA DE FORA
5	MBIGUAÇATU
6	TIARAJU
7	VY'A
8	AMARAL
9	CAMBIRELA
10	TAUÁ
11	LIMEIRA
12	TARUMÃ
13	YVAPURU
14	ITAMARÃ
15	AMANCIO
16	PALMEIRINHA PINDOTY
17	CONQUISTA JASUTY
18	JABUTICABEIRA
19	PETIM
20	MANDEIRO
21	KOEYJU
22	MATO PRETO (ARAÇUSU-BERA)
23	GUARIROBA
24	YYPYAPÚ (GRANJA VARGAS)
25	XAMBOY (ORIGINAL)
26	KAAZUY PAU (VARZINHA)
27	SETIVA (TENDA MINUNDE)
28	CONCHA DA CRUZ (PORÃ)
29	CAPIVARI
30	CANTA GALO
31	FLOR DO CAMPO
32	CAMPO BONITO (NHUU PORÃ)
33	PINDO POTY (LAGE)
34	VERDADEIRA (ANHETENGUA)
35	PASSO GRANDE
36	PASSO GRANDE (I - AMBIO)
37	IRAPUÃ
38	PINDOAMBU
39	PINHEIRO (ACARAMBEMYO)
40	SACO DO MAMANGUÁ
41	IDAI-MIRIM
42	OCOY
43	ITAMARÃ
44	LEBRE
45	PINHAL
46	MARAGUATÁ
47	KUARAY GUATA PORÃ
48	ILHA DA COTINGA (PINDOTTY)
49	CABRAS VELHAS
50	BOA ESPERANÇA
51	TRÊS PALMEIRAS
52	PIRAQUÉ-AÇU
53	OLHO D'ÁGUA
54	ILHA DO CARDOSO - PAKURI-TY
55	TAKUARI-TY
56	ITAPU MIRIM
57	AMBA PORÃ
58	URUI-TY MIRACATU
59	ITAPUÃ
60	ITAPÉ
61	PINDO-TY
62	ITAMBIRA
63	JAGI-TY
64	AGUAPEU
65	ITAOCA
66	RIO BRANCO (YYREJAKA PORÃ)
67	JAE JUA PORÃ (BOA VISTA)
68	KRUKUTU
69	ARAÇAÍ

Convenções Cartográficas

Aldeias Visitadas

- Com uma Opy
- Com duas Opy
- Com três Opy
- Aldeia sem Opy

- Rodovias Federais
- Limites Municipais
- Limites Estaduais
- Limites Internacionais
- Oceano Atlântico

Conselho Federal Gestor do **Fundo de Defesa de Direitos Difusos**

Ministério da **Justiça**
Secretaria de Direito Econômico

Ministério da **Cultura**

BRASIL
MAIS RICO E MAIS SEM POBREZA

Produzido por: Instituto de Investigações e Desenvolvimento em Política Linguística
Confecção Mapa: Geógrafo Ricardo Abd'Ajuz
Disponível em março de 2007
Este mapa integra o inventário da Língua Guarani Mbyá - IIDPL

Outras Instituições Religiosas

Outro fato merece atenção: o espaço religioso nos territórios Guarani, tradicionalmente ocupado pela *Opy*, começa a ser atravessado pela presença de outras instituições religiosas.

É a situação declarada por quatro comunidades:

– Lebre, em Novas Laranjeiras/PR, tem o Cristianismo Decidido;

– Palmeirinha Pindoti, em Araquari/SC, conta com a Igreja Evangélica;

– Tiarajú, também em Araquari/SC, tem presente o Evangelismo; e

– Três Palmeiras, em Aracruz/ES, novamente a Igreja Evangélica.

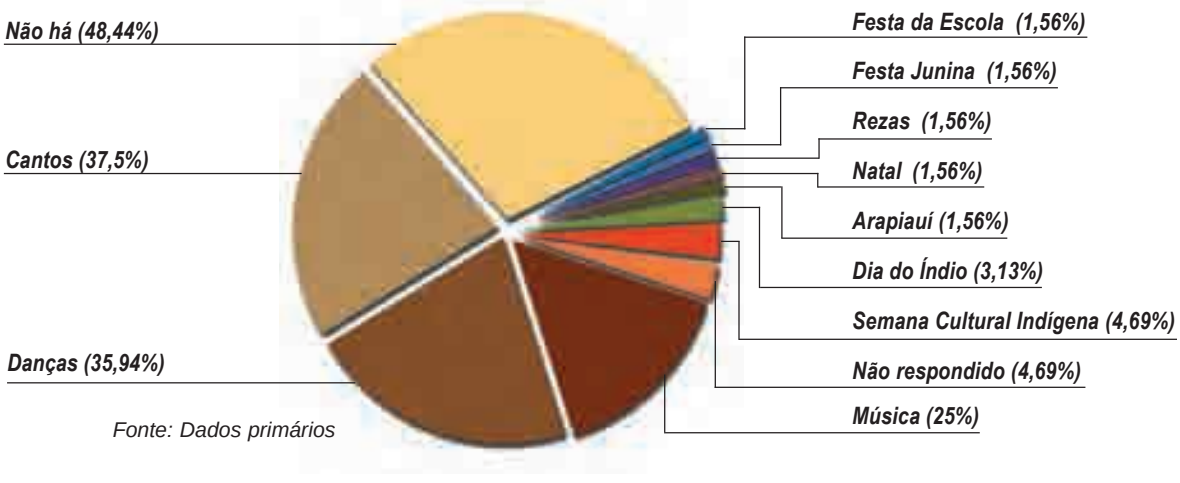
6.4 Eventos em Guarani para Não Indígenas

Cantos e danças abertos à participação de não indígenas é uma prática presente em metade das comunidades inventariadas. Nesses eventos, a Língua Guarani, além de ser utilizada, é também promovida e difundida.

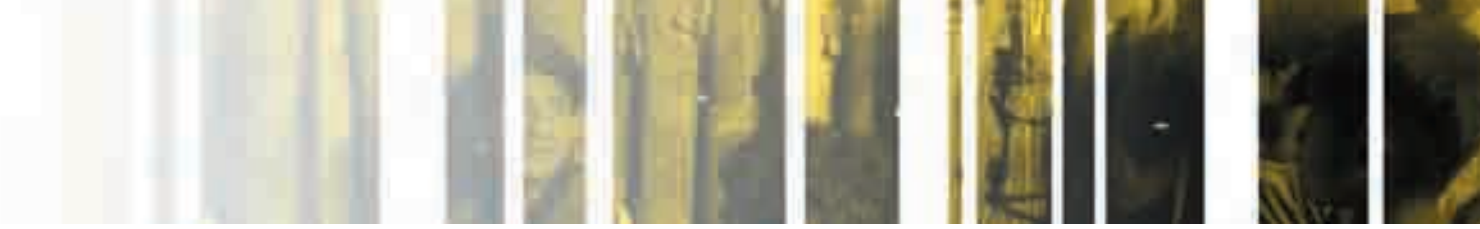
O Gráfico 9 representa os tipos de eventos mencionados. Destacamos: cantos (37,5%), danças (35,9%) e música (25%), além da Semana Cultural Indígena (4,7% de ocorrências). Desperta a curiosidade, também, a declaração de que há, em duas aldeias, o Dia do Índio.

Ressaltamos, todavia, que essa abertura aos não indígenas parece não ser consenso, uma vez que a outra metade das comunidades inventariadas declararam não realizar nenhum tipo de evento com esse objetivo (48,44%). Conforme referimos no capítulo sobre o Território Linguístico Guarani, é parte da decisão política da comunidade e de sua liderança fomentar ou não ações que potencializem a troca linguística, cultural ou econômica. Esse fato, além de outros ligados à acessibilidade/mobilidade, tornam heterogêneo o perfil das aldeias inventariadas e exigem, portanto, políticas públicas também diferenciadas.

Gráfico 9 – Percentuais dos Eventos para Não Indígenas nas Comunidades Guarani Mbya



Fonte: Dados primários



Do mesmo modo que a língua em si, as atividades econômicas e culturais tradicionais e outros eventos estruturados pelos usos da língua, quando transmitidos a gerações mais jovens, configuram importantes indicadores sobre a vitalidade da língua e do povo que a fala. Indagamos, então, aos chefes de núcleos familiares sobre essas atividades e sua transmissibilidade às crianças e aos jovens. Reunidas sob a rubrica de atividades linguísticas de base sociocultural e econômica, as respostas dadas estão listadas na Tabela 32, com o respectivo índice de ocorrência.

6.5 Atividades Linguísticas de Base Sociocultural e Econômica

Tabela 32 – Atividades que Envolvem o Uso Linguístico no Cotidiano

Atividades Declaradas	Ocorrências	%
Agente de Saúde	7	1%
Agricultura/Plantios	178	18%
Artesanato	236	24%
Atividades Musicais na Aldeia	4	0%
Caça	119	12%
Comidas ou Bebidas Específicas	146	15%
Instrumentos de Trabalho	75	8%
Instrumentos Musicais	108	11%
Organização da Comunidade	3	0%
Pesca	12	1%
Ritos/Celebrações	101	10%

Fonte: Dados primários

6.6 Grau de Transmissão Intergeracional das Atividades Linguísticas

Quanto à transmissão das atividades mencionadas às gerações seguintes, apenas 10% dos indivíduos que responderam à questão afirmaram não transmitir essas práticas a seus filhos, netos e bisnetos. A maioria absoluta (90%) confirmou essa transmissão ou ensinamento, como pode ser averiguado na Tabela 33:

Tabela 33 – Transmissão das Atividades para Filhos, Netos e Bisnetos

Transmissão Intergeracional - Atividades/Eventos de Fala

Estado	NÃO		SIM		Total Geral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
ES	1	9	10	91	11	100
PR	1	5	20	95	21	100
RJ	1	10	9	90	10	100
RS	7	9	73	91	80	100
SC	5	8	60	92	65	100
SP	9	15	50	85	59	100
Total Geral	**24**	**10**	**222**	**90**	**246**	**100**

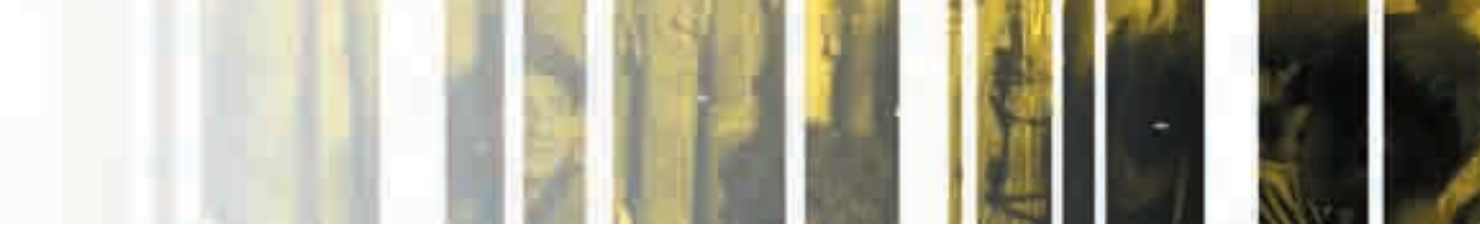
Fonte: Dados primários

O sentido transcendental das atividades organiza seu ensinamento às novas gerações. Em seu estudo sobre os Guarani que vivem em Paranaguá, região litorânea do Paraná, Bonamigo (2009, p. 119) diz que:

> [...] todas as comemorações são religiosas, inclusive as festas para as colheitas. O milho tem um grande valor para os Guarani Mbya, é um elo que possibilita a conexão entre os dois mundos, divino e humano, é imprescindível para que o Mbya receba seu nome, que passe a ser pessoa e se inscreva no círculo das relações sociais. O bolo de milho (mbojape) é oferecido a Nhanderu na cerimônia do Nhemongarai ou batismo, festa em que os Deuses revelam ao pajé os nomes das crianças.

Tais atividades são transmitidas de geração em geração na Língua Guarani, motivo pelo qual foram qualificadas como atividades linguísticas. Elas funcionam como alavanca para a promoção e manutenção da língua e da cultura.

Parece vigorar, entre os Guarani, a distinção entre atividade e trabalho. Atividade diz respeito ao que se faz cotidianamente para a sobrevivência na aldeia, como a confecção de ferramentas de trabalho para a pesca, caça, plantio e outros. Trabalho é tudo o que gera renda, como, por exemplo, venda de artesanato, e trabalhos remunerados como de agente de saúde, professor, diretor de escola, entre outros. O artesanato reúne as duas características, sendo, por isso, muito valorizado.



6.7 Síntese

Considerando o conjunto das situações analisadas relacionadas aos âmbitos de uso e de circulação das línguas nas comunidades inventariadas, constatamos que:

a) nos lares, predomina o Guarani Mbya. A Língua Portuguesa aparece em todas as aldeias, mencionada em 66 entrevistas. Por fim, em 10 lares, a maioria no Rio Grande do Sul, menciona-se o uso tanto do Guarani quanto do Português e do Espanhol;

b) nos espaços institucionalizados da escola e de postos de saúde, embora seja significativo o bilinguismo Português/Guarani Mbya, esta é uma língua minorizada:

– na escola, as Línguas Guarani e Português compartilham o espaço. No entanto, a língua de ensino é majoritariamente o Português;

– nos sistemas de saúde, em quase metade dos estabelecimentos registrados pelo ILG, as duas línguas (Português e Guarani) estão presentes. Contudo, na maioria deles (53%) o atendimento é realizado apenas em Português. Apenas um posto de saúde no Rio Grande do Sul atende somente em Guarani;

c) nos espaços cotidianos e de práticas institucionalizadas pela tradição das comunidades, o Guarani Mbya é a língua dominante:

– sessenta e nove por cento das comunidades inventariadas possuem *Opy* onde se fala exclusivamente o Guarani;

– a promoção de ações que disponibilizam as atividades das comunidades para não indígenas não é consenso: em metade das aldeias inventariadas teremos informação sobre alguma atividade nessa direção. Na outra, não há menção a quaisquer dessas atividades;

– é grande o interesse dos Guarani em ensinar todas as atividades do cotidiano às gerações mais jovens, sendo o Guarani Mbya a língua desses ensinamentos.

CAPÍTULO 7

AÇÕES DE PROMOÇÃO E LEGITIMAÇÃO DA LÍNGUA: LEI, ENSINO, CULTURA E ESCRITA

Os usos da Língua Guarani Mbya nas relações de trabalho em áreas estratégicas, como a educação, a saúde, o meio ambiente, em grupos de teatro, na mídia, em publicações, em produções audiovisuais e como Língua de ensino em cursos de formação são efetivos instrumentos de promoção e legitimação social da língua. Esse é o foco deste capítulo, no qual abordamos, a partir da pesquisa nas comunidades e em bases documentais, as ações que incidem sobre a língua, desde as que são de natureza jurídica, educacional e cultural, até as que marcam sua entrada nos processos próprios da cultura escrita: grafias, ortografias e as situações em que a escrita da língua entra em funcionamento.

7.1 Ações Jurídicas

A Língua Guarani, independentemente da variedade, tem se consolidado como uma das línguas indígenas de maior expressão sociopolítica em toda a América do Sul, gozando de estatuto oficial em diferentes âmbitos:

- Língua oficial de trabalho do Mercosul, ao lado do Português e do Espanhol, por meio do Decreto nº 31/06 (MERCOSUL, 2006).

- Língua oficial da República do Paraguai, ao lado do Espanhol, desde 1992, com a publicação da nova Constituição do Paraguai (em seu artigo 140).

- Língua oficial do Município de Tacuru, Mato Grosso do Sul, ao lado do Português, por meio do Projeto de Lei nº 848, sancionado em 24 de maio de 2010.

Supranacional e oficial, a Língua Guarani projeta-se no cenário

Apresentação de canto para os recenseadores do ILG na Aldeia Arandu Verá, em Getúlio Vargas – Rio Grande do Sul.

brasileiro pelo grande número de falantes distribuídos em vários Estados e municípios e pela vivacidade com que se representa nas ações políticas do País. Os Guarani têm consolidado avanços importantes na luta por educação, saúde, qualidade de vida e meio ambiente, os quais têm se revertido principalmente em políticas de formação profissional para os falantes dessa língua.

Exemplo da ressonância política dessa proatividade do povo Guarani foi a implantação, pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC), de um programa inovador para formação de professores indígenas do Povo Guarani, conhecido como Protocolo Guarani. Reunindo alunos e professores Guarani que habitam no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná, no Espírito Santo e no Rio de Janeiro para formação em nível médio, esse protocolo deu voz aos sentidos de territorialidade que esse povo indígena, ao lado de muitos outros, reivindica historicamente. Com a parceria do MEC, da FUNAI e das Secretarias de Educação dos Estados conveniados e a participação de professores e comunidades indígenas dos Estados, esse protocolo se concretizou em ações compartilhadas em todo o processo de planejamento, implementação e avaliação do trabalho.

A esse programa de formação de professores indígenas se alia outra ação do governo brasileiro: a promulgação do Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009, que instrui sobre a configuração dos Territórios Etnoeducacionais como base para a implementação de políticas educacionais direcionadas aos indígenas. Nesse sentido, as comunidades Guarani, nos Estados aqui inventariados – Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul –, têm discutido a configuração do Território Etnoeducacional que melhor atenda as suas demandas.

7.2 Ações Educacionais

A educação para os Guarani Mbya abarca um conjunto de práticas cotidianas, sendo exercida oralmente e, de modo especial, pelos pais e pessoas mais velhas, além das lideranças políticas e espirituais da comunidade. A inexistência de uma escola não significa a inexistência de educação. De fato, considerando a educação escolar formal, notaremos que há escolas em apenas 39 das comunidades inventariadas, contra 23 sem escola. A maior parte das 39 aldeias possui apenas uma escola. A única que possui duas instituições escolares é Krukutu, em São Paulo, uma aldeia fundada em 1970.

No Brasil, apesar da educação escolar indígena possuir regimento próprio (Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI), a cultura escolar tem se constituído como o espaço por excelência para veiculação da Língua Portuguesa – língua oficial do Estado e dos conhecimentos a ela associados. Essa onipresença da Língua Portuguesa parece estar ligada ao bilinguismo massivo Português/Guarani Mbya nas comunidades pesquisadas. Em consequência, a demanda por ensino bilíngue onde há escolas é fato recorrente.

A análise do quadro da educação escolar nas aldeias que possuem escolas, a seguir, nos permite aprofundar a discussão.

7.2.1 Educação Escolar Indígena

a) Escolas com Prédio Próprio

Das 39 comunidades que possuem educação escolar, praticamente todas possuem prédio próprio, exceto duas, ambas no Paraná: Tekoa Itamarã e Kuaray Guata Porã. Nessas duas aldeias, criadas em 2007 e 1986, respectivamente, as atividades escolares são desenvolvidas em outros espaços. Em uma antiga sede de fazenda, hoje pertencente à área indígena, funciona a escola em Tekoa Itamarã/PR, e em uma Casa de Cultura funciona a de Kuaray Guata Porã/PR. Consta, entretanto, que essas duas aldeias já solicitaram prédios escolares às instâncias responsáveis, mas esse pedido ainda não foi atendido.

b) Número de Alunos

Nas aldeias inventariadas, é alta a concentração das matrículas de alunos nas séries iniciais de ensino. De um total de 1.335 alunos, há 488 alunos matriculados em séries da Pré-Escola; e 595 no Ensino Fundamental. O Ensino Médio conta com apenas 5% das matrículas declaradas. Por outro lado, o percentual de alunos cursando o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) totaliza 13%, um número significativo se considerado o índice do Ensino Médio.

INVENTÁRIO DA LÍNGUA GUARANI MBYA

MAPEAMENTO DAS LÍNGUAS FALADAS NA ESCOLA

Nas aldeias inventariadas, a língua Guarani Mbyá é falada nas escolas de 57% das comunidades. Nessas, a língua divide o espaço escolar na grande maioria dos casos com a língua portuguesa, constituindo um ensino bilíngue. Em apenas uma das escolas, localizada em Santa Catarina, o Guarani é língua única de ensino.

Paraguai

Argentina

Uruguai

Nº	NOME DA ALDEIA
1	MASSIAMBU
2	MORRO DOS CAVALOS
3	YYMA MOROTI MIRERIA
4	PRAIA DE FORA
5	MARANGATU
6	TIARAJU
7	YY A
8	ARARAL
9	CAMBIRELA
10	TAVAI
11	LIMEIRA
12	TARUNÃ
13	YVAPURU
14	ITAMBAÉ
15	ARAÇUCIO
16	PALMEIRINHA PINDOTI
17	CONQUISTA JATAITY
18	JABUTICABEIRA
19	PETIM
20	MHANDERU
21	KOENJU
22	MATO PRETO (ARAMOU VERÁ)
23	GUABIROBA
24	YYRYAPU (DRENAU VARGAS)
25	AMBOY (DRENAU)
26	KIAGUY PAU (VARZINHA)
27	ESTIVA (TEKOA MAUMBE)
28	COXILHA DA CRUZ (PORÃ)
29	CAPIVARI
30	SANTA GALO
31	FLOR DO CAMPO
32	CAMPO BONITO (MHONI PORÃ)
33	PINDO POTY (LAMI)
34	VERGADEIRA (ANHETENGUA)
35	PASSO GRANDE
36	PASSO GRANDE II – AMBEY
37	IRAPUÃ
38	PINDOMIRIM
39	PINHEIRO (ACAMPAMENTO)
40	SACO DO MAMANGUÁ
41	ITAO-MIRIM
42	DOOY
43	ITAMARÃ
44	LEBRE
45	PINHAL
46	KARAGUATA
47	KUARAY GUATA PORÃ
48	ILHA DA COTINGA (PINDO-TY)
49	CAIERAS VELHAS
50	BOA ESPERANÇA
51	TRÊS PALMEIRAS
52	PIRAQUÊ AÇU
53	OLHO D'ÁGUA
54	ILHA DO CARDOSO – PAKURI TY
55	TAKUARI-TY
56	ITAPU MIRIM
57	AMBA PORÃ
58	URUJ-TY MIRACATU
59	ITAPUÃ
60	IZAPE
61	PINDO-TY
62	GUAVIRA
63	JAJA-TY
64	AGUAPEU
65	ITAOCA
66	RIO BRANCO (YYREXAKA PORÃ)
67	JAE SKA PORÃ (BOA VISTA)
68	KRUKUTU
69	ARAÇAI

Convenções Cartográficas

Aldeias Visitadas

Língua Falada na Escola

- Guarani
- Português
- Guarani e Português
- Sem informação

- Rodovias Federais
- Limites Municipais
- Limites Estaduais
- Limites Internacionais
- Oceano Atlântico

Programa: PGL Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística
Cartografia Básica: Geografia, Ricardo Anel Sica
Elaborado em março de 2011
Com mapas extraídos e baseados no Google Earth Web – 2011

ipol

Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa de Direitos Difusos

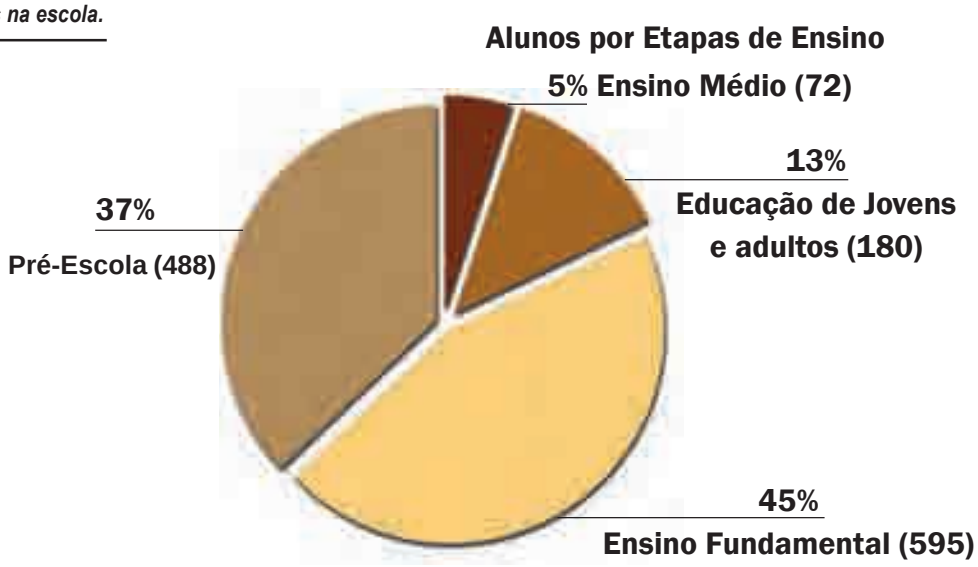
Ministério da Justiça Secretaria de Direito Econômico

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Mapa das línguas faladas na escola.

Gráfico 10 – Percentagem e Número de Alunos por Etapa de Ensino



Fonte: Dados primários

7.2.2 A Língua (e os Falantes) Guarani Mbya na Educação Escolar

a) Diretor Indígena e Não Indígena

A direção escolar, espinha dorsal das ações educacionais, nem sempre é uma função ocupada nas escolas das comunidades inventariadas. Em 39% das escolas não encontramos diretores. Nas escolas em que essa função é ocupada (23 escolas), constatamos que é exercida majoritariamente por não indígenas, que ocupam 78% dos cargos disponíveis. O número de diretores indígenas é muito reduzido (5), abrangendo apenas 22% das escolas situadas em aldeias Guarani.

Gráfico 11 – Direção Escolar

Gráfico 12 – Diretores Guarani

Fonte: Dados primários

Esse dado merece atenção porque a administração da vida escolar em instituições interculturais e bilíngues requer largo conhecimento sobre os costumes de cada comunidade. Seria adequado, portanto, a nomeação de diretores oriundos da própria comunidade linguística, falantes, portanto, da língua, fato constatado apenas em cinco escolas.

b) Professor Indígena e Não Indígena

Se o quadro administrativo escolar nas aldeias Guarani inventariadas carece de representantes indígenas, o quadro docente apresenta, numericamente, uma relativa equivalência entre professores indígenas e não indígenas. Em 80% das escolas inventariadas trabalham professores indígenas; e, em 60% delas, lecionam professores não indígenas, como podemos observar por meio dos indíces apresentados nos Gráficos 13 e 1 4.

Gráfico 13 – Percentagem de Professores Indígenas

Gráfico 14 – Percentagem de Professores Não Indígenas

Fonte: Dados primários

O modo de atuação dos professores nessas escolas tem merecido estudos à parte, sendo objeto de atenção, por exemplo, do Observatório Linguístico da Educação Escolar Indígena (OLEEI). Tais estudos indicam o papel de "monitor bilíngue" exercido por muitos professores indígenas, caracterizado principalmente como uma função de apoio didático, com o objetivo de traduzir os conteúdos aos alunos e as perguntas destes ao professor. Essa prática reafirma a dominância da cultura escolar embasada na Língua Portuguesa e afasta a escola de um ensino em Guarani Mbya, fato que refletiria, na sua forma e conteúdo, em um ensino intercultural e bilíngue.

Gráfico 15 – Existência de Curso de Formação para Professores

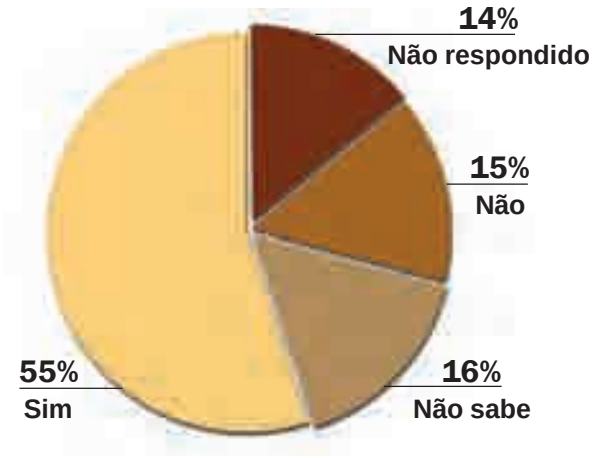
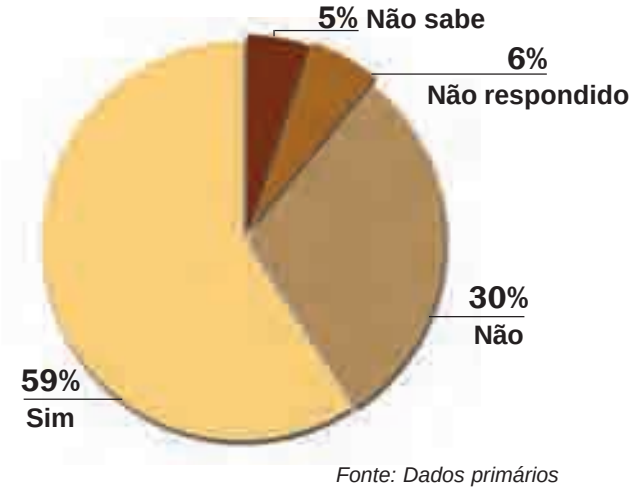


Gráfico 16 – Participantes em Curso de Formação de Professores



Fonte: Dados primários

Quadro 1 – Cursos de Formação de Professores e Locais de Oferta

Curso de Formação de Professores	Local
MISI – Magistério Intercultural Superior Indígena	Universidade de São Paulo
Graduação em Pedagogia Indígena	Universidade de São Paulo
Magistério – Ensino Médio e Superior	Universidade de São Paulo
Supletivo	Registro
Curso Continuado – Formação Continuada	Aldeia Três Palmeiras
A distância	-
Magistério Indígena	Faxinal do Céu (PR) Florianópolis (SC) São Francisco de Paula (RS) Secretaria de Educação (SC) Universidade de São Paulo

Fonte: Dados primários

Atualmente, há exigência legal de que os docentes atuantes no Ensino Médio Indígena tenham cursado o Ensino Superior. Essa obrigatoriedade ocasionou a abertura de diversos cursos de licenciatura indígena nas universidades brasileiras. Entre eles, há o de licenciatura oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina, desde 2011, voltado aos Guarani,

aos Káingáng e aos Xokleng. Por serem recentes, este e outros cursos não foram mencionados pelos entrevistados. No entanto, são importantes espaços de promoção das línguas e merecerão, por isso, atenções futuras, sobretudo das comunidades Guarani Mbya.

7.3 A Língua (e os Falantes) Guarani Mbya nos Sistemas de Saúde e Meio Ambiente

A presença de agentes de saúde Guarani com formação específica foi mencionada em 53% das aldeias inventariadas. Esse percentual equivale exatamente ao total de aldeias que possuem prédio próprio para o atendimento à saúde (34). A formação para os agentes de saúde Guarani é oferecida, segundo os entrevistados, pela Funasa, sendo esta a única instituição citada nas respostas. Os locais onde essas formações ocorreram, segundo ordem decrescente de menção, foram: Porto Alegre (RS), Guarapuava (PR), Curitiba (PR), Mongaguá (SP), Tramandaí (RS), Passo Fundo (RS), São Paulo (SP), Vila Perequê (SP), Caçapava do Sul (RS), Florianópolis (SC), Palhoça (SC) e Torres (RS).

7.4 A Língua (e os Falantes) Guarani Mbya e as Instituições Políticas

O levantamento de associações atuantes nas aldeias Guarani inventariadas indica que elas são de dois tipos: "associações representantes" dos interesses das comunidades e "associações atuantes", que exercem atividades em diferentes frentes. Assim, enquanto 37 aldeias contam com alguma associação representante, conforme indicação dos caciques, apenas em 23 há alguma associação atuante. Em 17 delas foram mencionadas tanto associações representativas quanto atuantes. Nos Quadros 2 e 3, listamos as comunidades com associações representantes e atuantes:

Mapa das aldeias com posto de saúde (com prédio próprio).

INVENTÁRIO DA LÍNGUA GUARANI MBYA

MAPEAMENTO DAS ALDEIAS COM POSTO DE SAÚDE (Com prédio próprio)

Das aldeias mapeadas, a assistência de saúde é realizada em 55 comunidades.
Há prédio próprio para o posto de saúde em apenas 34, representando 53% do universo pesquisado.

Nº	NOME DA ALDEIA
1	MASSIAMBU
2	MORRO DOS CAVALOS
3	YVYRI MOROTI WHERA
4	PRAIA DE FORA
5	MARANGATU
6	TIARAJU
7	YY A
8	WAVAI
9	CAMBRELA
10	TAUÁ
11	LAMEIRA
12	TARUMÃ
13	YVAPURU
14	ITANHAÉ
15	MBIGUÇU
16	PALMEIRINHA PINDOTY
17	CONQUISTA JATAITY
18	JABUTICABEIRA
19	PETRÓ
20	MANGUEIRA
21	KOENJU
22	SANTO PRETO (ARAÇÁ) VERÁ
23	GUARIROBA
24	TYRYAPO (GRAJAÚ VARGAS)
25	KRIBOY (CORENAU)
26	KAAGUY PAU (VARZINHA)
27	ESTRELA (TEKOA MAUNDO)
28	COXILHA DA CRUZ (PORÃ)
29	CAPIVARI
30	CANTA GALO
31	FLOR DO CAMPO
32	CAMPO BONITO (NHAUM PORÃ)
33	PINDO POTY (LAMI)
34	VERDADEIRA (MANETENGUA)
35	PASSO GRANDE
36	PASSO GRANDE II - AMBERY
37	IRAPUÃ
38	TAQUARIVI
39	PINHEIRO (ACAMPAMENTO)
40	SACO DO MAMANGUÁ
41	ITAU (MIRI)
42	OCOY
43	ITAMARÃ
44	LEBRE
45	PINHAL
46	KARAGUATÁ
47	KUARAY GUATA PORÃ
48	ILHA DA COTINGA (PINDO TY)
49	CAIERAS VELHAS
50	BOA ESPERANÇA
51	TRÊS PALMEIRAS
52	PIRAQUÉ-AÇU
53	OLHO D'ÁGUA
54	ILHA DO CARDOZO - PAKURY-TY
55	TAKUARI-TY
56	ITAPU (MIRI)
57	AMBA-PORÃ
58	URUA-TY (MARACATU)
59	ITAPUÃ
60	ITAPÉ
61	PINDO-TY
62	GUAVIRA
63	JAJI-TY
64	AGUAPEU
65	TROCA
66	RIO BRANCO (YYRE SAKA PORÃ)
67	JAE KAA PORÃ (BOA VISTA)
68	KRUSUTU
69	ARACAI

Convenções Cartográficas

Aldeias Visitadas

Relativas ao Prédio do Posto de Saúde:

- Tem Prédio
- Não tem Prédio
- Não tem Atendimento

Rodovias Federais
Limites Municipais
Limites Estaduais
Limites Internacionais
Oceano Atlântico

Paraguai
Argentina
Uruguai

ipol

Conselho Federal Gestor do
Fundo de Defesa de Direitos Difusos

Ministério da Justiça
Secretaria de Direito Econômico

Ministério da Cultura

BRASIL
MAIS VOCÊ É MAIS SEM PREGUIÇA

Fonte: FPI, Instituto de Antropologia e Desenvolvimento em Países Longínquos
Coordenação Geral: Augusto Tomás Inácio Silva
Elaborado em março de 2011
Base cartográfica: Inventário da Língua Guarani Mbyá - 2010

Quadro 2 – Associações Representantes das Aldeias Guarani Inventariadas

Associação Representante	Aldeia
ACICO - ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA	Ocoy
AGUAÍ	Itanhaé
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES	Tekoa Marangatu
ASSOCIAÇÃO DOS INDÍGENAS	Aldeia Cantagalo
ASSOCIAÇÃO DOS INDÍGENAS	Coxilha da Cruz (Tekoa Porã)
ASSOCIAÇÃO GUARANI PAVENHEMBAE – APO	Estiva (Tekoa Nhumde)
ASSOCIAÇÃO INDÍGENA TUPINIQUIM E GUARANI	Boa Esperança
ASSOCIAÇÃO MUNDO INDÍGENA	Lebre
ASSOCIAÇÃO PIRAJU	Limeira
ASSOCIAÇÃO TUPINIKIN GUARANI	Olho D'água
CEPIN	Morro dos Cavalos
COMISSÃO NHEEMONGUETA	Amaral
CONSELHO PARA ARTICULAÇÃO DO POVO GUARANI - RIO GRANDE DO SUL	Pindo Poty (Lami)
FUNAI	Palmeirinha Pindoti
FUNAI	Pinhal
FUNAI	Ilha da Cotinga (Pindo-Ty)
FUNAI	Rio Branco (Yyrexaka Porã)
FUNAI E Funasa	Capivari
FUNAI E Funasa	Kuaray Guata Porã (Cerco Grande)
FUNAI E Funasa	Tekoa Karaguatá
FUNAI E Funasa	Takuari-Ty
FUNAI E Funasa	Gwawira
FUNAI E Funasa	Jaji-Ty
FUNAI E Funasa	Itapé
FUNAI E Funasa – CONSELHO DE SAÚDE	Itaxi-Mirim
FUNAI, Funasa, CTI	Itaoca
FUNAI, Funasa, ESTADO	Saco do Mamanguá
FUNAI, Funasa, SEED	Tekoa Itamarã
FUNAI, Funasa, USP	Ilha do Cardoso - Pakury-Ty
Funasa	Flor do Campo
Funasa	Ximboy (Orenau)
Funasa, CAPG-RS	Passo Grande
Funasa; SECRETARIA SAÚDE MUNICIPAL	Irapuá
IDET (ONG), PREFEITURA DE SP E ESTADO DE SP	Krukutu
SECRETARIA DE SAÚDE MUNICIPAL	Kaaguy Paû (Varzinha)
TEMBIGUAI	Tekoá Jae Xa'a Porã (Boa Vista)
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	Urui-Ty Miracatu

Fonte: Dados primários

Quadro 3 – Associações Atuantes nas Aldeias Guarani Inventariadas

Comunidade	Associação Atuante	Atuação	Desde
TIARAJÚ	IGREJA EVANGÉLICA; ONG	NÃO RESPONDIDO	2010
TEKOA ANHETENGUÁ	NÃO SABE	NÃO SABE	2005
ARANDU VERÁ	CONSELHO DE MISSÃO ENTRE ÍNDIOS (COMIN), CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI)	NÃO RESPONDIDO	2004
ITAPUA	CTI	AUXILIAM NA AGRICULTURA	2004
PINDO-TY	CTI	AUXILIAM NA AGRICULTURA	1998
AMBA PORÃ	CTI	AUXILIAM NA AGRICULTURA	2007
AGUAPEÚ	CTI	AUXILIAM NA AGRICULTURA	1990
MORRO DOS CAVALOS	CIMI	NÃO RESPONDIDO	2000
PALMEIRINHA PINDOTI	SIMEI; MISSIONÁRIOS; ANTROPÓLOGOS, Flavia	NÃO RESPONDIDO	2000
ALDEIA CANTA GALO	CIMI	NÃO RESPONDIDO	1980
TEKOA PORÃ	CAPA	AUXILIAM NA AGRICULTURA	1999
TEKOA NHUMDE	QUINTA DA ESTÂNCIA	DOAÇÕES	2000
OLHO D'ÁGUA	PASTORAL INDÍGENA	DOAÇÕES	2007
LEBRE	IGREJA CRISTIANISMO DECIDIDO	TRADUÇÃO DA BÍBLIA	1976
CERCO GRANDE	INSTITUTO SHIMSHU	INVESTEM EM CULTURA E INFRAESTRUTURA - CONSTRUÍRAM CASA CULTURA	2004
TEKOA ITAMARÃ	CINECLUBE ARAGUAIA	EXIBIÇÃO DE FILMES	2009
SACO DO MAMANGUÁ	CTI	AUXILIAM NA AGRICULTURA	1960
KRUKUTU	IDET (ONG)	FAZEM GESTÃO DOS EDUCADORES NA ESCOLA	2004
TAKUARI-TY	CTI	AUXILIAM NA AGRICULTURA	1998
URUI-TY MIRACATU	CTI	AUXILIAM NA AGRICULTURA	2000
JAJI-TY	IGREJA CATÓLICA	DOAÇÕES	2009
ITAXI-MIRIM	CTI, VISISUL, MUSEU DO INDIO – RJ	AUXILIAM NA AGRICULTURA	2007
OCOY	ITAIPU	PROJETO DE SUSTENTABILIDADE	1982

Fonte: Dados primários

7.5 A Língua (e os Falantes) Guarani Mbya e as Instituições Missionárias e Religiosas

A existência de outras igrejas nas aldeias, além da casa de reza Guarani, a *Opy*, foi abordada no capítulo 6. Entretanto, as ações missionárias e religiosas e as consequências de suas ações sobre a Língua Guarani não se limitam à existência de prédios religiosos nas aldeias. As ações religiosas são realizadas dentro das aldeias por grupos que as visitam com objetivo catequético. As consequências das ações missionárias, que se utilizam da língua indígena para a catequização, são seculares e podem ser notadas, ainda hoje, pela predominância, nas aldeias Guarani inventariadas, de textos religiosos escritos na Língua Guarani e em Português.

7.6 Instituições e Ações Culturais e Educacionais de Promoção da Língua

a) Grupos de Teatro

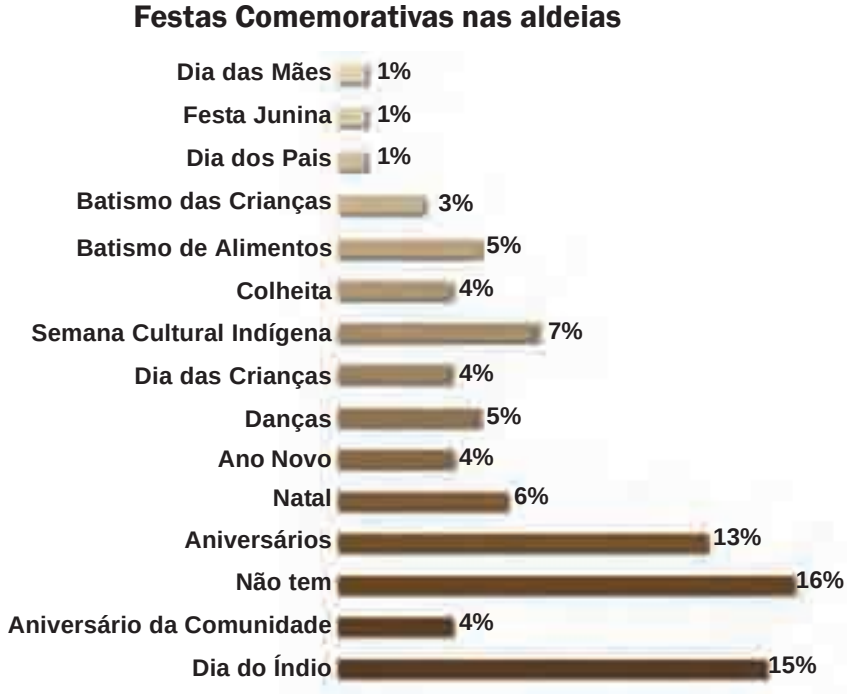
Das 69 comunidades inventariadas, quatro afirmaram contar com um grupo de teatro e estão localizadas nos Estados do Espírito Santo, do Paraná, de Santa Catarina e de São Paulo.

b) Festas e Comemorações nas Comunidades

Eventos culturais são importantes meios para promoção e dilvugação da língua e dos conhecimentos que ela instala. Procuramos, assim, conhecer as festas comemorativas que ocorrem ao longo do ano, indagando sobre elas a todos os entrevistados. Obtivemos uma extensa lista, sendo as respostas mais recorrentes, em ordem decrescente: Dia do Índio, Aniversário da Comunidade, Aniversários dos Membros da Comunidade, Natal, Ano Novo, Danças como o Xondaro (festa sagrada), Dia das Crianças, Semana Cultural Indígena, Colheita, Batismo de Alimentos, Batismo das Crianças, Dia dos Pais, Dia das Mães e Festa Junina.

No Gráfico 17 podemos observar as percentagens dos eventos mais frequentes nas aldeias inventariadas.

Gráfico 17 – Festas Comemorativas nas Aldeias



Fonte: Dados primários

Entre as comemorações mencionadas, percebemos que o Dia do Índio, em 19 de abril, com 15% das respostas individuais, é o acontecimento mais lembrado por eles. Muitos responderam também que festejam os aniversários dos membros da comunidade (13%). Em seguida, o evento mais realizado é a Semana Cultural Indígena (7%). Nessa semana, geralmente, a comunidade se abre para o público externo, ou seja, visitantes podem entrar nas aldeias para participar de palestras, fazer trilhas, fazer pinturas corporais, assistir a corais ou outros grupos da comunidade, provar comidas típicas e bebidas, comprar artesanato, conversar com os moradores e ter a oportunidade de conhecer melhor a maneira de viver dos Guarani Mbya. Às vezes, em algumas aldeias, o aniversário da demarcação das terras é celebrado nessa data. Além disso, muitas festas, como podemos notar, são parte também da cultura dos não indígenas, como Natal (6%), Ano Novo (4%), Dia das Crianças (4%), Dia dos Pais (1%), Dia das Mães (1%) e Festa Junina (1%), mas ocorrem em pequenas percentagens. Outras são próprias da cultura Guarani, como Colheita (4%), Aniversário da Comunidade (4%), Batismo de Alimentos (5%), Danças (5%), Batismo das Crianças (3%).

Como chamamos a atencão em outros momentos do texto, nesse caso também teremos um alto índice de respostas afirmando a não existência de tais festas na comunidade.

Entre as festas e comemorações citadas, o Xondaro é predominantemente realizado em Língua Guarani Mbya. As demais, de modo geral, mesclam as línguas, orientando a escolha pelo tipo de interação propiciado pelo interlocutor. Se o interlocutor é não falante do Guarani, a Língua Portuguesa entra em cena.

c) A Língua Guarani nos Programas da Mídia

Altos foram os percentuais de desconhecimento sobre programas em Guarani veiculados no rádio ou na televisão nas aldeias Guarani. As aldeias nas quais os moradores declararam, efetivamente, ouvir programas em Guarani no rádio totalizaram 16, e em oito delas se declarou também ver programas televisivos em Guarani.

Houve quem afirmou não assistir ou ouvir transmissões pela televisão, mas que tinha conhecimento sobre sua existência. Esse conhecimento sobre programas televisivos na língua foi registrado em 22 aldeias, além das oito onde tais programas são efetivamente assistidos. O Quadro 4 detalha essas considerações.

Vista da entrada da Aldeia Boa Esperança, em Aracruz – Espírito Santo.

Quadro 4 – Aldeias onde se registrou o Conhecimento sobre Programas de Rádio e Televisão em Guarani

NO RÁDIO	NA TELEVISÃO
RS - Capivari	PR - Ilha da Cotinga (Pindo-Ty)
RS - Coxilha da Cruz (Tekoa Porã)	RS - Aldeia Cantagalo
RS - Pindo Poty (LAMI)	RS - Aldeia Verdadeira (Tekoa Anhetenguá)
RS - Ximboy (Orenau)	SP - Krukutu
SC - Jabuticabeira	RS - Guabiroba
PR - Palmeirinha Pindoti	SC - Morro dos Cavalos
SC - Yynn Morott Whera	RJ - Itaxi-Mirim
SP - Takuari-Ty	RJ - Saco do Mamanguá
PR - Tekoa Itamarã	RS - Estiva (Tekoa Nhumde)
RS - Nhanderú	SP - Rio Branco (Yyrexaka Porã)
RS - Tekoa Koenju	PR - Kuaray Guata Porã (Cerro Grande)
SC - Amaral	PR - Ocoy
SC - Conquista Jataity	RS - Tekoa Yyryapú (Granja Vargas)
SC - Itanhaé	RS - Ximboy (Orenau)
SP - Amba Porá	SC - Tekoa Marangatu
SP - Jaji-Ty	SC - Yynn Morott Whera
	SP - Aguapeú
	SP - Gwawira
	SP - Takuari-Ty
	SP - Urui-Ty Miracatu
	RS - Mato Preto (Arandu Verá)
	RS - Nhanderú
	RS - Tekoa Koenju
	SC - Amaral
	SC - Conquista Jataity
	SC - Itanhaé
	SC - Tavaí
	SC - Tekoa Vy'a
	SP - Amba Porá
	SP - Itapuã

Fonte: Dados primários

Os programas e estações de rádio citados foram: programas de rádio do Paraguai (citados diversas vezes); rádio da aldeia Itaxi-Mirim; entrevista do Cirilo na Rádio Comunitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Rádio Gaúcha, durante a madrugada; e Rádio Cultura.

Sobre os programas televisivos, a única emissora citada diversas vezes foi a TV Cultura. Foram citadas, ainda, a TV Record e a TV Aparecida/RS. Foram citadas também "reportagens", contudo, sem a explicitação de quais especificamente. Em uma das respostas temos a referência a um programa que "os Guarani do norte fizeram", e, em outra, a programas feitos sobre os Guarani, mas em Língua Portuguesa.

Ressaltamos, sobre a lista de programas apresentada, a importância das emissoras de rádio paraguaias, citadas inúmeras vezes pelos entrevistados. A existência de tais programas está diretamente vinculada ao fato de o Guarani ser língua oficial do Paraguai, o que sinaliza também o valor da oficialização de línguas para a sua promoção e legitimação social.

d) Formação para os Docentes de Escolas Indígenas

Mencionamos o Protocolo Guarani como uma importante ação do Governo Federal para a formação indígena Guarani em nível médio. Para ampliar o levantamento sobre ações educacionais desse tipo, indagamos aos entrevistados se tinham conhecimento de cursos específicos para docentes indígenas e se haviam participado ou estavam participando de algum: 55% dos entrevistados declararam conhecer a existência de cursos voltados para esse fim e 59% declararam participação em algum deles (Gráficos 15 e 16).

Informante respondendo ao questionário do ILG na Aldeia Estiva, em Viamão – Rio Grande do Sul.

Os cursos e locais ou suas instituições promotoras, segundo declaração dos entrevistados, são listados no Quadro 1, no qual a única instituição de Ensino Superior nomeada é a Universidade de São Paulo.

e) Cursos para o Ensino da Língua Guarani Mbya para Falantes de outras Línguas

Poucas foram as pessoas que declararam conhecer algum tipo de curso da Língua Guarani Mbya para não falantes dessa língua, representando apenas 12,5% do total de respostas. Entre as organizações promotoras de tais cursos foram citadas apenas Instituições de Ensino Superior (IES): a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade de Montevidéu. Além dessas IESs, os entrevistados informaram que indígenas oferecem o ensino de Guarani Mbya na escola: da aldeia Tiarajú, da aldeia Yxiva, da aldeia Lebre e da aldeia Krukutu. Outro caso citado foi o de um "estrangeiro" que oferece tal curso na capital paulistana.

f) Publicações Periódicas e não Periódicas em Língua Guarani Mbya

Indagamos aos entrevistados se eles tinham conhecimento sobre publicações realizadas na Língua Guarani. Foram muito variadas as respostas, embora os maiores percentuais registrados tenham sido "não respondido" e "não sabe". Esse fato chama nossa atenção, uma vez que é indicativo da necessidade de uma política pública mais efetiva de divulgação e de incentivo a publicações periódicas e não periódicas na Língua Guarani.

As respostas dadas estão nos Quadros 5, 6 e 7, separadas em Jornais, Livros e Textos. Além de nomes de publicações, nas listas estão presentes todas as respostas dos entrevistados, como outras referências dos materiais (tema, local onde foi produzido etc.).

Quadro 5 – Jornais em Guarani Conhecidos pelos Falantes

Jornais em Guarani
Jornal Palhocense
Ñembohe Pora - de Puerto Iguazu
Publicados em encontros Guarani

Fonte: Dados primários

Quadro 6 – Livros em Guarani Conhecidos pelos Falantes

Livros em Guarani	
Arandu Rape	Jekupe - O Guardião da Natureza
Bíblia	Livro evangélico
Cadernos Mbya Reko	Luiz Karai
Cartilhas	Maino Irapé - tradução em Português e Guarani
Ceci - São Paulo - Escrita Guarani	Manuí
CTI - Documento de Ocupação Guarani no Litoral	Massacre dos Guarani no Paraná (Tapeti)
Cultura, natureza antiga	Mundo do Guarani (projeto)
De histórias	Opa mba'e re nhanhembo'e aguã; jaguatareí nhemboé
Dicionário Guarani	RJ - Mainora Pé - Caminho Sagrado
Didático	Vida Guarani / didático
Do Kaká Werá	Ypara ypy'ia (alfabetos)
Do Paraná - Palavras	Yroptane - Paraguay
Escritos na própria escola	

Fonte: Dados primários

Quadro 7 – Publicações na Língua Guarani Conhecidas pelos Falantes

Outros Textos em Guarani	
Canto, fábula sobre o lobo guará	Histórias e mitos - Krukutu Palhereiros
Como se pronuncia sentenças do dia a dia	Histórias Guarani
Da onça e do veado	Material que vem de São Paulo
Didático	Músicas
Didático; informativos	Nhanderú
Flor do campo	Texto de livros
Hino Nacional em Guarani	

Fonte: Dados primários

7.7 Demandas da Comunidade Linguística: Programas Variados e Serviços Linguísticos

As áreas que apresentam maiores demandas das comunidades Guarani inventariadas dizem respeito à Educação e à Comunicação/Entretenimento. Coincidentemente, essas são as áreas que englobam as demandas de programas e serviços linguísticos. Assim, na Tabela 34, de todas as demandas já realizadas pelas comunidades visitadas e agrupadas por áreas, registramos 20 pedidos por escola, 13 por biblioteca, 16 por conexão com a internet, 15 por salas de computador, sete por rádio e três por programa de televisão.

Tabela 34 – Demandas das Comunidades Guarani Mbya

	Ocorrências x Faixa de Idade das Comunidades					
Demanda da comunidade	**Antigas**	**Idade Mítica**	**Não Ident.**	**Jovens**	**Recentes**	**Total Geral**
Escola	2		2	10	6	20
Biblioteca	1		2	7	3	13
Ampliação do espaço físico da escola		1		1	2	4
Refeitório para escola com lavatório				2	1	3
Dispensa na escola					1	1
Livros	1					1
Internet	2	1	4	6	3	16
Sala de computador	3	1	2	6	3	15
Rádio	1		1	2	3	7
Cine-clube	1			1	2	4
Programa de TV				1	2	3
Centro comunitário					1	1
Posto de saúde	1		1	6	7	15
Médicas(os)	2			5	6	13
Enfermeiras(os)	1			4	5	10
Agentes de saúde	1			3	5	9
Capacitação de agentes de saúde e saneamento					1	1
Estradas	1			5	3	9
Pontes	1			3	2	6
Água tratada			1		2	3
Energia elétrica	1			1	1	3
Banheiro			1	1	1	3
Telefone				2		2
Mangueira para água					1	1
Falta água com frequência	1					1
Motor para o poço de captação de água				1		1
Banheiro comunitário				1		1
Gerador de energia				1		1
Alimentação				2	1	3
Agricultura				1		1
Trator com plantadeira	1					1
Regularização da área				3		3
Somente a demarcação	1				1	2
Meio de transporte				1		1
Voadeira para transporte pelo mangue				1		1
Bicicleta				1		1
Oficializar as tendas	1					1
Casa comunitária, galpão, aviário				2	1	3
Casas	1				2	3
Não respondido	1			2	1	4
Nada, não quer pedir				2	2	4
Total geral	**12**	**2**	**5**	**27**	**18**	**64**

Fonte: Dados primários

7.8 Língua e Escrita

Na tradição Guarani, assim como em outras sociedades indígenas brasileiras, a educação é passada dos mais velhos para os mais novos oralmente e o aprendizado ocorre naturalmente pela convivência. O ato de dizer é o ato de ensinar. Páginas de um livro podem ser fechadas e esquecidas, inutilizando a função da escrita. Segundo Melià (*apud* LADEIRA, 2008, p. 32), para os Guarani, a arte da palavra é a arte da vida. Assim como alma e palavra possuem o mesmo significado, o portador de uma alma (nhee) estrutura sua vida para ser suporte e fundamento de palavras verdadeiras. No entanto, tal visão está em processo de transformação, pois já se tem conhecimento de talentosos escritores indígenas que "escrevem" no intuito de preservar e divulgar sua cultura. Um exemplo de autor Guarani Mbya que tem se destacado é Tataendy, indígena da aldeia Morro dos Cavalos em Palhoça, com sua obra *Palavras do Xeramõi*, na qual cita a importância de mostrar o que está desaparecendo e de preservar o que ainda existe na cultura Guarani Mbya, ressaltando a importância do projeto da escrita no processo de preservação da história de um povo.

Como importante forma de sobrevivência das línguas na cultura mundial, já que permite uma duração no tempo e no espaço da palavra falada, a escrita vai pouco a pouco interferindo na relação língua e cultura Guarani, exigindo novas atenções, como a que envolve a própria escolha sobre a forma de se escrever uma palavra nas diferentes variedades.

7.8.1 Escrevendo e Instrumentalizando a Língua Guarani Mbya

A Língua Guarani Mbya conta com um vocabulário básico de aproximadamente 2.500 verbetes e subverbetes, baseado na variedade falada no Estado do Paraná e que contém notas sobre aspectos gramaticais e alguns dados sobre pronúncia e grafia (MARTINS, 2004). Robert Dooley é o autor do dicionário bilíngue intitulado *Léxico Guarani dialeto Mbyá*, do Summer Institute of Lingüistics (1998)[18]. Tal obra conta

[18] Estão disponíveis versões posteriores deste trabalho. Vale citar Dooley, Robert A. 2006. *Léxico Guarani, dialeto Mbyá com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa lingüística.* Cuiabá, MT: Sociedade Internacional de Lingüística. 143, 206p. Disponível em: http://www.sil.org/americas/brasil/SILbpub.html

com acréscimos do dialeto Nhandéva e outros subfalares do sul do Brasil, como do litoral de São Paulo e do Rio de Janeiro. Esse trabalho é fruto da pesquisa de campo desse autor no Estado do Paraná. O dicionário é apresentado sob duas versões: uma técnica, voltada para o mundo acadêmico, e outra, com a finalidade de auxiliar estudantes, que contou com o apoio do MEC. Ambas as variações podem ser usadas por falantes do Português que queiram conhecer o Guarani. Na versão para fins acadêmicos, os exemplos ilustrativos e as palavras são citados na ortografia atualmente utilizada pelos Guarani Mbya, não sendo representados por símbolos fonêmicos ou fonéticos. Dooley (1998) proporciona em sua obra lexical o acesso tanto à forma escrita comum quanto aos modelos para transcrições fonológicas e fonéticas. Há no dicionário uma breve descrição sobre a fonologia Guarani relacionada à sua representação ortográfica, incluindo a influência da Língua Portuguesa sobre a ortografia e a ordem alfabética. Em 1998, Dooley (1998) contabilizou quinze fonemas consoantes e seis vogais para o Guarani Mbya.

7.8.2 O Sistema Gráfico

De acordo com Dooley (1998), o alfabeto da Língua Guarani é composto das vogais: A, O, E, I, U, Y (som gutural), que podem ser orais e nasais; e das consoantes P, T, K (no lugar de ca, co, cu, que, qui), J (som j e dj), R (sempre fraco), X (som x, tch, ch, ts), V (som v ou u conforme a sílaba), G, GÜ. Nasais: MB, M, ND, N, NG, NH (do Português), Ñ (do Espanhol). São eventualmente utilizados o Ç ou SS.

7.9 Os Funcionamentos da Escrita da Língua Guarani nas Comunidades Inventariadas

A proficiência em leitura e escrita da Língua Guarani Mbya pelos entrevistados foi descrita no capítulo sobre Demografia, quando observamos que em aproximadamente metade das aldeias inventariadas mais de 50% dos entrevistados afirmaram saber ler e escrever. Entretanto, as análises mostram também que é na tradição oral e nos ensinamentos cotidianos, estruturados pela convivência com os parentes de várias comunidades e pela projeção de uma visão de mundo particular, que a Língua Guarani Mbya se consolida historicamente. Por

isso, cabe perguntar: como e onde funciona a Língua Guarani Mbya em sua modalidede escrita? Como e onde se aprende a escrever? O que motiva sua aprendizagem?

Para responder a essas indagações sobre o funcionamento da escrita da Língua Guarani, buscamos observar, por um lado, se a Língua Guarani é instrumentalizada nos processos de alfabetização, como e onde circula e, por outro, como são aprendidas ou adquiridas as habilidades de leitura e de escrita e quais motivações os falantes expressam para essa aprendizagem.

7.9.1 A Escrita da Língua no Espaço Escolar

Nas comunidades com instituição escolar bilíngue (35), percebemos o predomínio do uso do Guarani Mbya como Língua de alfabetização, sendo utilizada desde a primeira série[19] em 32 escolas, correspondendo a 91% das comunidades que contam com essa instituição de ensino. Por outro lado, em três escolas bilíngues, as crianças são alfabetizadas em Português e somente depois elas têm contato com a escrita e a leitura em sua língua materna. Nesse caso, a modalidade gráfica do Português é proposta como base para a aquisição da outra língua, que é o Guarani Mbya, atribuindo valor secundário a esta, ainda que seja a língua materna das crianças. Outras quatro escolas declararam não ensinar a Língua Guarani Mbya.

A Tabela 35 sistematiza as respostas dadas.

Tabela 35 – A Escrita da Língua Guarani Mbya nas Escolas

A Escrita da Língua Guarani Mbya nas Escolas	Ocorrências	%
Não sabe	1	2,5
Não é ensinada	4	10
Para alfabetizar, já na Primeira Série	32	80
Só depois que a criança aprendeu o Português	3	7,5
Total Geral	**40**	**100**

Fonte: Dados primários

[19] O Inventário foi realizado antes da institucionalização do ensino fundamental de nove anos no Brasil. Atualmente, essa série corresponderia ao 1° ano.

7.9.2 A Aprendizagem da Escrita e da Leitura da Língua Guarani Mbya

A forma predominante de aprendizagem da modalidade escrita da Língua Guarani Mbya é pela escola (52%). Entretanto, será também muito frequente (20%) a aprendizagem da escrita com o auxílio dos pais ou então por conta própria (17%). Esses dados sinalizam formas específicas de os Guarani transmitirem conhecimentos, mesmo aqueles ditos escolarizados, reforçando a necessidade de um ensino, de fato, diferenciado.

Gráfico 18 – Forma de Aquisição da Escrita e da Leitura na Língua Guarani Mbya

Fonte: Dados primários

7.9.3 Os Motivos para Aprender a Escrita e a Leitura da Língua

A afetividade com a própria Língua Guarani Mbya, mostrada em enunciados como "porque gosto da língua", foi a maior causa declarada para o aprendizado da leitura e escrita. Em segundo lugar, a importância da escrita da Língua foi relacionada a motivações instrumentais para o trabalho ou a ajudar na comunidade. Outra motivação apresentada foi a comunicação com a FUNAI e Funasa, com parentes distantes ou com a comunidade Guarani.

A escola surge, no panorama das atitudes, como um imperativo ao desenvolvimento da leitura e da escrita na língua. As motivações enunciadas, em seu conjunto para aprendizagem da escrita e da leitura em Guarani, são: "A gente nasceu aprendendo já"; Ajudar na comunidade;

Comunicação com a comunidade Guarani; Comunicação com FUNAI/ Funasa; Comunicação com parentes distantes; Considera importante para o trabalho/para o futuro; Cultura; Documentos; Para ensinar; Escola pede; Para falar com políticos; Gosta da Língua; Não tem motivo; Participar na *Opy*; Traduzir; e Viagens. Em seu conjunto, as respostas dadas explicitam uma atitude positiva em relação à escrita da Língua.

7.10 A Escrita e o Bilinguismo no Território Linguístico Guarani Mbya

Para abordagem da escrita e de seus usos nas comunidades inventariadas, é necessário considerar a situação de bilinguismo Guarani/ Português que as caracteriza. Essas duas línguas, como mostramos, são de domínio de praticamente a totalidade dos entrevistados, mas parecem cumprir funções distintas, sobretudo quando se considera a escrita.

7.10.1 Guarani Mbya e Português: em Casa, na Escola, no Trabalho

Nas comunidades inventariadas, a Língua Guarani não é escrita por quase metade da população. Quando escrita, a língua possui baixa inserção social, prevalecendo o uso doméstico em 73,6% dos casos. Outros âmbitos em que se registra a escrita em Guarani foram na escola e no trabalho, locais que contabilizaram 2% e 22,8% das respostas válidas, respectivamente.

Gráfico 19 – Principais Âmbitos de Escrita da Língua Guarani

Fonte: Dados primários

Gráfico 20 – Principais Âmbitos de Escrita da Língua Portuguesa

Fonte: Dados primários

Em uma comparação com os âmbitos declarados de escrita na Língua Portuguesa, percebemos que, enquanto o Guarani é mais usado na escola do que no trabalho, o Português é utilizado mais no trabalho do que na escola.

Além disso, notamos que, embora o percentual de uso do Português na escola seja menor do que o percentual de uso da mesma língua em âmbitos profissionais, o percentual de uso da Língua Portuguesa no âmbito escolar é maior do que o percentual de uso do Guarani em meio escolar. Isso sinaliza a necessidade de um reenquadramento da Língua Guarani Mbya em relação à educação escolar indígena. A educação escolar, ainda que seja intercultural e bilíngue, é sempre exógena a uma comunidade tradicionalmente oral.

Outros usos da escrita da Língua Portuguesa pelos Guarani contaram com 0,1% das respostas e relacionam-se, principalmente, às comunicações, à educação e à saúde. Assim, âmbitos que envolvem a tecnologia da comunicação também foram citados no que se refere à Língua Portuguesa. Além do *e-mail*, os entrevistados citaram também o SMS (mensagem de texto enviada pelo celular) entre os âmbitos de uso da escrita em Língua Portuguesa pelos Guarani.

O baixo acesso da língua indígena na Educação Superior transpareceu na questão sobre os âmbitos de uso de cada língua, uma vez que respostas como "na faculdade" e "na universidade" somente constaram entre os âmbitos de uso da escrita em Língua Portuguesa, não tendo aparecido nos usos feitos da escrita em Língua Guarani. Ressaltamos que a resposta "no curso de magistério indígena" apareceu igualmente nos âmbitos de escrita em ambas as línguas.

Quanto à saúde, a resposta "para marcar acompanhamento dos pacientes", presente nos âmbitos de escrita da Língua Portuguesa pelos Guarani, mas não nos âmbitos da Língua Guarani, denuncia também uma

possível posição favorecida da Língua Portuguesa em comparação com a Língua Guarani, embora nos âmbitos das duas línguas conste a resposta "no trabalho como agente de saúde".

Embora a escrita de documentos tenha sido citada nos âmbitos de uso das duas línguas, o contato com instituições governamentais somente se fez presente nos âmbitos referentes à Língua Portuguesa. Assim, respostas como "em documentos da FUNAI", "em visitas da Funasa" e o pouco específico "governo" somente foram registradas no que se refere aos usos de escrita da Língua Portuguesa pelos Guarani.

As respostas "quando não entende para não esquecer" e "quando sai anota bilhetes para não esquecer" também foram registradas, assim como em Guarani, para os âmbitos de escrita da Língua Portuguesa.

Com pouca representatividade percentual, mas altamente intrigante, há a resposta "escreve mais em Guarani" entre as dadas sobre os usos que os Guarani fazem da escrita em Língua Portuguesa. Outra resposta curiosa para esses âmbitos relaciona-se ao contato mercadológico com não indígenas: "nomes e preços dos artesanatos".

7.11 Literatura Escrita: a Circulação dos Textos Escritos na Língua Guarani

Além do uso na alfabetização e na educação escolar, a escrita de línguas variadas circula em aparelhos tecnológicos como celular; nas transmissões e recebimento de mensagens de texto pela internet (quando há acesso) e nas buscas e *downloads* de música, preferência comum entre os adolescentes.

Segundo a declaração dos entrevistados pelo ILG, os textos mais lidos na língua são: livros e material escolar. Textos de computador/internet, jornais, cartas, Bíblia e documentos também se caracterizam como formas bastante citadas de circulação da Língua Guarani dentro das aldeias. Outras formas incluem dicionários, letras de música, folhetos religiosos, materiais fornecidos em encontros indígenas e poemas.

Uma análise contrastiva entre as formas de circulação de textos escritos em Guarani e textos escritos em Português permite a constatação da existência de pelo menos nove âmbitos em que circulam textos em ambas as línguas. Nesses âmbitos, **os textos em Português predominam em sete deles: livros, material escolar, textos no computador/internet, jornal, carta, documentos e dicionários.**

A predominância da escrita em Língua Portuguesa é previsível, dado que esse idioma possui maior longevidade na tradição escrita, além de ser a língua oficial nacional. Contudo, tal preponderância nas aldeias Guarani também alerta para a necessidade de uma política linguística que cada vez mais valorize, preserve e difunda sua própria língua. Essa exclusão das línguas indígenas do nível oficial demonstra ainda a necessidade de ampliação de políticas linguísticas de co-oficialização de línguas minoritárias no País, uma vez que a circulação de textos referentes à legislação apenas foi mencionada pelos entrevistados referindo-se a textos em Português, não em Guarani, como se pode notar no Quadro 8, que lista todas as categorias de respostas oferecidas pelos falantes sobre os textos lidos em Língua Portuguesa.

A exclusividade à Língua Portuguesa de certas formas de circulação de textos escritos se fez notar também, como já denunciado pelos dados relativos aos usos da escrita, na área da saúde, com a resposta "bula de remédio".

Se os âmbitos e maneiras de circulação de textos escritos são mais amplos em Língua Portuguesa do que em Língua Guarani dentro das próprias aldeias, e se a crescente escolarização das aldeias (cuja maior demanda é por escolas) tende a aumentar (com o aumento de proficientes das habilidades de escrita e leitura) ainda mais a circulação de textos escritos, é preciso que a constatação de tal realidade demonstrada pelo ILG, que objetiva, primeiramente, o reconhecimento da diversidade linguística nacional, incite a proposição de políticas públicas que visem à manutenção e à promoção de tal diversidade.

Quadro 8 – Formas de Circulação dos Textos em Língua Portuguesa nas Aldeias Guarani

Tipos de Textos lidos em Português pelos Guarani

Bíblia	Livro de lendas	Bula de remédios
Livros	Carta	Mandar *e-mail*
Conta de luz	Material escolar	Dicionários
Material sobre medicina natural	Documentos	Notícias
Folhetos da igreja	O que é escrito no quadro na escola	História em quadrinhos (gibis)
Pedidos para trabalho	Histórias	Placas e letreiros
Jornais	Lê qualquer coisa / O que tiver disponível	Poema
Revista	Legenda de filmes	Revistas
Legislação	Shakespeare	Leis
Textos	Letras de músicas	Textos de computador/internet

Fonte: Dados primários

7.11.1 Os Textos Escritos que circulam em Locais Públicos

Nas escolas pesquisadas foram encontrados cartazes expostos nas paredes com conteúdos que estão sendo trabalhados em sala de aula, como as letras do alfabeto ou assuntos do cotidiano da aldeia, tais como tipos de plantas e espécies de animais. Uma particularidade percebida foi que cartazes são, em maioria, escritos em Língua Portuguesa. Possivelmente, isso ocorre pelo fato de a escrita ser mais explorada pelos professores de Português em relação aos profes-sores de Língua Guarani.

Em algumas escolas pesquisadas foram encontrados textos em Língua Inglesa e Espanhola. Outra maneira de terem acesso a textos em outras línguas é no momento em que fazem os *downloads* de música, citados como preferência entre adolescentes, tratando-se, em muitos casos, de canções norte-americanas.

7.11.2 Os Textos Escritos que circulam na Escola

Os livros didáticos e de histórias encontrados nas escolas visitadas geralmente são em Português. Até mesmo o *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas* é mais utilizado por professores não indígenas, que geralmente são os que ensinam a Língua Portuguesa, justamente por estar escrito somente em Português, não existindo uma versão multilíngue. A existência de materiais didáticos na Língua Guarani Mbya foi registrada em aproximadamente metade das comunidades visitadas, sendo alta a percentagem de aldeias que não possuem tal recurso (31%).

CAPÍTULO 8

CIRCULAÇÃO DAS LÍNGUAS NAS ALDEIAS

8.1 Literatura Oral

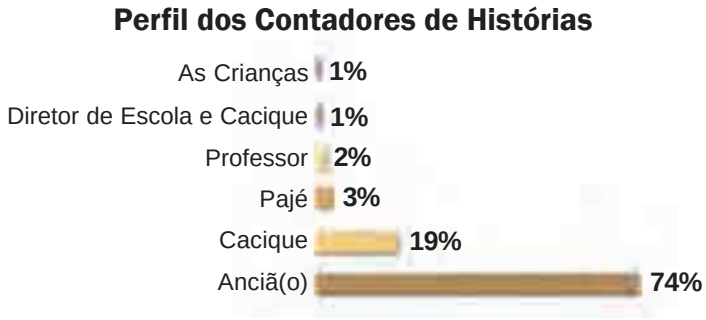
A literatura oral exerce uma importante função na manutenção da cultura de uma sociedade essencialmente de tradição oral, como a Guarani. As histórias sobre o próprio povo ocupam o universo infantil de 86% dos entrevistados nas aldeias visitadas.

Essas histórias sobre os valores, costumes, ancestrais, cosmogonia Guarani, entre outras, permanecem vivas na tradição Guarani, apresentando-se como um essencial instrumento de transmissão da arte e da cultura para as novas gerações. Assim, 71% dos colaboradores afirmaram terem contado as mesmas histórias que ouviram na infância para os descendentes. Por serem recontadas sempre na Língua Guarani Mbya, a literatura oral veiculada pelas histórias exerce também papel fundamental na manutenção linguística dessas comunidades.

Filmagem de História Guarani para ILG na Aldeia Arandu Verá (Mato Preto), em Getúlio Vargas – Rio Grande do Sul.

A literatura oral Guarani Mbya constitui a importante função dos contadores de histórias, responsáveis pela ritualização dos ensinamentos que uma história traz. O contador amplia e direciona o sentido simbólico – cultural, histórico e político – das narrativas e de seus elementos. Entre as comunidades inventariadas, em 78% delas encontramos contadores de histórias, 75% deles são anciões da aldeia.

Gráfico 21 – Perfil dos Contadores de Histórias



Fonte: Dados primários

As histórias versam sobre temas diversos, como: cosmogonia Guarani, natureza (animais, lua, sol, arco-íris), cultura Guarani, aspectos religiosos (*Nhanderu*, *Opy*), antepassados e conselhos. A lista com todos os gêneros citados pelos entrevistados nas aldeias Guarani está explicitada na Tabela 36.

Tabela 36 – Temas da Literatura Oral

Temas de Literatura Oral Guarani

Respostas	Ocorrências	Respostas	Ocorrências	Respostas	Ocorrências
Adivinhações	1	Nhanderu	2	Alimentação	3
Opy	3	Animais	22	Pesca	3
Antepassados	99	Plantas	5	Arco-íris	1
Povo Guarani	8	Caça	7	Presente	1
Coletividade	2	Religião	1	Colheita	1
Remédios	1	Conselhos	9	Rituais	1
Cultura Guarani	21	Sol	2	Festas	1
Surgimento do Mundo	7	Lua	3	Tempo	3
Mitos	11	Terra	1	Mundo	2
Trabalho	3	Namorados (Ojepota)	1	Vida	14
Natureza	5	Trabalhos com Grupo de Dança	1		

Fonte: Dados primários

Sobre os contextos ou as situações em que essas histórias são contadas, eles são variados e vão desde as mais cotidianas até em situações especiais, como festas. Quanto à frequência com que são contadas, teremos desde respostas pontuais, como "uma vez por semana" ou "uma vez por mês" ou então "de manhã e de noite", até respostas generalizantes do tipo "quando necessário" ou "aleatório".

Tabela 37 – Diferentes Usos da Literatura Oral

Quando as histórias são contadas?

Respostas	Ocorrências
Aleatório	36
À noite	27
Quando necessário	26
Em reuniões	21
De tarde	9
No cotidiano	7
Uma vez por semana	5
Uma vez por mês	4
De manhã	3
De manhã e de tarde	2
Durante as festas	1
Fim de semana	1
De manhã e à noite	1
Na Semana Cultural	1

Fonte: Dados primários

Pela diversidade dos temas, das situações e de momentos em que as histórias são contadas, reafirmamos a relevância social dessa prática linguística no cenário da tradição cultural do povo Guarani.

8.2 Literatura Escrita

A seguir, apresentamos uma lista de obras escritas que estão disponíveis nas comunidades Guarani inventariadas. A lista apresenta textos de variados gêneros produzidos por membros da comunidade linguística e também literatura produzida por escritores indígenas, apresentando, em sua maioria, a temática indígena.

A LENDA dos Queixados (Manoa). *Mitologia Indígena Brasileira*, episódio I. Nação Nhandewa Guarani. [s.l.]: [19_ _?].

ANTUNES, A. K. T. *Palavras do Xeramoi*. [s.l.]: [19_ _?].

AOKI, Virgínia (Org.). *Geografia:* 1ª Série do Ensino Fundamental. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2005. Projeto Pitanguá.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional da Saúde (FUNASA). *Kuaxias Pará Nhanderai Ijayua*. *Cartilha sobre os dentes dos Guaranis*. [s.l.]: [19_ _?]. (Saúde Indígena).

_____. Secretaria do Estado de Educação de São Paulo. Formação Intercultural Superior do Professor Indígena (FISPI). *Narrativas de Memória*: aldeias do Estado de São Paulo. Elaboração de A. S. Martins. São Paulo: FEUSP, 2010. 124p.

CASTRO, M. M. *O Pioneirismo de um Professor Indígena*: Marcílio, um artesão de ensino-aprendizagem. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção de Graduação ao Curso de Formação Intercultural Superior do Professor Indígena, Universidade de São Paulo, 2008.

DORNELES, M. do A. *et al* (Org.). *Ayvu anhetenguá*. Porto Alegre: UFRGS/ Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, 2005.

GEOGRAFIA: 1ª Série do Ensino Fundamental. 1. ed. São Paulo: Moderna (Org.), 2005. Projeto Pitanguá.

JAGUATAREÍ Nhemboé = *caminhando e aprendendo.* Comunidade Guarani-Mbya do Aguapeú. Comunidades construindo sua sustentabilidade. [s.l.]: [19_ _?]. Projetos demonstrativos 10 anos PDA.

MARTINS, E. O.; SILVA, A. *Língua Guarani:* o falar antigo e atual. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Secretaria de Estado da Educação. Formação Intercultural do Professor Indígena, 2008.

MODO de ser Guarani: Mbya Reko Regua. [s.l.]: 2009. Semana dos povos indígenas de 13 a 19 de abril de 2009.

MOREIRA, A. V. *IPARAYPY' IA alfabetizado em Guarani*. Viamão: [19_ _?].

MOREIRA, M. *As Danças Tradicionais Guarani-KUAA-MBO'E*. Biguaçu: [s.n.], 2009. Mimeografado.

OLIMPÍADA da Língua Portuguesa: exercendo o futuro, se bem me lembro. Memórias Literárias: caderno do professor. [s.l.]: [19_ _?]. (Coletânea de textos e CD-ROM).

OLIVEIRA, D. M. de; KARAI, J. R. (Org.). *Moa Ka´Aguy Nandevepegua* = o remédio do mato nos pertence. [s.l.]: [19_ _?].

OLIVEIRA, V. F. dos S. *Comentários sobre o Conteúdo dos Sites que Abordam Temáticas Sobre os Indígenas Guarani*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção de Graduação ao Curso de Formação Intercultural Superior do Professor Indígena, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

POTEI Oporai Va´ Eojepota Aguara = O Pajé que Virou Onça. São Paulo: Ubatuba, Aldeia Boa Vista, [19_ _?].

PROFESSORES Guaranis. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, Secretaria de Estado da Educação, Formação Intercultural do Professor Indígena. São Paulo: [s.n.], 2008.

REIS, M. A. de S. (Org.). *Kova' e ayvu aeja pave pe* = aqui eu quero deixar a minha palavra. Rio de Janeiro: Contraste, 2008.

RODRIGUES, L. C. K. *Massacre Indígena Guarani.* São Paulo: DCL, 2006.

SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural. Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI). *Caderno Bilíngue Mbya Reco*: Vida Guarani, Florianópolis, 2008.

SIQUEIRA, I. S.; RODRIGUES, L. de A. D. (Org.). *Educação Escolar em Contexto Bilíngue Intercultural:* Línguas indígenas e Língua portuguesa. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação de São Paulo/FEUSP, 2010a. 180p.

_____. *Omenda Va'e Ta'y E' Y Va' E*: o casal que não tinha filhos. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. São Paulo: FEUSP, 2010b.

_____. *Vocabulário Bilíngue: Guarani-Português*, Português-Guarani. Secretaria da Educação: Formação Intercultural Superior do Professor Indígena - FISPI. Aldeias do Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação de São Paulo/FEUSP, 2010c. 196p.

_____. *Yma guare: yy ha'e ita* = História Antiga: a água e a pedra. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação de São Paulo/FEUSP, 2010d.

UM Caminho do Meio: da proposta à integração. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Formação Magistério Indígena. São Paulo: SE, 2003.

VERÍSSIMO, A. T. (Org.). *Opa mba' e re nhanhembo' e água*. Paraná: Nhombo´ea Guarani; Associação do Mundo Indígena, 2002.

8.3 Produção Audiovisual

Nas aldeias inventariadas, o ILG registrou as obras audiovisuais produzidas tanto sobre o povo Guarani quanto pelos próprios Guarani Mbya. A lista a seguir apresenta as respostas dadas pelos colaboradores às questões sobre a existência de obras audiovisuais. Questionados sobre que filmes conhecem, os entrevistados, algumas vezes, elencaram nomes de filmes e, outras vezes, seus temas. No Quadro 9, apresentamos todas as respostas:

Quadro 9 – Lista de Filmes, Temas e outras Respostas Dadas pelos Entrevistados Acerca de Audiovisuais Produzidos por/sobre o Povo Guarani

Respostas Dadas à Questão Acerca da Existência de Filmes sobre os Guarani/Produzidos por Guarani
A Missão
Alunos da própria escola (aldeia Estiva) que fizeram
Argentina e Paraguai
Às vezes vem alguém filmar a terra...
Asas da Liberdade (Aldeia de Biguaçu)
Bicho do Mato (Novela - Record)
Carlos Papa - Queixada
Como a noite apareceu
Da aldeia de Rio Silveira sobre Nimongarai e da aldeia de Imaruí
Dança e Canto Guarani (não lembra o título)
De aldeias do estado de São Paulo
Documentários - A Missão - Foz do Iguaçu
Dos Guarani de Diamante d'Oeste
Duas aldeias e uma caminhada
Em todos os anteriores, houve a participação do entrevistado José Benite
Escola da própria aldeia (Mato Preto) que fez
Feito no Amazonas
Feito no Paraguay
Filme Cantos do Vale
Filme educativo que se encontra na Secretaria de Educação de Florianópolis
Filme feito na aldeia Mato Preto (Getúlio Vargas)
Filme que foi feito por Leonardo Vera Tupã, que trabalha na FUNAI de Palhoça
Grupo coral
Guerreiro da Liberdade
História do Petyngua
História do Povo Guarani (projeto da escola)

Índio Brasil - Dourados
Jakuaterei Nhamboe - na aldeia mesmo
Jesus
Kaiowá
Kuaray Mirim
Manoa - transformações
Maralha - feito no Rio de Janeiro
Marco Pisk sobre caminho de Peabiru
Mbyareko, mano ar (feito em Morro dos Cavalos e Massiambu)
Mocoy
Na aldeia Piraque-açu
Nhande reko arandu - Memória Viva Guarani
Nhanderu ra'y
O Guerreiro da Liberdade
Os seres da ata e sua vida como pessoa
Os Guerreiros, Caminho Sagrado
Outras Etnias
Primo, em Rio Silveira, fez filme sobre o surgimento da lua
RJ - Sapucaí
Sobre a luta indígena, sobre a terra (não lembra os nomes)
Sobre a própria aldeia (Itaxi-Mirim) - do CTI - época de plantio e batismo
Sobre aldeia de SC
Sobre guerra contra espanhóis e portugueses
Sobre Mamanguá - (não lembra o nome)
Sobre nossa aldeia (Itamarã) - Não lembra o nome
Sobre Sepé Tiarajú
SP e PR - entrevistas
Teko Arandú
Terra dos Índios
Terra Sagrada - Yymaray
Terra Vermelha
Teru Marai
Um sobre diversas aldeias
Um sobre várias etnias indígenas
Vida Guarani (parceria com a EPAGRI)
Vídeo Índio Brasil (outras etnias)
Xingu (Mato Preto)
Yguy Pá - Território Guarani - Timóteo
Zezé Di Camargo canta Guarani Paraguaio

Fonte: Dados primários

CAPÍTULO 9

DA LÍNGUA AOS USOS DO MUNDO: UM VARIADO CAMPO DE ESTUDOS

Neste capítulo, apresentamos um levantamento sobre produções elaboradas tanto sobre a Língua Guarani quanto sobre outros aspectos culturais desse numeroso povo da América do Sul.

Sobre o estudo linguístico da Língua Guarani, sabemos que começou há muito tempo. Atribui-se a primeira gramática do Guarani ao padre Montoya, que publicou a famosa trilogia *Tesoro de la lengua Guarani*, *Arte y Bocabulario de la lengua Guarani* e *Catecisme de la lengua Guarani*, entre 1639 e 1640. Depois dessa data, numerosos trabalhos foram feitos sobre o Guarani paraguaio. No entanto, como menciona Martins (2003), o Mbya, o Nhandeva e o Kaiowa são ainda pouco estudados, exceto pelos trabalhos de Cadogan, Dooley, Vieira ou Guedes. Além disso, o Guarani Mbya é considerado bem conservado, mantendo-se longe das influências do Português e do Espanhol, com uma morfologia complexa e uma sintaxe bastante livre.

Para efetuar o trabalho de levantamento bibliográfico sobre a Língua Guarani, realizamos pesquisas em acervos e bases de dados. Entre as obras que consultamos estão, por exemplo, o dicionário de Alain Fabre. Esta obra oferece boa visão da distribuição geográfica dos Guarani Mbya e apresenta bibliografia significativa sobre esse grupo e sua língua. Os dados foram depois ordenados, a partir da metodologia geral do ILG.

Essa ordenação nos permite entender a situação atual dos Guarani Mbya, o lugar da língua na vida deles. Por isso, decidimos colocar alguns textos complementares de áreas diferentes da de Linguística, a fim de perceber o quadro geral dos indivíduos que a falam.

A Parte I apresenta obras sobre a distribuição espacial dos Guarani Mbya, que auxiliam na obtenção de uma visão precisa acerca da área linguística ocupada por eles, das noções de territorialidade, de migrações

Crianças brincando na Aldeia Ximboy (Orenau), em Santa Maria – Rio Grande do Sul.

ou de sustentabilidade. Optamos por juntar essas categorias por causa da importância capital do lugar para os Guarani Mbya. "Sem *tekoá*, não há *teko*": "Sem terra, não há cultura".

A Parte II mostra as obras sobre os usos da língua na sociedade. Essas obras abrangem temas, como a maneira de nomear e a transmissão do saber pela língua. É possível, com a leitura de tais obras, apreender sobre o lugar da língua para os Guarani e como ela é por eles definida. Esse novo olhar linguístico próprio dos Guarani permite compreender a importância da preservação de uma língua para a qual "*ayvu*" designa ao mesmo tempo "palavra" e "alma".

A Parte III apresenta obras sobre as relações entre língua, saúde e educação. Em relação à saúde, nas obras indicadas, pode-se verificar as reações linguísticas em diferentes casos de saúde e o atendimento em saúde na Língua Guarani Mbya. Essa parte ainda expõe os estudos sobre o bilinguismo nas escolas Guarani Mbya e sobre a formação dos professores.

A Parte IV repertoria a literatura oral, escrita e digital. A parte da mitologia é primordial, nesse caso, por causa da visão da fala na gênese dos humanos, segundo os Mbya. Além disso, a parte escrita e digital mostra o esforço que fazem os Mbya para divulgar a sua cultura.

A Parte V concerne à rica produção audiovisual em histórias, mitos ou canções em CDs ou DVDs.

A Parte VI se refere aos estudos linguísticos, em forma de dicionários, gramáticas, estudos de morfologia, sintaxe, fonologia e política linguística.

Enfim, a Parte VII permite entender a cultura Guarani Mbya de um ponto de vista mais amplo, graças a alguns estudos etnográficos e antropólogos.

9.1 Distribuição Geográfica e Território, Estudos Etnográficos

Distribuição Geográfica

ALDEIAS Guarani-Mbyá na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio RG, 2006. 77p. il. *color*. Exposição na Caixa Cultural São Paulo, set./nov. 2006. Edição trilíngue português/guarani/inglês.

CTI – CENTRO DE TRABALHO INDÍGENA. *Práticas de subsistência e condições de sustentabilidade das comunidades Guarani na Mata Atlântica.* 1998. Disponível em: <http://www.trabalhoindigenista.org.br/papers.asp__ 2004>. Acesso em: 20 maio 2011.

_____. *Terras Guarani no litoral*. 2004. Disponível em: <http://www.trabalhoindigenista.org.br/livro_guarani/Terras_Guarani_no_Litoral.htm>. Acesso em: 20 maio 2011.

_____. *Mapa Retã*. 2008. Disponível em: <http://www.trabalhoindigenista.org.br/docs/guarani_mapa_final_241108.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

Relação com a Terra

DARELLA, M. D. P. *Os Guarani-Mbyá da Grande Florianópolis*: movimento, subsistência, terras, vida, luta e perspectivas. Ponencia a la 3ª Reunião Especial da SBPC/UFSC. Florianópolis: UFSC, 1996.

_____. *"Ore roipota yvy porã".* Índios Guarani, terras, meio ambiente e cultura no litoral de Santa Catarina. Proposta de pesquisa apresentada ao PEPG-Ciências Sociais, PUC/SP. (Não publicado).

DIAZ MARTINEZ, N. La migración Mbyá (Guaraní). São Paulo, *Dédalo*, n. 24, p. 147-169, 1985.

FARIAS, M. D. H. *Sobre a necessidade de terras para os índios Guarani do litoral de Santa Catarina:* estudo a partir do caso Massiambu. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção de Graduação ao Curso de Ciências Sociais – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

GARLET, I. J. *Mobilidade Mbyá:* história e significado. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

_____; ASSIS, Valéria. Diagnóstico da população Mbyá-Guarani no sul do Brasil. *Cadernos do COMIN*, São Leopoldo, n. 7, 1999.

LADEIRA, M. I. Mbyá tekoá, o nosso lugar. *São Paulo em perspectiva*, São Paulo, 3:4. São Paulo: Fundação Seade, 1989.

_____. *Espaço Mbyá entre as águas ou caminho aos céus. Os Índios Guarani e as Ilhas do Paraná.* Curitiba: CTI, 1990.

_____. *Aldeias Guarani do litoral de Santa Catarina.* São Paulo: CTI, 1991.

_____. *O caminhar sob a luz: o território Mbyá à beira do oceano.* São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1992. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, na Pontifícia Universidade Católica, 1992.

_____. *Os Índios Guarani-Mbyá e o complexo lagunar estuarino de Iguape.* São Paulo: CTI, 1994. Disponível em: <http://www.trabalhoindigenista.org.br/papers.asp>. Acesso em: 20 maio 2011.

_____. Migrações Guarani-Mbyá. Travessia. *Revista do Migrante*, São Paulo, IX:24, 1996.

_____. *Relatório de viagem a aldeias Guarani-Mbyá da Argentina e do Paraguai.* São Paulo: CTI, 1997a.

_____. *O uso das terras e das águas.* Seminário "Tolerância". São Paulo: UNESCO/USP, 1997b.

_____ (Ed.). *Práticas de subsistência e condições de sustentabilidade das comunidades Guarani na Mata Atlântica.* São Paulo: CTI, 1998.

_____. Yvy marãey. Renovar o eterno. *SA*, Asunción, 34:2, p. 81-100, 1999a.

_____. (Ed.). *Relatório de eleição da área a ser destinada pela TBG aos Índios Mbyá-Guarani do litoral do Estado de Santa Catarina.* Florianópolis: [s.n.], 1999b.

_____. *Espaço geográfico Guarani-Mbyá:* significado, constituição e uso. São Paulo: FFLCH/ USP, 2001a. (Tese de Doutorado em Geografia Humana).

_____. *Relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Morro dos Cavalos-SC.* Brasília: FUNAI, 2001b.

_____. Terras indígenas e unidades de conservação na Mata Atlântica – áreas protegidas? *Marandú. Revista Eletrônica do Centro de Trabalho Indigenista (CTI)*, ano I, n. 2, 2004. Disponível em: <http://www. trabalho indigenista.org.br/revista_marandu.asp>. Acesso em: 20 maio 2011.

_____; AZANHA, Gilberto. *Os Índios da Serra do Mar:* a presença Mbyá-Guarani em São Paulo. São Paulo: CTI-Nova Stella, 1988.

MARTINEZ, M. R.; CRIVOS, Marta; TEVES, Laura. *Dueños, intrusos e intermediarios.* El reclamo de tierras entre los Mbyá-Guaraní (Valle de Cuñapirú, Misiones, Argentina). Disponível em: <http://www.eh.net/XVIIICongress/Papers/Martinez.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

_____; _____; REMORINI, C. Etnografía de la vejez en comunidades Mbyá-guaraní, provincia de Misiones, Argentina. In: GUERCI, Antônio (Ed.). *Vivere e curare la vecchiaia nel mondo.* (No prelo).

PISSOLATO, E. Mobilidade, Multilocalidade, Organização Social e Cosmologia: a Experiência de Grupos Mbya-Guarani no Sudeste Brasileiro.

Tellus, Campo Grande: Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas (NEPPI). Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), v. 4, n. 6, p. 65-78. Disponível em: <ftp://neppi.ucdb.br/pub/tellus/tellus6/TL6_pissolato.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

QUEZADA, Sérgio Eduardo C. *A terra de Nhanderu:* organização sociopolítica e processos de ocupação territorial dos Mbyá-guarani em Santa Catarina, Brasil. 2007. 165 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PASO0185.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

REMORINI, C. Caminar a través del monte. Una aproximación a la movilidad Mbyá en el pasado y en el presente. *Publicación Especial de las II Jornadas sobre Poblamiento, Colonización e Inmigración en Misiones*. Posadas: Ediciones Montoya, 2001.

SANTOS, C. A. B. P. dos. *A atuação da FUNAI no processo de regularização das terras Guarani-Mbyá*. *Terras Indígenas e Unidades de Conservação da Natureza*, São Paulo, ISA, p. 227-232, 2004. Número de chamada: 504.05 T324.

SILVA, E. M. da. *Folhas ao vento:* a micromobilidade de grupos Mbya e Nhandéva (Guarani) na Tríplice Fronteira, 2007. Disponível em: <http://teses.ufrj.br/PPGAS_D/EvaldoMendesDaSilva.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

Distribuição Geográfica e Contato Linguístico

PIRES, M. L. M. *Guaraní e Kaingang no Paraná:* um estudo de relações intertribais. Brasília: UnB, 1975. 167p. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, na Universidade de Brasília, 1975.

9.2 Usos da Língua na Sociedade

CHAMORRO ARGUELLO, G. C. O rito de nominação numa aldeia mbyá-guarani do Paraná. *Diálogos*, Maringá, v. 2, n. 2, p. 201-216, 1998. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol02_atg9.htm>. Acesso em: 20 maio 2011.

DOOLEY, R. A. Componentes semânticos na terminologia de parentesco Guarani. *Arquivos de anatomia e antropologia*, Rio de Janeiro, v. IV-V, 299-305. Rio de Janeiro: Instituto de Antropologia Professor Souza Marques, 1979/1980.

HIRSCH, S. M.; ALBERICO, Angélica. El don de la palabra. Un acercamiento al arte verbal de los Guaraní de Bolivia y Argentina. *Anthropos*: Fribourg, n. 91, p. 125-137, 1996.

MORDO, C. *El cesto y el arco:* metáforas de la estética Mbyá-Guaraní. Asunción: CEADUC, 2000.

NETTO, W. F. A transmissão de conhecimento entre os Guarani do Ribeirão Silveira. *Terra Indígena*, n. 73, p. 7-28, 1995. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/WFNetto03_EducInd03.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

OLIVEIRA, V. L. de. *Mba´e Vyky: o que a gente faz – cotidiano e cosmologia Guarani-Mbyá*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. 189 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFSC/PPGSA/UFRJ), Rio de Janeiro, 2002.

_____. *Aecha ra'u: vi em sonho.* História e memória Guarani-Mbyá. *Tellus*, Campo Grande, v. 4, n. 7, p. 59-72, 2004.

9.3 Língua, Saúde e Educação

Saúde

FERREIRA, L. O. O Impacto do Uso Abusivo de Bebidas Alcoólicas sobre a Pessoa Mbyá-Guarani. *Tellus*, Campo Grande: UCDB, v. 2, 2002.

_____. A Pessoa Mbyá-Guarani e a Emergência da Cultura do Beber: Causas e Consequências do Uso Abusivo de Bebidas Alcoólicas entre os Mbyá-Guarani no RS. Comunidade Virtual de Antropologia. [s.l.]: [s.n.], 2003.

_____. As "boas palavras" dos Xondaro Marãgatu como alternativa para a redução do consumo de bebidas alcoólicas entre os Mbyá-Guarani-RS. *Tellus*, Campo Grande, ano 4, n. 7, 2004.

_____; COLOMA, C. Approche intraculturelle destinée à réduire les

dommages liés à la dépendance à l'alcool chez les Mbyá-Guarani du Rio Grande do Sul, au Brésil. *Drogues*, Santé et Société, v. 4, p. 175-216, 2005.

GARLET, I. J. *Rojogueroayvu mba' achy rekópe orekua iva'e Rio Grande pygua mba-guaranikuéri.* Discussões sobre a situação de saúde entre os Mbyá-Guarani no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: [s.n.], 1998.

PELLON, L. H. C. *Tensões interculturais e os impactos no processo saúde doença na população Guarani-Mbyá do município de Aracruz, Espírito Santo.* Rio de Janeiro: UniRio, 2008. 243p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Educação

BARROS, A. M. de. A escola diferenciada indígena e a formação dos professores Guarani-Mbyá no Estado do Rio de Janeiro. *Teias* – Revista da Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, n. 3, p. 121-131, jun. 2001.

_____; VENTRES, Wayza. Temporalidade e memória indígena; desafios na formação de professores guarani-mbyá para a escola diferenciada. *Tellus*, Campo Grande, v. 2, n. 3, p. 109-123, out. 2002.

BORGES, P. Ymá, ano 1500: escolarização e historicidade Guarani-Mbyá na aldeia de Sapukai. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

CEBOLLA BADIE, M. *Docentes y niños: Jurua kuery e indios:* breve reseña sobre la situación de las escuelas aborígenes bilingües-biculturales en la provincia de Misiones. *Revista de Antropología Iberoamericana*, Argentina, n. 41, maio/jun. 2005.

ECKHART, Jan-Arthur Bruno. *Apontamentos sobre o aprendizado em escolas Guarani-Mbyá*. São Paulo: [s.n.], 2009.

FREIRE, J. R. B. Maino'e Axi já: esboço do mapa da Educação Indígena no Rio de Janeiro. In: RIO DE JANEIRO (Cidade). *Desafios da Educação Municipal*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2003, p. 406-422.

MAHER, T. de J. M. *Já que é preciso falar com os doutores de Brasília.* Subsídios para o planejamento de um curso de Português oral em contexto indígena. 1990. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1990.

NOBRE, Domingos; VASCONCELLOS, Vera M. R. de; D'ANGELIS, Wilmar R. *Childhood & Indian´s School:* a brief look at the Intercultural and Bilingual School for a Mbyá Guarani community in the State of Rio de Janeiro. Como. Itália: [s.n.], 2004. Texto apresentado no Bellagio Study e Conference Centre Bellagio At Lake.

_____. *Escola Indígena Guarani no Rio de Janeiro na Perspectiva da Autonomia:* sistematização de uma experiência de formação continuada. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação (UFF), Niterói, 2005.

_____. *Os Guarani-Mbyá do Rio de Janeiro:* entre a casa de reza e a escola. Brasília: [s.n.], 2007. Texto apresentado no II Encontro Internacional sobre Línguas e Culturas dos Povos Tupi, promovido pelo LALI – Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da UnB.

_____. *Poderá Existir uma Pedagogia Escolar Indígena Guarani Eté?* Rio de Janeiro: [s.n.], 2008. Artigo apresentado no II Colóquio Práticas de Ensino e Formação de Professores da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

SÁNCHEZ, A. Quadrelli. Ejapo letra Para'i. Educación, escuela y alfabetización en la población indígena de la provincia de Misiones 1997. 2003. (Não publicado).

SILVA, M. Educação e linguagem segundo os Guarani-Mbyá. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 4, p. 143-154, 1990.

9.4 Literatura Oral, Escrita e Digital

Literatura Oral

BORGES, L. C. *A fala instituinte do discurso mítico Guarani-Mbyá*. 1999. 475 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. *O discurso religioso Guarani-Mbyá*. 1999. Disponível em: <http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2nac_sum.html>. Acesso em: 20 maio 2011. Anais do 2º Congresso Nacional da ABRALIN, 1999.

CADOGAN, L. *Ayvu rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, São Paulo, n. 227, p. 5-217, 1959. (Série Antropologia)

_____. Mitología en la zona guaraní. *América Indígena*, México, ano XI, n. 3, p. 195-207, 1951.

_____. Arandú porä va'é Jakairá gui. BSCP I. *Etnografia*, Asunción, n. 2, p. 41-62. Asunción: MEAB, 1957.

_____. Ayvu Rapyta. Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. [s.l.: s.n.], 1959.

___. Un texto mítico de los Mbyá-Guaraní del Guairá. *Revista de la Universidad de México*, México, ano XIX, n. 5, p. 21-22, 1965.

_____; AUSTIN, A. López. *La literatura de los guaraníes.* México: Editorial Joaquín Mortiz, 1965.

_____. Ñane Ramói Jusú Papá Ñengareté. *SARAP*, Asunción, n. 3, p. 1-2, 1968.

_____. Ywyrá Ñe'ery, fluye el árbol de la palabra. *SARAP*, Asunción, n. 5, p. 7-113, 1970.

_____. *Ywyra ñe'ery: fluye el árbol de la palabra.* Asunción: CEADUC, 1971.

_____. *Ayvu Rapyta:* textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. Asunción: CEADUC, 1992.

CLASTRES, P. *A fala sagrada*: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. Campinas: Papirus, 1990.

_____. *Le grand parler. Mythes et chants sacrés des Indiens Guarani.* París: Éditions du Seuil, 1974.

CHAMORRO, G. La restitución de la palabra. *SA*, Asunción, v. 34, n. 2, p. 101-121, 1999a.

_____. Os Guarani: sua trajetória e seu modo de ser. *Cadernos do Comin*, n. 8, 1999b.

_____. La buena palabra. Experiencias y reflexiones religiosas de los grupos guaraníes. *Revista de Indias*, Espanha, v. LXIV, n. 230, p. 117-140, 2004.

CRIVOS, M.; MARTINEZ, María Rosa. *Historias culturales* – historias naturales. Movilidad y paisaje en la narrativa Mbyá-Guaraní. Estambul: [s.n.], 2000. Proceedings of the XI International Conference on Oral History, v. III.

GIMÉNEZ, F.; QUINTEIROS, Angélica Alberico de. El principio creador según los mbyá. In: VAZQUEZ, Juan Adolfo (Ed.). *Textos y Contextos. Estudios antropológico-literarios*, n. 2, Pittsburgh: University of Pittsburgh, 1992a.

_____. El principio creador entre los Mbyá. *SA*, Asunción, v. 27, n. 2, p. 31-86, 1992b.

LITAIFF, A. *Les Fils du soleil: mythes et pratiques des Indiens Mbyá-Guaraní du littoral du Brésil.* Thèse de Doctorat. Montréal: Université de Montréal, 1999.

MARTÍNEZ, Gamba C. *El canto resplandeciente. Ayvu rendy vera. Plegarias de los mbyá-guaraní de Misiones.* Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1984.

PASTORE, Luna Pastore; CRISTOBAL, Alberto. La palabra-alma de los Jeguakava Tenonde Porãnguei. *SA*, Asunción, v. 35, n. 1, p. 485-499, 1999.

STURM, F. Gillette. Ontological categories implicit in the Mbyá-Guaraní creation myth. In: PREUSS, Mary H. (Ed.). *Past, present and future:* selected papers on Latin American Indian Literatures. Culver City: Labyrinthos, 1991.

Literatura Escrita

MAINO'IRAPÉ: o caminho da sabedoria. Rio de Janeiro: IPHAN/UERJ, 2009. 76p. ISBN 9788573341232.

Literatura Digital

ALDEIA Indígena Guarani de Camboinhas. Sítio eletrônico. 2008. Disponível em: <http://www.tekoamboytyitarypu.site90.com/>. Acesso em: 20 maio 2011.

_____. Guarani Krukutu São Paulo. Sítio eletrônico. [200-]. Disponível em: <http://www.culturaguarani.org.br/homebr.html>. Acesso em: 20 maio 2011.

_____. Guarani Sapukai. Sítio eletrônico. 2008. Disponível em: <http://www.aldeiaguaranisapukai.org.br/>. Acesso em: 20 maio 2011.

CTI – CENTRO DE TRABALHO INDÍGENA. *Guarani Retã*. 2008. Disponível em: <http://www.trabalhoindigenista.org.br/Docs/GuaraniReta-2008.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

LADEIRA, M. I.; AZANHA, G. *Os índios da serra do mar*: a presença Mbyá-Guarani em São Paulo. 1988. Disponível em: <http://www.trabalhoindigenista.org.br/Docs/LadeiraMI&AzanhaG_Indios-da-serra-do-mar.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (Brasil). *Jaguatareí Nhemboé*.

Caminhando e aprendendo. Comunidade Guarani-Mbyá do Aguapéu. 2006. Disponível em: <http://www.trabalhoindigenista.org.br/Docs/PDA_Jaguatarei-Nhemboe-.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

TEKO Mbaraeterã: fortalecendo nosso verdadeiro modo de ser. Experiência do trabalho das comunidades Guarani e do Centro de Trabalho Indigenista (CTI). 2005. Disponível em: <http://www.trabalhoindigenista. org.br/livro_mbaraetera/Teko%20Mbaraetera%20%20Fortalecendo%20Nosso%20Verdadeiro %20Modo%20de%20Ser.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

9.5 Produção Audiovisual

FUTURA. *Exposição Ojapo Porã.* Brasil: Clipping TV, 2010. 1 DVD (4 min 6 seg). BR MI Videoclipe MI 062.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Tava Miri São Miguel Arcanjo, Sagrada Aldeia de Pedra: os Mbyá-Guarani nas Missões.* Porto Alegre: IPHAN, 2007. 51p. Inclui CD música.

MBYÁ Reko Vida Guarani – Eonir Teresinha Malgaresi. Documentário em Vídeo. (12 min 30 seg)

MOKOI Tekoá Petei Jeguatá – Duas aldeias, uma caminhada, 2008, 63 min, Rio Grande do Sul. Edição de Ernesto Ignacio de Carvalho. Produção de Vídeo nas Aldeias e Iphan. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php?c=25>. Acesso em: 20 maio 2011.

NOBRE, D. (Coord.). *"Uma aula Guarani Ete":* patrocínio: PETROBRAS. Direção e roteiro: Domingos Nobre. Assistente de direção: Lucio Braga. Produção: Rita Rocha. Câmeras: Domingos Nobre e Lucio Braga. Edição e finalização: Rafael Mazza. Locução: Gustavo Vargas. Fotos: Lula Aparício e Bruno Veiga: Associação Comunitária Indígena Guarani da Aldeia Sapukai (ACIGUAS), 2009. 1 DVD (1 capítulo), Tempo total: 16 min 17 seg. Filmoteca 0044.

NOBRE, D. (Dir.). *"Tape Nhemoexakã Porã Ve`a"*: "caminhos da reflexão". Direção e roteiro: Domingos Nobre. Assistente de direção: Lucio Braga. Produção: Rita Rocha. Câmeras: Domingos Nobre e Lucio Braga. Edição e finalização: Rafael Mazza. Locução: Gustavo Vargas. Fotos: Lula Aparício e Bruno Veiga: Associação Comunitária Indígena Guarani da Aldeia

Sapukai (ACIGUAS), 2009. 1 DVD (12 capítulos), Tempo total: 2 h 30 min. Filmoteca 0045.

YVÝ Poty, Yva'á flores e frutos da terra, cantos e danças tradicionais Mbyá-Guarani. Porto Alegre: IPHAN, 2009. 80p. Inclui CD de música. ISBN 9788573341249.

9.6 Estudos Linguísticos sobre o Guarani Mbya

CADOGAN, L. La lengua mbyá-guaraní. BFM, Montevideo, v. V, p. 40-42 e p. 649-670, 1949.

_____. Diccionario mbyá-guaraní-castellano. Asunción: CEADUC, 1992.

CEBOLLA BADIE, M. 2000. El conocimiento mbyá-guaraní de las aves. Nomenclatura y clasificación. *SA*, Asunción, v. 35, n. 2, p. 9-188, 1992.

CHAMORRO ARGUELLO, G. Ciclo de vida de los pueblos guaraní. Aporte lingüístico a partir de los léxicos de Antonio Ruiz de Montoya. *Suplemento Antropológico*, Asunción, v. XLII, n. I, p. 7-56, 2007.

DIETRICH, W. Mbyá, guaraní criollo y castellano: el contacto de las tres lenguas estudiado en un grupo Mbyá de Misiones. *S & S*, Buenos Aires, n. 3, p. 57-71, 1994.

DOOLEY, R. A. A constituent boundary marker in Guarani. *AAA*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 145-155, 1997.

_____. *Vocabulário do Guarani.* Brasília: SIL, 1982a.

_____. Options in the pragmatic structuring of Guarani sentences. *Language*, Baltimore, v. 58, n. 2, p. 307-331, 1982b.

_____. Spatial deixis in Guarani. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 35, n. 9, p. 1243-1250, 1983.

_____. Nasalização na língua Guarani. In: DOOLEY, R. (Comp.). *Estudos sobre línguas Tupi do Brasil*. Brasília: SIL, p. 7-35, 1984.

_____. Sentence initial elements in Brazilian Guarani. In: GRIMES, J. E. (Comp.). *Sentence initial devices*, Dallas: SIL, p. 45-69, 1986.

_____. Sentence initial elements in Brazilian Guarani. *SL*, v. 9, n. 1, p. 157-197, 1987a. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/PortTcPb.htm>. Acesso em: 20 maio 2011.

_____. Basic configuration of pragmatic structuring. *WPSIL-UND*, North Dakota, n. 31, p. 1-27, 1987b.

_____. Pragmatics and grammar. *WPSIL-UND*, North Dakota, n. 32, p. 59-86, 1988.

_____. Switch reference in Mbyá-Guarani: a fair weather phenomenon. *WPSIL-UND*, North Dakota, n. 33, p. 93-119, 1989.

_____. *Vocabulário básico do Guarani contemporâneo (dialeto Mbyá do Brasil).* ALing, Brasília: SIL, n. 196. Brasília: SIL, 1990.

_____. A double-verb construction in Mbyá-Guarani. *WPSIL-UND*, North Dakota, n. 35, p. 31-66, 1991.

_____. When switch reference moves to discourse: development markers in Mbyá-Guarani. In*:* HWANG, Shin Ja J.; MERRIFIELD, R. (Comp.). *Languages in context*, Dallas, p. 97-108. Dallas: SIL/UTA, 1992.

_____. (Ed.) *Vocabulário Guarani-Português.* Arquivo Linguístico. Curitiba: FUNAI/SIL, 1997.

_____. *Léxico Guarani, dialeto Mbyá.* Cuiabá: SIL, 1998. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/dictgram/GNDicInt.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

_____. A noncategorial approach to coherence relations: switch reference constructions in Mbyá-Guaraní. In: LOOS, Eugene E. (Ed.). *Logical relations in discourse*, Dallas, p. 219-242. Dallas, TX: SIL, 1998.

_____. *Períodos Guarani.* 2008a [1977]. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/PortTcPb.htm>. Acesso em: 20 maio 2011.

_____. *Pronouns and topicalization in Guarani texts.* 2008b [1978]. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/PortTcPb.htm>. Acesso em: 20 maio 2011.

FREITAS, M. L. de A. Estudo sobre os nomes em Mbyá-Guarani: a posse. In: Fábio Bonfim Duarte (Ed.). *Cisão de caso, felicidade e posse em línguas indígenas brasileiras.* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. (Coleção "Viva Voz").

GUDSCHINSKY, S. C.; W. M. Aaron. Some relational post-positionals of Guarani. *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*, p. 81-95. Brasília: SIL, 1971.

GUEDES, Marymarcia. *Subsídos para uma análise fonológica Mbyá.* Campinas: UNICAMP, 1983 (Dissertação de Mestrado).

_____. A configuração da palavra como condicionante fonológico em Mbyá. *Alfa*, São Paulo, v. 30, n. 31, p. 79-83, 1986/1987.

_____. *Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá.* Campinas: Ed. da UNICAMP, 1986-1987.

MARTINS, M. F. *Incorporação nominal em Guarani-Mbyá.* In: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), 1998, São José do Rio Preto. Anais, 1998.

_____. Marcador inativo de 3ª pessoa em Guarani-Mbyá. In: *Associação Brasileira de Linguística-ABRAIN*, 1999, Forianópolis. Marcador Inativo de Terceira Pessoa em Guarani-Mbyá, 1999.

_____. *Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani-Mbyá*. Campinas: Unicamp, 2003. Originalmente apresentado como tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

_____. Aspectos da fonologia prosódica do Guarani-Mbyá. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, ano 4, n. 7, 2006. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/educacao/revel/>. Acesso em: 20 maio 2011.

_____. Aspectos da fonologia prosódica do Guarani-Mbyá. *ReVEL*, edição especial, n. 3, 2009. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/eng>. Acesso em: 20 maio 2011.

_____. Ordem de Constituintes no Guarani-Mbya: tem o Mbyá uma ordem de palavras dominante? In: RODRIGUES, Aryon Dall'gna; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara (Org.). *Línguas e culturas Tupi*. Brasília: Curt Nimuendaju, 2007.

MEADER, Robert E. Guarani phonemics: dialect of rio das Cobras. *Aling*, Brasília, n. 142. Brasília: SIL, 1961.

QUEIXALÓS (Ed.). *Des noms et des verbes em tupi-guarani: état de la question.* München: Lincom Europa, 2001.

VELLARD, J.; OSUNA, Tomás. Remarques sur le dialecte des Mbwihá. *Atas do XXV CIA*, La Plata, 1932, tomo II, p. 259-263. Buenos Aires, 1934.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. A estrutura dos sintagmas nominais em Mbyá-Guarani. *Atas do III JLA*, p. 113-118. Buenos Aires, 1998.

_____. *The categorial status of lexical itens in Mbyá-Guarani*. Hermosillo/México: Editora Uni, 2000. Memorias do V Encuentro Internacional de Lingüística de el Noroeste Serie Lingüística.

_____. As sentenças possessivas em Mbyá-Guarani: evidência para a distinção nome e verbo. In: QUEIXALÓS, F. (Ed.). Des noms et des verbes en tupi-guarani: état de la question. *LINCOM Studies in Native American Linguistics*. München: LINCOM Europa, n. 37, 2001. 280p.

9.7 Estudos Etnográficos e Antropológicos

BORGES, L. C. *Os Guarani-Mbyá e a categoria tempo*. *Tellus*, Campo Grande: UCDB, ano 2, n. 2, abr. 2002. Disponível em: <ftp://neppi.ucdb.br/pub/tellus/tellus2/TL2_Luis%20carlos%20borges.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

CICCARONE, C. Drama e sensibilidade: Migração, xamanismo e mulheres mbyá. *Revista de Indias*, Espírito Santo, v. LXIV, n. 230, p. 81-96, Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, 2004.

ENRIZ, N. Apuntes para una etnografía de la comunidad Mbyá-Guaraní. In*: CONGRESO LATINOAMERICANO DE ANTROPOLOGÍA. SIMPOSIO "ANTROPOLOGÍA Y JUVENTUDES LATINOAMERICANAS: CONTRAPUNTOS Y ESTRATEGIAS URBANAS PARA EL COMIENZO DEL SIGLO".* Rosario, 2005. *Anais...* Rosario: UNR, Facultad de Humanidades y Artes, Escuela de Antropología/Comité Directivo de la Asociación Latinoamericana de Antropología, Comité Académico Latinoamericano, 2005. 1 CD-ROM.

FELIPE, A. A.; AFONSO, Maria Aparecida F. *Índios Guarani no Morro dos Cavalos.* Gravação em VHS produzida como atividade da disciplina Etnologia Geral, Ciências Sociais. Florianópolis: UFSC, 1987. Duração: 76'.

LITAIFF, A. *As divinas palavras: representações étnicas dos Guarani-Mbyá.* Florianópolis: UFSC, 1996. (Dissertação de mestrado).

_____. Etnicidade e ambiente: a questão da terra Guarani-Mbyá. *Boletim da ABA*, Brasília, n. 21, 1994.

_____; DARELLA, Maria Dorothea Post. *Os Índios Guarani-Mbyá e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.* In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 22, 2000. Fórum de Pesquisa 3: Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação. Brasília: [s.n.], 2000.

MARTINS, M. S. *Ywyra'idja: do Xamanismo às Relações de Contato – Auxiliares Xamânicos e Assessores Políticos entre os Guarani do Morro dos Cavalos (SC)*. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)

– Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. Disponível em: <http://www.scribd.com /doc/14134603/Ywyraidja-do-Xamanismo-as-Relacoes-de-Contato-Auxiliares-Xamanicos-e-Assessores-Politicos-entre-os-Guarani-do-Morro-dos-Cavalos-SC>. Acesso em: 20 maio 2011.

MELLO, F. C. de. Aetchá Nhanderukuery Karai Retarã: entre deuses e animais: xamanismo, parentesco e transformação entre os Chiripa e Mbya-Guarani. 2006. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/14134437/ Aetcha-Nhanderukuery-Karai-Retara-Entre-deuses-e-animais-Xamanismo-Parentesco-e-Transformacao-entre-os-Chiripa-e-Mbya-Guarani>. Acesso em: 20 maio 2011.

PISSOLATO, Elizabeth de P. A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani). 2006. 364 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do

Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://teses.ufrj.br/PPGAS_D/ElizabethDe PaulaPissolato.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

CAPÍTULO 10

SÍNTESES

Duas Línguas

Poty Poran Turiba Carlos, 2010

Entravada, envergonhada
É assim que eu me sinto
Quando me pedem pra me expressar
Na língua "mãe", não digo...

O que é que eu faço
Se a língua de minha alma
É diferente da língua que eu falo?

Me sinto numa corrida
Na qual já perdi
Corro atrás de uma língua
Que com ela não cresci

Não foi minha escolha
Nem foi por imposição
Minha mãe foi quem escolheu
Foi ela que disse não

Porque foi ela que sofreu
Repressão e dor
E, como boa mãe, me protegeu
Me acolhendo com seu amor

Mas ela não sabia
Que a dor que me causou
É a mais forte que eu sentia
Foi o meu povo quem me desprezou

Mokoĩ ayvu

Versão para o Guarani de Giselda Pires de Lima (Jera), 2010

Aike, axĩ reve
Ha'e rami anhenhandu
Xeayvy aguã oporundua
Nhande "ayvu" py ramo ndaxeayru

Mba'e tu xee ajapo ta,
Mba'e ta xeayvu xenhe'ẽ régua
Ayvu aiporu va'e rami e'ỹ

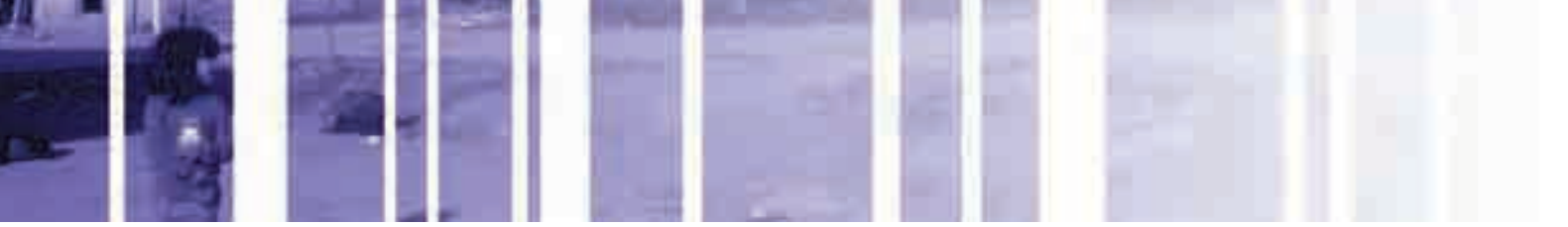
Anhenhandu peteĩ mba'e py
Ha'e py ma ja xee amokanhỹ
Anha peteĩ ayvu rakykue
Ha'e va'e reve e'ỹ akakuaa

Ha'e va'e e'ỹ xee aiporavo
Neĩ mava'eve nomoĩ
Xexy ae ma oiporavo
Ha'e ae ma any he'i

Mba'e ta ha'e oxejavai
Ha'e oiko axy
Ha'e vy ma mborayvu gui,
Onhangareko xere xerayvu'i revê

Ka'e ri ha'e ndoikuaai
Mba'e vai ojapoa xevy pe
Nda'evei vea ma
Xeretarã kuery xemombo reia

O Inventário da Língua Guarani Mbya levantou dados que demonstram o alto grau de vitalidade dessa língua indígena de grande população e extensão territorial. Abarcando 69 aldeias em Estados das regiões Sul e Sudeste do Brasil, o Inventário revelou importantes



características da comunidade linguística em questão com relação aos usos da língua e dos bens culturais que ela organiza.

Além da **presença massiva da Língua Guarani Mbya nos lares das aldeias visitadas (98%)**, outras línguas também foram indicadas como coexistentes nessas residências (situações de bilinguismo, trilinguismo e quadrilinguismo retratadas pelo ILG), demonstrando que as aldeias se afirmam como ricos ambientes multilíngues e multiculturais. As duas línguas de maior expressividade depois do Guarani Mbya foram o Português, que possui falantes declarados em todas as aldeias, e o Espanhol, que tem falantes em 32 das comunidades inventariadas.

Quanto ao Guarani Mbya, um forte indicador do seu vigor pode ser percebido na análise das faixas etárias das entrevistas individuais realizadas: entre os entrevistados, constatamos que 73% declararam ter menos de 40 anos. Esse indicador mostra o quanto a população Guarani Mbya nas comunidades visitadas é jovem. Aliado a esse dado, observamos que a quase totalidade (97%) dos jovens (abaixo de 20 anos) e adultos (entre os 20 e 40 anos) sabem a Língua Guarani Mbya.

Quanto à proficiência nessa língua indígena, 98% dos falantes Guarani Mbya entrevistados declararam proficiência plena da produção oral e 97% da compreensão oral. Quanto à leitura e escrita em Guarani, 48% e 41% afirmaram ter proficiência plena da compreensão e produção escrita (índice semelhante à escrita das outras línguas declaradas).

Outro fator decisivo para a manutenção de uma língua é sua transmissão entre as gerações. No caso do Guarani Mbya, **é altíssimo o grau de transmissão intergeracional da língua: 98% informaram transmitir a língua aos filhos, 99% aos netos e 89% aos bisnetos**. Praticamente todos os pais, avós e bisavós ensinam ou pretendem ensinar a língua aos seus descendentes. A principal razão apresentada para o interesse em manter e transmitir a língua é a continuidade da cultura e da tradição, uma vez que a língua constitui toda a cosmologia do povo Guarani.

Além do espaço doméstico, em que, conforme mencionamos, o Guarani Mbya é dominante, outros âmbitos de circulação da língua no cotidiano da sociedade, incluindo instituições, como escola e sistemas de saúde, rituais e celebrações, são igualmente importantes, pois conferem à língua e aos seus falantes legitimidade e promovem aderências e poder de representação aos bens culturais a ela articulados.

Nas escolas, a Língua Guarani Mbya divide espaço, na grande maioria dos casos (85%), com a Língua Portuguesa, constituindo um **ensino bilíngue**. Em apenas uma das escolas, localizada em Santa Catarina, o

Guarani é língua única de ensino. O Português, por outro lado, é língua exclusiva de ensino em cinco (12%) das escolas. As escolas monolíngues em Português situam-se nos Estados do Rio Grande do Sul (duas), de Santa Catarina (duas) e de São Paulo (uma).

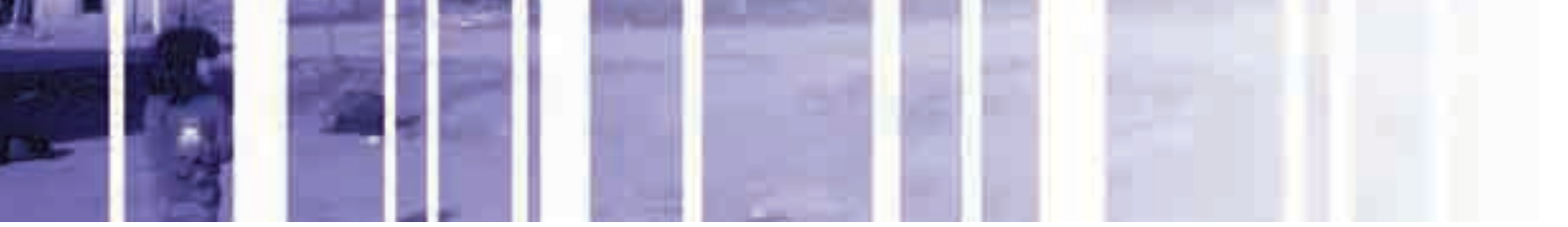
Se no sistema educacional escolar o uso bilíngue das Línguas Guarani Mbya e Português é majoritário, no sistema de saúde prevalece o uso da Língua Portuguesa, declarada a língua de atendimento em 32 comunidades, ou seja, 55% delas. O **uso bilíngue** das Línguas Guarani Mbya e do Português foi registrado em 25 postos de atendimento, correspondendo a 43% das situações, enquanto o uso monolíngue do Guarani Mbya foi constatado somente em um posto de saúde (5%), no Rio Grande do Sul.

Na *Opy*, ou casa de reza, tudo se passa em Língua Guarani. Essa dominância é contrária ao que ocorre nos espaços de instrução escolar e de atendimento à saúde, âmbitos em que a Língua Guarani Mbya divide o espaço com a Língua Portuguesa. Por isso, a importância sociolinguística desse espaço é inegável. No entanto, nem todas as comunidades possuem *Opy*. Esse espaço é presente em 44, ou 69%, das comunidades inventariadas.

Do mesmo modo que a língua em si, as atividades econômicas e culturais tradicionais e outros eventos estruturados pelos usos da língua, quando transmitidos a gerações mais jovens, configuram importantes indicadores sobre a vitalidade da língua e do povo que a fala. Artesanato, agricultura, comidas ou bebidas específicas, caça, instrumentos musicais e ritos ou celebrações figuram entre as principais atividades que envolvem o uso linguístico de Guarani Mbya no cotidiano. Sobre a transmissão desses itens, é grande o interesse dos Guarani em ensinar todas as atividades do cotidiano às gerações mais jovens (90%), sendo o Guarani Mbya a língua usada nesses ensinamentos.

A promoção de ações que abrem as atividades das comunidades para não indígenas não é consenso: em metade das aldeias inventariadas teremos informação sobre alguma atividade nessa direção. Na outra, não há menção a quaisquer dessas atividades.

A Língua Guarani, independentemente da variedade, **tem se consolidado como uma das línguas indígenas de maior expressão sociopolítica em toda a América do Sul**, gozando de estatuto oficial em diferentes âmbitos, conforme apresentamos no capítulo 7. Supranacional e oficial, a Língua Guarani projeta-se no cenário brasileiro pelo grande número de falantes distribuídos em vários Estados e municípios e pela vivacidade com que se representa nas ações políticas do País.



Abarcando uma população de aproximadamente 5.745 habitantes, contabilizando indígenas (99,8%) e não indígenas (0,2%), nas aldeias visitadas, a Língua Guarani, ou Guarani Mbya, é declarada como a de uso na casa por praticamente todos os inventariados (somente quatro indivíduos se declararam monolíngues em Português). Podemos concluir, então, que, ao excluirmos os não indígenas, o número **5.735 diz respeito aos falantes da língua.** A esse número devemos somar o de aldeias não inventariadas, seja por se localizarem em locais de difícil acesso ou, como mencionamos, por estarem mais ao norte do País, fora do escopo de abrangência do ILG.

Os Guarani têm consolidado avanços importantes na luta por educação, saúde, qualidade de vida e meio ambiente, os quais têm se revertido principalmente em políticas de formação profissional para os falantes dessa língua. Agora outro espaço político se abre para ser ocupado por este povo: o da defesa e promoção de sua língua. Nesse percurso para o reconhecimento, legitimação e promoção do Guarani Mbya, o ILG é um passo fundamental porque fornece ao Estado os elementos de que necessita para considerá-la Patrimônio Imaterial da Nação e oferece aos Guarani informações sistematizadas para que, a partir delas, discutam e planejem o futuro de sua língua.

Caracterizando-se como amplo levantamento em campo e bibliográfico a respeito da Língua Guarani Mbya, este Inventário cumpre seu objetivo mais importante agora: retorna, através desta publicação, ao Povo Guarani. **As informações levantadas pelo ILG constituem importantes insumos para a implementação de ações concretas para a preservação do patrimônio linguístico a que se refere**. Essas ações e estratégias político-linguísticas, diríamos, que elejam a língua, em todas as suas dimensões, como bem que merece atenção e promoção.

REFERÊNCIAS

ALAI – AMÉRICA LATINA EN MOVIMIENTO. I Assembleia Continental do Povo Guarani: Documento Final. 2007. Disponível em: <http://alainet.org/active/16905&lang=es>. Acesso em: 20 maio 2011.

ANTUNE S, Adão Karai Tataendy. Palavras do Xeramõi. Holambra: Cuca Fresca, 2008.

BRASIL. Secretaria do Estado de Educação de São Paulo. Formação Intercultural Superior do Professor Indígena (FISPI). Narrativas de Memória: aldeias do Estado de São Paulo. Elaboração de A. S. Martins. São Paulo: FEUSP, 2010. 124 p.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Nhembo´e¡ Enquanto o encanto permanece! Processos e Práticas de Escolarização nas Aldeias Guarani. 2005. 274 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BONAMIGO, Zélia Maria. *A economia dos Mbyá-Guaranis*: trocas entre homens e entre Deuses e homens na ilha de Cotinga, em Paranaguá – PR. Curitiba: Imprensa Oficial, 2009.

CIDOB – CONFEDERACIÓN DE PUEBLOS INDÍGENAS DE BOLIVIA. *Asamblea del Pueblo Guaraní (APG).* 2005. Disponível em: <http://www.cidob-bo.org/regionales/apg.htm>. Acesso em: 26 maio 2011.

COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. *Nhandewa aywu.* Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

CTI – CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA. Terras Indígenas e Unidades de Conservação na Mata Atlântica – áreas protegidas? *Revista Marandu*, Brasília, ano I, n. 2, set. 2004. Disponível em: <http://www.trabalhoindigenista.org.br/marandu/02/editorial.htm>. Acesso em: 24 maio 2011.

DGEEC – DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICAS, ENCUESTAS Y CENSOS – PARAGUAY. II Censo Nacional Indígena de Población y Viviendas 2002. Pueblos Indígenas del Paraguay: Resultados Finales. 2003. Disponível em: <http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/censo_indigena/Capitulo%201.pdf>. Acesso em: 26 maio 2011.

DOOLEY, Robert A. *Vocabulário do Guarani.* Brasília: Summer Institute of Lingüistics, 1982.

_____. _____. Brasília: Summer Institute of Lingüistics, 1998.

Guedes, M. *Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá.* Campinas: UNICAMP, 1991.

Guerola, C. M. *Levantamento da legislação orientadora das políticas linguísticas do guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai.* 2011. Estudo em elaboração, desenvolvido no âmbito do Projeto OLEEI, com orientação de Oliveira, G. M. de.

INDEC – INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICAS Y CENSOS. Encuesta Complementaria de Pueblos Indígenas (ECPI): Resultados por Pueblo. Disponível em: <http://www.indec.gov.ar/webcenso/ECPI/index_ecpi.asp>. Acesso em: 26 maio 2011.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Estatísticas sobre a educação escolar indígena no Brasil (2005)*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2007.

LADEIRA, Maria Inês. *Guarani Mbya*. 2003. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-mbya/print>. Acesso em: 10 mar. 2011.

_____. *Espaço geográfico Guarani. Significado, constituição e uso*. São Paulo: EDUSP, 2008.

MADEIRA, S. P. Alta fecundidade Guarani: centralidade ou vulnerabilidade da condição feminina. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero. ufsc.br/9/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 26 maio 2011.

MARTINS, M. F. *Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbyá*. 2003. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004.

_____. Aspectos da fonologia prosódica do Guarani Mbyá. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, ano 4, n. 7, 2006. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/>. Acesso em: 26 maio 2011.

MERCOSUL – MERCADO COMUM DO SUL. *Decreto n. 31, de 13 de dezembro de 2006.* Incorporação do Guarani como idioma do Mercosul. Brasília: [s.l.], 2006.

MORELLO, Rosângela; OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Uma Política Patrimonial e de Registro para as Línguas Brasileiras. Linguasagem. *Revista de Popularização Científica em Ciências da Linguagem*, v. 1, p. 2-12, 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao01/artigos_politicapatrimonial.htm>. Acesso em: 26 maio 2011.

NIMUENDAJU, Curt Unkel. *As Lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani.* São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1987. p. 28.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de (Org.). *Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. Índios urbanos, línguas urbanas: considerações político-lingüísticas sobre a urbanização dos povos indígenas. *Geografia – Revista da Universidade Federal do Amazonas*, v. 3, n. 1/2, p. 07-34, jan./dez. 2004.

PARAGUAY. Constitución Política da República del Paraguay de 1992. Disponível em: <http://www.tsje.gov.py/constitucion-nacional.php>. Acesso em: 22 jun. 2011.

RODRIGUES, A. D. Contribuições das Línguas Indígenas Brasileiras para a Fonética e a Fonologia. In: DONALD, F. Solá (Org.). *Language in the Americas.* Ithaca: Cornell University, 1984.

RODRIGUES, A. Diferenças Fonéticas entre o Tupi e o Guarani. *Arquivos do Museu Paranaense*, Curitiba, v. 4, p. 333-354, 1945.

ROSA, Helena Alpini. *A trajetória histórica da escola da comunidade Guarani de Massiambu, Palhoça/SC – um campo de possibilidades*. 2009. 181 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço.* São Paulo: Edusp, 2002.

SCHADEN, E. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. 3. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974.

SICHRA, I. (Coord.). *Atlas sociolingüístico de pueblos indígenas en América Latina.* Cochabamba: FUNPROEIB/UNICEF, 2009a. Disponível em: <http://www.movilizando.org/atlas_tomo1/pages/tomo_1.pdf>. Acesso em: 26 maio 2011.

_____. _____. Cochabamba: FUNPROEIB/UNICEF, 2009b. Disponível em: <http://www.movilizando.org/atlas_tomo1/pages/tomo_2.pdf>. Acesso em: 26 maio 2011.

TESTA, Adriana Queiroz. *Palavra, sentido e memória: educação e escola nas lembranças dos Guarani Mbyá.* 2007. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

TRIDAPALLI, K. S. *Conquistas, desafios e perspectivas do ensino bilíngue e intercultural na Educação Escolar Indígena: estudos em aldeias Guarani-Mbyá de Santa Catarina e Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado em finalização, realizada sob a orientação da Profª. Dra. Rosangela Morello (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação da Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

VIEIRA, Ismênia de Fátima. *Educação Escolar Indígena: as vozes Guarani sobre a escola na aldeia.* 2006. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ANEXOS

Anexo 1 – Lista de aldeias tomadas por base x Aldeias inventariadas pelo ILG

Lista de aldeias tomadas por base *Ladeira & Matta (Orgs.). Terras Guarani no Litoral: As matas que foram reservadas aos nossos antigos avós = Ka'agüy Oreramói kuéry olou rive vaekue y. São Paulo: CTI, 2004.*			**Aldeias inventariadas pelo ILG**
ESTADO	**Terra Indígena (TI) Aldeia (A)**	**Aldeia/Município**	**Aldeias/Município**
RS	Mato Preto (Ka'a ty)	Aldeia/ Getúlio Vargas	Sim
	TI Guarani Votouro A. Guabiroba	Aldeia (presença Mbya e Xiripa) / São Valentim	Sim
	Inhacapetum (Ko'e Ju)	Aldeia/ São Miguel das Missões	Sim
	Irapuá (Pyau)	Aldeia/ Caçapava do Sul	Sim
	Coxilha da Cruz (Porã)	Aldeia/ Barra do Ribeiro	Sim
	Passo Grande	Aldeia/ Barra do Ribeiro	Sim
	Lomba do Pinheiro (Anhetengua)	Aldeia/ Porto Alegre	Sim
	Cantagalo (Jataity)	Aldeia (presença Mbya e Xiripa)/ Viamão / Porto Alegre	Sim
	Estiva (Nhuũndy)	Aldeia (presença Mbya e Xiripa)/ Viamão	Sim
	Capivari (Yryapu)	Aldeia/ Palmares do Sul	Sim
	Granja Vargas	Aldeia/ Palmares do Sul	Sim
	Varzinha (Ka'agüy Paũ)	Aldeia/ Maquiné / Caraã	Sim
	Campo Bonito (Guapo'y Porã)	Aldeia Torres	Sim
	TI Guarita - Kaingang e Guarani A. Gengiva	Aldeia/ Em verificação	Não visitada
	Mata São Lourenço	Aldeia/São Miguel das Missões	Não visitada
	Ruínas de São Miguel	Aldeia/ São Miguel das Missões	Não visitada
	Salto Grande do Jacuí	Aldeia/ Salto do Jacuí	Não visitada
	TI Estrela Velha A. Itaixỹ	Aldeia/ Estrela Velha	Não visitada
	Água Grande (Ka'a mirĩdy)	Aldeia/ Camaquã	Não visitada
	Pacheca	Aldeia/ Camaquã	Não visitada
	Velhaco	Aldeia/ Tapes	Não visitada
	Passo da Estância	Aldeia/ Barra do Ribeiro	Não visitada
	Itapuã (Pindo Mirim)	Aldeia (presença Mbya e Xiripa)/ Viamão	Não visitada
	Rio Capivari (Porãy)	Aldeia/ Capivari do Sul	Não visitada
	Barra do Ouro (Nhuũ Porã)	Aldeia/ Maquiné / Carãa /Riozinho	Não visitada

ESTADO	Terra Indígena (TI) Aldeia (A)	Aldeia/Município	Aldeias/Município
RS	Riozinho (Itapoty)	Aldeia/ Riozinho	Não visitada
	-	-	Petim - Aldeia/ Guaíba
	-	-	Nhanderú - Aldeia/ Osório
	-	-	Ximboy (Orenau) - Aldeia/ Santa Maria
	-	-	Flor do Campo - Aldeia/ Barra do Ribeiro
	-	-	Pindo Poty (Lami) - Aldeia/ Viamão
	-	-	Passo Grande II - Aldeia/ Barra do Ribeiro
	-	-	Pindomirim - Aldeia/ Viamão
	-	-	Pinheiro - Acampamento/ Maquine
RJ	Parati Mirim (Porã Marãey) - Itaxi-Mirim	Aldeia/ Parati	Sim
	Araponga / Patrimônio	Aldeia/ Parati	Não visitada
	Bracuí (Sapukai)	Aldeia/ Angra dos Reis	Não visitada
	-	-	Saco do Mamanguá/ Aldeia/ Parati
SC	TI Xapecó Kaingang e Guarani A. Limeira	Aldeia (presença Mbya e Xiripa)/ Xanxerê	Sim
	TI Cachoeira dos Inácios A. Marangatu	Aldeia/ Imaruí	Sim
	Massiambu	Aldeia/ Palhoça	Sim
	Morro dos Cavalos (Yma)	Aldeia (presença Mbya e Xiripa)/ Palhoça	Sim
	Mbiguaçu Yynn Morott Whera	Aldeia (presença Mbya e Xiripa)/ Biguaçu	Sim
	Piraí A. Tiaraju	Aldeia/ Araquari	Sim
	Tarumã (Corveta)	Aldeia (presença Mbya e Xiripa) Araquari	Sim
	A. Pindoty	Aldeia/ Araquari / Balneário Barra do Sul	Sim
	A. Jabuticabeira	Aldeia/ Araquari / Balneário Barra do Sul	Sim
	A. Conquista	Aldeia/ Araquari / Balneário Barra do Sul	Sim
	Araçá'i	Aldeia (presença Mbya e Xiripa)/ Saudades	Não visitada
	TI Ibirama La Klãnõ Kaingang, Xokleng e Guarani A. Tateto	Aldeia/ Em verificação	Não visitada
	Morro Alto (Laranjeiras)	Aldeia/ São Francisco do Sul	Não visitada
	Tapera (Figueira / Araçá)	Aldeia/ São Francisco do Sul	Não visitada
	Garuva	Local de parada/ Garuva	Não visitada
	Yakã Porã	Aldeia/ Garuva	Não visitada
	-	-	Praia de Fora - Aldeia/ Palhoça
	-	-	Tekoa Vyá - Aldeia/ Major Gercino

ESTADO	Terra Indígena (TI) Aldeia (A)	Aldeia/Município	Aldeias/Município
SC	-	-	Amaral - Aldeia/ Sorocaba de Dentro
	-	-	Cambirela - Aldeia/ Palhoça
	-	-	Tavaí - Aldeia/ Canelinha
	-	-	Yvapuru - Aldeia/ São Francisco do Sul
	-	-	Itanhaé - Aldeia/ Biguaçu
	-	-	Amâncio - Aldeia/ Biguaçu
ES	Três Palmeiras	Aldeia/ Aracruz	Sim
	Boa Esperança	Aldeia/ Aracruz	Sim
	Piraquê-açu	Aldeia/ Aracruz	Sim
	Caeiras Velhas	Aldeia/ Aracruz	Sim
	Serra do Caparão	Aldeia/ Dores do Rio Preto - Divino São Lourenço	Não visitada
	-	-	Olho d´Água - Aldeia/ Aracruz
PR	A. Pinhal	Aldeia/ Espigão Alto do Iguaçu - Nova Laranjeiras do Sul	Sim
	A. Ilha da Cotinga (Jakutinga)	Aldeia/ Paranaguá (Ilha da Cotinga e Rasa da Cotinga)	Sim
	Cerco Grande (Kuaray Guata Porã)	Aldeia/ Guaraqueçaba	Sim
	TI Ivaí - Kaingang, Xetá e Guarani	Aldeia/ Pitanga - Manoel Ribas	Não visitada
	Diamante (Añetete)	Aldeia (presença Mbya e Xiripa) / Diamante d'Oeste - Ramilândia	Não visitada
	A. Tapiti	Aldeia/ Espigão Alto do Iguaçu - Nova Laranjeiras do Sul	Não visitada
	A. Água Santa	Aldeia/ Espigão Alto do Iguaçu - Nova Laranjeiras do Sul	Não visitada
	TI. Mangueirinha - Kaingang e Guarani A. Palmeirinha	Aldeia/ Mangueirinha - Chopinzinho - Coronel Vivida	Não visitada
	Rio Areia	Aldeia (presença Mbya e Xiripa) / Inácio Martins	Não visitada
	Pirakuára (Karugua)	Aldeia/ Piraquara	Não visitada
	Sambaqui	Aldeia/ Pontal do Paraná	Não visitada
	Morro das Pacas	Aldeia/ Guaraqueçaba (Ilha do Superagui)	Não visitada
	-	-	Ocoy - Aldeia/ São Miguel do Iguaçu

ESTADO	Terra Indígena (TI) Aldeia (A)	Aldeia/Município	Aldeias/Município
PR	-	-	Tekoa Itamarã - Aldeia/ Diamante d´Oeste
	-	-	Lebre - Aldeia/ Nova Laranjeiras
	-	-	Karaguatá - Aldeia/ Pontal do Paraná
	-	-	Araçaí - Aldeia/ Piraquara
SP	A. Ilha do Cardoso (Yvyty Parapaũ)	Aldeia/ Cananéia (Ilha do Cardoso)	Sim
	Pindoty	Aldeia/ Pariquera-Açu	Sim
	Subaúma (Gwawira)	Aldeia/ Iguape	Sim
	A. Urui-ty	Aldeia/ Miracatu	Sim
	Rio Branco (Yy xĩ)	Aldeia/ Itanhaém - São Vicente - São Paulo	Sim
	Itaóca (Tekoa Porã)	Aldeia (presença Mbya e Xiripa)/ Mongaguá	Sim
	Aguapeú	Aldeia/ Mongaguá	Sim
	Krukutu (Pyau)	Aldeia/ São Paulo /São Bernardo do Campo	Sim
	Rio Branco de Cananéia	Aldeia/ Cananéia	Não foi visitada
	Itapitangui	Aldeia/ Cananéia	Não foi visitada
	Porto Cubatão (Pirai)	Aldeia/ Cananéia	Não foi visitada
	Juréia (Yvyty Mirĩ)	Aldeia (presença Mbya e Kaiova)/ Iguape	Não foi visitada
	Sete Barras (Peguaoty)	Aldeia/ Sete Barras	Não foi visitada
	TI Serra dos Itatins A. Capoeirão	Aldeia/ Itariri	Não foi visitada
	Paranapoã / Xixova Japuí	Aldeia (presença Mbya e Xiripa)/ São Vicente	Não foi visitada
	TI Barragem / Morro da Saudade (Tenonde Porã)	Aldeia/ São Paulo	Não foi visitada
	Jaraguá	Aldeia/ São Paulo	Não foi visitada
	TI Ribeirão Silveira (Moroti)	Aldeia (presença Mbya e Xiripa)/ São Sebastião - Bertioga - Salesópolis	Não foi visitada
	-	-	Takuari-ty - Aldeia/ Cananéia
	-	-	Itapu-Mirim - Aldeia/ Registro
	-	-	Amba Porã - Aldeia/ Miracatu
	-	-	Itapuã - Aldeia/ Iguape
	-	-	Itapé - Aldeia/ Iguape
	-	-	Jaji-ty - Aldeia/ Iguape

Anexo 2 – Trecho da nova Constituição da República do Paraguai (1992), que oficializa o Guarani ao lado do Espanhol (em seu Artigo 140) naquele país.

CONSTITUCIÓN NACIONAL
de la República del Paraguay

PREÁMBULO

El pueblo paraguayo, por medio de sus legítimos representantes reunidos en Convención Nacional Constituyente, invocando a Dios, reconociendo la dignidad humana con el fin de asegurar la libertad, la igualdad y la justicia, reafirmando los principios de la democracia republicana, representativa, participativa y pluralista, ratificando la soberanía e independencia nacionales, e integrado a la comunidad internacional, **SANCIONA Y PROMULGA** esta Constitución.
Asunción, 20 de junio de 1992

PARTE I
DE LAS DECLARACIONES FUNDAMENTALES, DE LOS DERECHOS, DE LOS DEBERES Y DE LAS GARANTÍAS
(...)
TÍTULO I
DE LA NACIÓN Y DEL ESTADO
CAPÍTULO I
DE LAS DECLARACIONES GENERALES

DE LA SUPREMACÍA DE LA CONSTITUCIÓN

Artículo 137 - La ley suprema de la República es la Constitución. Esta, los tratados, convenios y acuerdos internacionales aprobados y ratificados, las leyes dictadas por el Congreso y otras disposiciones jurídicas de inferior jerarquía, sancionadas en consecuencia, integran el derecho positivo nacional en el orden de prelación enunciado.
Quienquiera que intente cambiar dicho orden, al margen de los procedimientos previstos en esta Constitución, incurrirá en los delitos que se tipificarán y penarán en la ley.
Esta Constitución no perderá su vigencia ni dejará de observarse por actos de fuerza o fuera derogada por cualquier otro medio distinto del que ella dispone.
Carecen de validez todas las disposiciones o actos de autoridad opuestos a lo establecido en esta Constitución.

DE LA VALIDEZ DEL ORDEN JURÍDICO

Artículo 138 - Se autoriza a los ciudadanos a resistir a dichos usurpadores, por todos los medios a su alcance. En la hipótesis de que esa persona o grupo de personas, invocando cualquier principio o representación contraria a esta constitución, detenten el poder público, sus actos se declaren nulos y sin ningún valor, no vinculantes y, por lo mismo, el pueblo en ejercicio de su derecho de resistencia a la opresión, queda dispensado de su cumplimiento.

Los estados extranjeros que, por cualquier circunstancia, se relacionen con tales usurpadores no podrán invocar ningún pacto, tratado ni acuerdo suscrito o autorizado por el gobierno usurpador, para exigirlo posteriormente como obligación o compromiso de la República del Paraguay.

DE LOS SÍMBOLOS

Artículo 139 - Son símbolos de la República del Paraguay:

1. el pabellón de la República;
2. el sello nacional, y
3. el himno nacional.

La ley reglamentará las características de los símbolos de la República no previstos en la resolución del Congreso General Extraordinario del 25 de noviembre de 1842, y determinando su uso.

DE LOS IDIOMAS

Artículo 140 - El Paraguay es un país pluricultural y bilingüe.

Son idiomas oficiales el castellano y el guaraní. La ley establecerá las modalidades de utilización de uno y otro. Las lenguas indígenas, así como las de otras minorías, forman parte del patrimonio cultural de la Nación.

Anexo 3 – Decreto n. 31/06, que torna o Guarani língua oficial de trabalho do MERCOSUL ao lado do Português e do Espanhol.

MERCOSUL/LXVI GMC/P. DEC. Nº 31/06

INCORPORAÇÃO DO GUARANI COMO IDIOMA DO MERCOSUL

TENDO EM VISTA: O Tratado de Assunção, o Protocolo de Ouro Preto, e as Decisões Nº 02/95 e 18/98 do Conselho do Mercado Comum.

CONSIDERANDO:

Que os Ministros de Cultura do MERCOSUL na sua XXIII Reunião celebrada no dia 21 de novembro de 2006, no Rio de Janeiro, sugerem a incorporação do idioma Guarani como um dos idiomas oficiais do bloco.

Que o idioma Guarani é o idioma oficial de um dos Estados Partes do MERCOSUL.

Que na II Reunião Especializada de Cultura do MERCOSUL, realizada no dia 2 de agosto de 1995, declarou-se o Guarani como uma das línguas históricas do MERCOSUL.

Que os Parlamentos da República do Paraguai e da República Oriental do Uruguai decidiram apoiar a proposta de declarar o idioma Guarani como idioma oficial do MERCOSUL, o que seria um ato de estrita justiça histórica e de equidade social e cultural do bloco.

O CONSELHO DO MERCADO COMUM

DECIDE:

Art. 1 – Incorporar o Guarani como um dos idiomas do MERCOSUL.

Art. 2 – Os idiomas de trabalho no MERCOSUL serão os idiomas oficiais estabelecidos no Artigo 46 do Protocolo de Ouro Preto.

Art. 3 – Esta Decisão não necessita ser incorporada ao ordenamento jurídico dos Estados Partes, por regulamentar aspectos da organização ou do funcionamento do MERCOSUL.

LXVI GMC – Brasília, 13/XII/06

Anexo 4 – Lei n. 848, sancionada em 24 de maio de 2010, a qual co-oficializa a Língua Guarani, ao lado do Português, no Município de Tacuru, Mato Grosso do Sul

CÂMARA MUNICIPAL DE TACURI
Estado de Mato Grosso do Sul
"Renovação e Trabalho" - Gestão 2009/2010
CNPJ 03.890.746/0001-06

PROJETO DE LEI 009/2.010

DISPÕE SOBRE A CO-OFICIALIZAÇÃO DA LINGUA GUARANI, A LINGUA PORTUGUESA, NO MUNICIPIO DE TACURU-MS.

Artigo 1º - A língua portuguesa é o idioma oficial da Republica Federativa do Brasil.

Parágrafo Único – Fica estabelecido que o município de Tacuru-MS, passa a ter como língua co-oficial a Guarani.

Artigo 2º - O status de língua co-oficial concedido por este objeto, autoriza o município:

§ 1º - A prestar serviços públicos básicos de atendimento na área de saúde na língua oficial e na língua co-oficial.

§ 2º - Em caso de campanha de prevenção de doenças , bem como de tratamento, fica autorizado o município a utilizar além da língua oficial, a língua co-oficial.

§ 3º - Incentivar e apoiar o aprendizado e o uso da língua co-oficial nas escolas municipais e nos meios de comunicação.

Artigo 3º - Em nenhum caso alguém pode ser discriminado por razão da língua co-oficial em que se manifeste.

Artigo 4º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, em 05 de abril de 2.010.

Vereadores:

EZRUL MARTINS — VALMIR OTILIO DA SILVEIRA

ADAILTON DE OLIVEIRA — PAULO SERGIO LOPES MELLO

ALFREDO MARTINS GARAY — ANDERSON MACIEL MARQUES

AILTON MILANI GRANGEIRO — JOSÉ ALVES DOS ANJOS

CARLOS ALBERTO PELEGRINI

CÂMARA MUNICIPAL DE TACUR
Estado de Mato Grosso do Sul
"Renovação e Trabalho" - Gestão 2009/2010
CNPJ 03.890.746/0001-06

JUSTIFICATIVA AO PROJETO DE LEI 009/2.010

Ao apresentarmos este projeto, temos como objetivo a co-oficialização da língua Guarani em nosso município, autorizando o município a utilizar além da língua oficial "a língua portuguesa" a língua co-oficial a Guarani.

Possibilita ainda a língua co-oficial a ser utilizada na prestação de serviços públicos básicos tais como campanha de prevenção de doenças, e de demais serviços sociais e culturais que envolvem uma grande parte de nossos munícipes, alem de melhor incentivar e apoiar o aprendizado em nossas escolas municipais, considerando-se ainda que, aproximadamente 30 % (trinta por cento) de nossa população é indígena, usando na sua grande maioria a língua Guarani para a comunicação.

Sala das Sessões, em 05 de abril de 2.010.

Vereadores:

EZAUL MARTINS **VALMIR OTILIO DA SILVEIRA**
ADAILTON DE OLIVEIRA **PAULO SERGIO LOPES MELLO**
ALFREDO MARTINS GARAY **ANDERSON MACIEL MARQUES**
AILTON MILANI GRANGEIRO **JOSÉ ALVES DOS ANJOS**
CARLOS ALBERTO PELEGRINI